



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS DE IMPERATRIZ - CCIM
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS/SOCIOLOGIA

JEAN PIERR DE SOUSA VIANA FIGUEIREDO

**EDUCAÇÃO POPULAR E O PROTAGONISMO DAS MULHERES DA
COMUNIDADE VIVA DEUS NA CIDADE DE IMPERATRIZ-MA**

IMPERATRIZ/MA

2024

JEAN PIERR DE SOUSA VIANA FIGUEIREDO

**EDUCAÇÃO POPULAR E O PROTAGONISMO DAS MULHERES
DA COMUNIDADE VIVA DEUS NA CIDADE DE IMPERATRIZ-MA**

Trabalho de Conclusão do Curso, tipo Monografia
apresentado ao Curso de Licenciatura em Ciências
Humanas com habilitação em Sociologia, do Centro
de Ciências de Imperatriz, da Universidade Federal
do Maranhão como requisito para obtenção do título
de Licenciado em Ciências Humanas.

Orientadora: Profa. Dra. Betania Oliveira Barroso

IMPERATRIZ/MA

2024

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Figueiredo, Jean Pierr de Sousa Viana.

Educação popular e o protagonismo das mulheres da
Comunidade Viva Deus na cidade de Imperatriz-MA / Jean
Pierr de Sousa Viana Figueiredo. - 2024.
104 f.

Orientador(a): Betania Oliveira Barroso.

Monografia (Graduação) - Curso de Ciências Humanas -
Sociologia, Universidade Federal do Maranhão, Universidade
Federal do Maranhão-ufma, 2024.

1. Educação Popular. 2. Protagonismo Feminino. 3.
Gênero. 4. Luta No Campo. 5. . I. Barroso, Betania
Oliveira. II. Título.

JEAN PIERR DE SOUSA VIANA FIGUEIREDO

**EDUCAÇÃO POPULAR E O PROTAGONISMO DAS MULHERES
DA COMUNIDADE VIVA DEUS NA CIDADE DE IMPERATRIZ-MA**

Trabalho de Conclusão do Curso, tipo Monografia
apresentado ao Curso de Licenciatura em Ciências
Humanas com habilitação em Sociologia, do Centro
de Ciências de Imperatriz, da Universidade Federal
do Maranhão como requisito para obtenção do título
de Licenciado em Ciências Humanas.

Orientadora: Profa. Dra. Betania Oliveira Barroso

APROVADO em: 25 de julho de 2024

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dra. Betania de Oliveira Barroso
(Orientadora – UFMA/CCSST/LCH)

Profa. Dra. Roseane Arcanjo Pinheiro
(1^a examinadora- Curso de Jornalismo/UFMA/Imperatriz)

Profa. Ma. Jullyana Cristhina Almeida de Freitas
(2^a examinadora-Universidade Federal do Norte do Tocantins/UFNT)

IMPERATRIZ/MA

2024

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho monográfico as sujeitas da Comunidade Viva Deus
que, através da Educação Popular de Paulo Freire, se tornaram sujeitas
conscientes do mundo, idem, da própria existência como mulheres
que sabem dizer a sua palavra geradora.

AGRADECIMENTOS

Início agradecendo aos meus Orixás e aos deuses do universo que sempre me guiaram na direção do melhor caminho a escolher na vida. É primordial dedicar e honrar meus pais Jacira e Otacílio com esta produção acadêmica, pois são pessoas que sempre sonharam ter um dos três filhos formado, momento que se confirma com a defesa deste trabalho de pesquisa e extensão em Educação Popular. Em vista disso, tenho sempre a certeza de que no plano espiritual eles estão em festa comemorando comigo essa conquista profissional e de vida.

Do mesmo modo, agradeço meus familiares (irmãos e sobrinhas), em especial, meus filhos Vinicius, Cecília e Murilo pessoas por quem tenho imenso agradecimento, pois são sujeitos que me apoiam e me amam, igualmente, gratidão eterna a meu amado esposo e parceiro de vida César Figueiredo o responsável por despertar em mim a vontade de trilhar os caminhos acadêmicos. Também é precípuo o agradecimento a minha orientadora Professora Dra. Betania Oliviera Barroso que, academicamente, reconheceu e acreditou no meu potencial enquanto graduando, ainda, foi a educadora que pela primeira vez me apresentou a Comunidade Viva Deus dizendo: este é o professor Jean, momento que marcou para sempre a minha trajetória e me ensinou que **ser professor é compreender o lugar de existência das pessoas**.

Além disso, reconheço a importante contribuição de todos os professores da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), que cooperaram para a minha formação. Durante a minha trajetória de vivências e formação tive a honra de trabalhar com o Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu (MIQCB), representado nesse período, pela companheira Rosalva Gomes, carinhosamente chamada de Rosa, que muito ensinou a todos que estavam na labuta pela conquista da terra, território e protagonismo das sujeitas da Viva Deus, assim como, ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e demais movimentos que lutam defendendo as questões atinentes a conquista da terra e território através da Reforma Agrária no Brasil.

Tenho a honrado de ter conquistado amigos que compartilharam e labutaram comigo momentos difíceis, grandes conquistas e alegrias dentro do Projeto de Ensino Pesquisa e Extensão em Educação Popular (GEPEEP/UFMA). Meus agradecimentos especiais as amigas Mônica Juliana, Jullyana Cristina e os amigos João Lucas, Marco Lira e Fernando Brasil, também, as (aos) amigas (os) e educadoras (es) que sempre dialogaram comigo sobre os temas pertinentes a educação: Roseane Arcanjo, Eró Cunha, Mônica Mourão e Eduardo Amorim. Em relação a Comunidade Viva Deus, meus agradecimentos genuínos a todas (os) as (os)

companheiras (os) com quem tive enorme aprendizado no sentido de valorizar e fortalecer os modos de vida e os saberes das comunidades tradicionais, espoliadas pelo avanço violento do capital. Enfatizando que, a atuação das comunidades tradicionais sejam elas ribeirinhas, quilombolas, indígenas, quebradeiras de coco babaçu ou trabalhadores rurais compreendem o equilíbrio ente o manejo da terra e o respeito a biodiversidade na perspectiva de preservar a natureza e o planeta.

Finalizando, deixo meu profundo agradecimento as companheiras Zizi, Zenilde e Analina que estiveram em diálogo constante comigo durante a produção deste trabalho de encorajamento e protagonismo que visa a emancipação destas sujeitas potentes. E com pesar, agradeço e dedico esta produção acadêmica a companheira Eunice, falecida em 2023, uma mulher de alegria contagiante, amorosa e lutadora que sonhou coletivamente alcançar a conquista da terra e território Viva Deus.

Concluindo, agradeço à Paulo Freire o eterno patrono da Educação Popular um **Educador Humanizado** que tornou possível através do seu legado a formação de professoras e professores que compreendem e respeitam a vivência e os saberes das inúmeras comunidades tradicionais que habitam nosso país, quais sejam: quilombolas, ribeirinhas, indígenas, quebradeiras de coco babaçu dentre outras. A Educação Popular de Freire comprova que a produção do conhecimento pode ser construída de maneira humana e amorosa, ainda, pode encorajar e emancipar as (os) sujeitas (os) no processo de transformação do mundo através da ação reflexiva e prática da palavra geradora.

“Saber ensinar não é transferir conhecimento aos aprendizes, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou sua construção”.

(Freire, 2011, p. 33)

LISTA DE IMAGENS

Imagem I – Folder das atividades formativas com a Viva Deus.	17
Imagem II - Sala de aula e espaço de socialização da comunidade	18
Imagem III – Mandala Viva na I Festa da Colheita	19
Imagem IV – Barracão da comunidade	23
Imagem V - Manifestação de protesto contra a destruição do Cerrado	25
Imagem VI – Colheita de arroz e feijão da Comunidade Viva Deus	33
Imagem VII – Aula sobre a valorização de cultivar a terra	35
Imagem VIII – Assembleia e construção da Cartografia Social da comunidade.....	44
Imagem IX – Certificado de alfabetização e participação na assembleia de moradores.....	61
Imagem X – Companheiras e o Advogado Rafael Silva na sede do INCRA.	62
Imagem XI – Casas com identificação da empresa que fornece energia elétrica	62
Imagem XII – Folder da II Festa da Colheita e ornamentação do espaço.	63
Imagem XIII – Expressão artística e culinária das sujeitas	66
Imagem XIV – Reunião para discutir sobre os ataques da Suzano a comunidade.....	67
Imagem XV – Contribuição do MIQCB com as atividades de encorajamento das sujeitas	71
Imagem XVI – Relatos de luta e resistência na I Festa do Coco.	72
Imagem XVII – Aula de fortalecimento da consciência coletiva e união no acampamento.....	73
Imagem XVIII – Inclusão do conflito Viva Deus no Tribunal Permanente do Povos.	74
Imagem XIX – Companheiras e o advogado Rafael Silva no INCRA.....	75
Imagem XX – Rosalva Gomes exemplo de luta e resistência feminina.....	76
Imagem XXI – Participação das companheiras do MIQCB na Viva Deus.	77
Imagem XXII – Momento de socialização e último registro com a companheira Eunice	78

Imagem XXIII – Certificado de Alfabetização de Dona Zenilde	81
Imagem XXIV – Santinho da candidata Zenilde Silva a vereadora pela cidade de Imperatriz.....	82
Imagem XXV – Recusa da Procuradoria da República no Município de Imperatriz na apuração dos ataques da Empresa Suzano Celulose e Papel a Comunidade Viva Deus.	83
Imagem XXVI – Dona Zenilde e Gato Felix na assembleia final do Tribunal Permanente dos Povos em Goiânia-GO	84
Imagem XXVII – Dona Zenilde gravando o relato de denúncia no caso Viva Deus no Tribunal Permanente dos Povos	85
Imagem XXVIII – Representantes do GEPEEP, MIQCB e Viva Deus no encerramento do Tribunal Permanente dos Povos.	85

RESUMO

Este trabalho apresenta uma análise sobre a contribuição da Educação Popular no processo de encorajamento e protagonismo das mulheres da Comunidade Viva Deus na cidade de Imperatriz-MA. Ainda, apresenta de forma breve o contexto histórico de luta do movimento feminista no Brasil, também, a resistência das mulheres diante das amarras sociais impostas pelo patriarcado, a exemplo do conceito *eterno feminino*, idealizado para aprisionar as sujeitas em dogmas cristalizados socialmente na perspectiva de excluí-las do debate social. Assim, o Movimento Sufragista, notadamente, representa a primeira conquista do ativismo feminino e originou uma trajetória de lutas com o objetivo de emancipar as sujeitas no contexto social, político e econômico, além disso, o protagonismo diante das ações e decisões que impactam diretamente suas vidas. Fundamentado nos ensinamentos freirianos e reconhecendo na Educação Popular um sistema educacional que contribui para o encorajamento das mulheres da Comunidade Viva Deus assumirem a postura de protagonistas perante os conflitos enfrentados pela Associação de Agricultores Rurais Viva Deus, desenvolvemos o trabalho de alfabetização e formação política que provocou nas mulheres um movimento de reflexão crítica e prático perante a conjuntura violenta que enfrentam, ou seja, uma dinâmica que as conduziu ao rompimento das construções sociais que, insistentemente, operam para reprimir o *Ser mulher*. No decorrer do trabalho de alfabetização e formação política mulheres com Zizi, Analina, Eunice e, em especial, Zenilde, compreenderam que são capazes de contribuir para transformar a realidade na qual estão inseridas, logo, assumiram uma postura participativa e consciente, interagindo de maneira reflexiva e prático nos espaços de decisão como as assembleias da Associação de Agricultores Rurais Viva Deus. No decurso das atividades, metodologicamente, trabalhamos com a identificação das *situações-problemas-desafios* no Círculo de Cultura e a partir da Palavra Geradora construímos textos coletivos que fortaleceram a compreensão das educandas durante o período de formação. Ressaltando que a ênfase ao nome de Zenilde se dá em virtude da sua perseverança na luta pela posse da terra o qual a torna personagem central desta produção acadêmica. Desse modo, a fim de identificar a contribuição da Educação Popular no processo citado, utilizamos os métodos da pesquisa-ação em nossa prática pedagógica, alicerçados nas obras de Paulo Freire que compreende a educação como uma ferramenta de libertação das (os) sujeitas (os) diante do sistema opressor. Igualmente, nos fundamentos nas obras de autoras como Simone de Beauvoir e Rosa Luxemburgo que discorrem em suas produções sobre a perspectiva de gênero e o papel da mulher na sociedade, dentre outras (os) autoras (es) que colaboram para a discussão desta pesquisa.

Palavras-chave: Educação Popular; Protagonismo Feminino; Gênero; Luta no campo.

ABSTRACT

This work presents an analysis of the contribution of Popular Education in the process of encouraging and leading women in the Viva Deus Community in the city of Imperatriz-MA. Furthermore, it briefly presents the historical context of the struggle of the feminist movement in Brazil, as well as the resistance of women in the face of social constraints imposed by patriarchy, such as the eternal feminine concept, designed to imprison subjects in socially crystallized dogmas from the perspective of exclude them from social debate. Thus, the Suffrage Movement, notably, represents the first achievement of female activism and originated a trajectory of struggles with the objective of emancipating women in the social, political and economic context, in addition, the protagonism in the actions and decisions that directly impact their lives. Based on Freirian teachings and recognizing in Popular Education an educational system that contributes to encouraging women from the Viva Deus Community to assume the role of protagonists in the conflicts faced by the Viva Deus Rural Producers Association, we developed the literacy and political training work that provoked in women, a movement of critical and practical reflection in the face of the violent situation they face, that is, a dynamic that led them to break the social constructions that, insistently, operate to repress Being a woman. During the literacy and political training work, women with Zizi, Analina, Eunice and, in particular, Zenilde, understood that they are capable of contributing to transforming the reality in which they are inserted, therefore, they assumed a participatory and conscious stance, interacting in a reflective and practical in decision-making spaces such as the assemblies of the Viva Deus Rural Producers Association. During the activities, methodologically, we worked with the identification of situations-problems-challenges in the Culture Circle and, based on the Generating Word, we constructed collective texts that strengthened the students' understanding during the training period. Emphasizing that the emphasis on Zenilde's name is due to her perseverance in the fight for possession of the land, which makes her a central character in this academic production. Thus, in order to identify the contribution of Popular Education in the aforementioned process, we used the methods of action research in our pedagogical practice, based on the works of Paulo Freire who understands education as a tool for liberating the subjects (the) in the face of the oppressive system. Likewise, based on the works of authors such as Simone de Beauvoir and Rosa Luxemburgo who discuss in their productions the gender perspective and the role of women in society, among other authors who contribute to the discussion of this research.

Keywords: Popular Education; Female Protagonism; Gender; Fight on the field.

LISTA DE ABREVIATURA E SIGLAS

INCRA - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

UFMA - Universidade Federal do Maranhão

MIQCB - Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu

MST - Movimento dos trabalhadores Rurais Sem Terra

GEPEEP - Grupo de Ensino, Pesquisa e Extensão em Educação Popular

SESI - Serviço Social da Indústria

CNPq - Conselho Nacional de Pesquisa

ENEM - Exame Nacional do Ensino Médio

IFEs - Institutos Federais de Ensino Superior

CF/88 - Constituição de 1988

LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

FCP - Feminismo Camponês Popular

MMC - Movimento de Mulheres Camponesas

CEMAR - Central Elétrica do Maranhão S/A

STF - Supremo Tribunal Federal

CVRD - Companhia Vale do Rio Doce

TPP - Tribunal Permanente dos Povos

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	15
1.1 JUSTIFICATIVA	21
1.2 OBJETIVOS	27
1.2.1 Objetivo Geral	27
1.2.2 Objetivo específicos	27
1.3 DELIMITAÇÃO DO TEMA E PROBLEMA DE PESQUISA.	27
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	29
2.1 A VIDA DE PAULO FREIRE E A CONSCIENTIZAÇÃO DOS SUJEITOS: CAMINHOS PARA UMA PEDAGOGIA TRANSFORMADORA.....	31
2.2 EDUCAÇÃO POPULAR NA PERSPECTIVA DE PAULO FREIRE: SOBRE O DESAFIO DE UMA PEDAGOGIA LIBERTADORA.....	37
2.3 POLITIZAÇÃO DOS SUJEITOS E CONSCIÊNCIA DE GÊNERO.....	43
2.4 FEMINISMO CAMPONÊS POPULAR (FCP)	46
3 METODOLOGIA DE PESQUISA: COMUNIDADE VIVA DEUS E O PERCURSO INVESTIGADO.....	52
3.1 DOS INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	57
3.2 DO LÓCUS E OS DESAFIOS DA PESQUISA	64
4 ANÁLISE DOS RESULTADOS	68
4.1. CONHECENDO A VIVÊNCIA DAS (OS) SUJEITAS (OS).....	68
4.2 DO PROTAGONISMO FEMININO	74
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	86
REFERÊNCIAS.....	89
ANEXOS	92

1 INTRODUÇÃO

No decorrer do processo histórico, social e político as mulheres que insurgiram contra o conceito do “eterno feminino”¹ idealizado pela estrutura patriarcal dominante que opera no intuito de decidir a função social da mulher, enfrentaram inúmeros desafios para ocupar de fato os espaços democráticos de representatividade na sociedade. A partir das manifestações sociais, políticas e econômicas do Movimento Sufragista, notadamente, a conquista do direito ao voto conforme o Decreto 21.076 de 24 de fevereiro de 1932, instituído no governo Getúlio Vargas contribuiu significativamente para o avanço das pautas feministas da época que buscavam igualdade de direitos na vida social e política. Esse movimento é um marco na luta contínua das mulheres no tocante ao respeito a identidade de gênero sendo está uma discussão que persiste durante o processo histórico, cultural e social brasileiro, enfatizando que o Movimento Sufragista representa a conquista da emancipação feminina. Desse modo, em virtude dos enfrentamentos recorrentes as mulheres passaram a lutar de maneira organizada para conquistar o protagonismo perante a elaboração das leis que designam os rumos da vida social.

Desse modo, com o desenvolvimento das atividades no Projeto Escola Comunidade Viva Deus², despertou-me o interesse de pesquisar sobre o tema “Educação Popular e o Protagonismo das Mulheres da Comunidade Viva Deus³ na cidade de Imperatriz-MA”, visando

¹ Simone de Beauvoir medita que o conceito de feminilidade eterna é um produto da ideologia patriarcal que objetiva restringir as mulheres dentro de uma estrutura conservadora predeterminada. Essa ideologia postula que as mulheres são naturalmente submissas e passivas, ainda, que sua existência seja definida por suas funções reprodutivas, desse modo, a autora defende uma perspectiva existencialista que evidencie a liberdade e as responsabilidades individuais. Segundo Beauvoir: Se a função da fêmea não basta para definir a mulher, se nos recusamos também explicá-la pelo "eterno feminino" e se, no entanto, admitimos, ainda que provisoriamente, que há mulheres na terra, teremos que formular a pergunta: o que é uma mulher? [...] Se quero definir-me, sou obrigada inicialmente a declarar: "Sou uma mulher" (Beauvoir, 1970, pag. 9).

² O trabalho que estamos apresentando é o resultado das pesquisas desenvolvidas no Grupo de Ensino, Pesquisa, Extensão em Educação Popular (GEPEEP), do Curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), campus de Imperatriz. O referido grupo de pesquisa desenvolve o projeto: A Formação de Alfabetizadores (as) da Educação de Jovens e Adultos da Zona Rural de Imperatriz/MA: Projeto Escola Comunidade Viva Deus.

³ A Comunidade Viva Deus está situada em um espaço denominado rural e desse modo enfatizamos que, conforme apresenta a Sociologia, a referida comunidade pode ser conceituada como híbrida. Pois, alguns dos moradores tem residência na cidade de Imperatriz, ou seja, tem relação cotidiana com o espaço rural e com a cidade. De acordo com Rua (2005) o espaço rural e espaço urbano, cidade e campo integram-se à mesma racionalidade espacial que marca a sociedade contemporânea, organizada a partir da cidade, da indústria e, atualmente, da terceirização, bases operativas privilegiadas para a reprodução do capitalismo em sua produção histórica e para a constituição da visão burguesa de mundo. [...] A mudanças no modelo produtivo e organizacional no campo compõem transformações mais amplas na sociedade brasileira que marcam as últimas duas décadas. [...] Na verdade são novas imagens, novos sentidos para o espaço rural que mantêm a visão produtivista, até agora dominante, mas que se traduzem em novos qualificativos para outras relações entre o espaço urbano e o rural e entre a cidade e o campo (Rua, João. A ressignificação do rural e as relações cidade-campo: uma contribuição geográfica. **Revista da ANPEGE**, v. 2, n. 02, p. 45–65, 2017. DOI: 10.5418/RA2005.0202.0004. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/anpege/article/view/6611>. Acessado em: 01 de nov 2023).

compreender a organização e a resistência destas trabalhadoras que vivem acampadas há décadas as margens da Rodovia Padre Josimo Tavares, popularmente conhecida como Estrada do Arroz. Nessa perspectiva, consideramos que a Educação Popular contribuiu para que as mulheres saíssem da condição de expectadoras, passando a assumir a condição de protagonistas em relação aos enfrentamentos pela posse da terra e território, pois está é uma posição hipoteticamente ocupada por homens. Ou seja, sujeitos validados pelas regras preestabelecidas em nossa sociedade de classe que atuam, reiteradamente, para manter as mulheres reclusas aos afazeres do lar e aos cuidados com a família, partindo dessa concepção Simone de Beauvoir assinala que:

Um homem não começa nunca por se apresentar como um indivíduo de determinado sexo: que seja homem é natural. É de maneira formal, nos registros dos cartórios ou nas declarações de identidade que as rubricas, masculino, feminino, aparecem como simétricas. O homem representa a um tempo o positivo e o neutro, a ponto de dizermos “os homens” para designar os seres humanos. [...] A mulher aparece como o negativo, de modo que toda determinação lhe é imputada como limitação, sem reciprocidade (Beauvoir, 1970, p.9).

Desse modo, fica comprovado que o patriarcado é a estrutura ideologia dominante em nossa sociedade que naturalizou a concepção de que o trabalho doméstico é uma ocupação exclusiva da mulher. Nesse sentido, apreendemos que o patriarcado é um fator de opressão do sexo feminino entendimento que nos instigou a desenvolver esta pesquisa no sentido de analisar a práxis, insurgente, das sujeitas na Comunidade Viva Deus. Mediante investigação, verificamos que estas trabalhadoras assumiram uma significativa participação nos processos decisórios da Associação de Agricultores Rurais Viva Deus⁴. Igualmente, entendemos que a Educação Popular, o Círculo de Cultura, as *situações-problemas-desafio* e a construção dos textos coletivos colaboraram para o encorajamento e, posterior, protagonismo das sujeitas neste lócus de pesquisa.

Do mesmo modo, apresentaremos neste trabalho de conclusão de curso a contribuição da Educação Popular neste processo libertador das trabalhadoras da comunidade que atualmente representam os interesses do grupo de acampadas (os) e refletem sobre as ações para solucionar as *situações-problemas-desafios* identificados no Círculo de Cultura e nas assembleias da associação, outrossim, assumem também a representação da comunidade em atividades que exigem deliberação coletiva das pautas relacionadas a posse da terra, quais sejam: 1) encontros regionais - momento de socialização e troca de saberes na vivência com

⁴ A Associação de Agricultores Rurais Viva Deus está localizada na estrada do Arroz na margem esquerda do Riacho Viva Deus, s/n na cidade de Imperatriz-MA. Foi fundada em 13 de setembro de 2009, com o apoio do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Imperatriz e do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA, com a finalidade de ter o controle dos pretensos assentados no Projeto de Assentamento Viva Deus.

outras comunidades inseridas nas lutas pela conquista da terra; 2) audiências públicas – no Sindicato de Trabalhadores Rurais, Câmara de Vereadores, Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária -INCRA, na cidade de Imperatriz e, 3) encontros de formação política provenientes da parceria firmada entre a Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu (MIQCB) e o Movimento dos trabalhadores Rurais Sem Terra (MST).



Imagem I: arquivo GEPEEP

É importante salientar que as (os) sujeitas (os) da comunidade vivem acampadas (os) na área denominada Fazenda Eldorado desde 2003, as margens da Rodovia Padre Josimo Tavares (rodovia MA-386), localizada a 43km do município de Imperatriz-MA. Os (as) companheiras (os) vivem no espaço sem o mínimo de estrutura, pois não possuem água potável nem energia elétrica⁵ sendo está uma realidade que representa a omissão do poder público (estadual, federal e municipal) em relação ao grupo de trabalhadoras (es) durante décadas de acampamento.

Portanto, com base na trajetória política, social e de vida da comunidade ao ingressar, em 2017, no Grupo de Ensino, Pesquisa e Extensão em Educação Popular (GEPEEP) do Curso de Licenciatura em Ciências Humanas da Universidade Federal do Maranhão coordenado pela

⁵ Imperatriz, 12 de setembro 2018. Destinado à Companhia Energética do Maranhão – CEMAR. A Associação de Agricultores Rurais Viva Deus, localizada na Estrada do Arroz, Margem Esquerda do Riacho Viva Deus s/nº, CEP: 65900.000/CNPJ: 11.383.321/0001-39, e, fundada em 13 de setembro de 2009, Imperatriz –MA, juntamente com o “Projeto Escola Comunidade Viva Deus” da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, vem solicitar a Companhia Energética do Maranhão - CEMAR o ligamento de energia elétrica no Assentamento Viva Deus. Fronte: arquivo GEPEEP.

professora Doutora Betania Oliveira Barroso⁶, começo minhas atividades de pesquisa no GEPEEP com o Projeto Escola Comunidade Viva Deus.

O projeto desenvolveu atividades de alfabetização junto aos acampados e do mesmo modo com o propósito de despertar nas (os) companheiras (os) o olhar reflexivo e prático diante da realidade que vivem trabalhamos atividades de formação política. Portanto, nossas atividades educacionais eram voltadas para os jovens, adultos e idosos da comunidade durante as aulas ministradas as quartas-feiras no galpão construído e cedido pelas (os) companheiras (os). Isso posto, podemos perceber que as mulheres da comunidade apresentaram um salto qualitativo nas discussões concernentes aos desafios enfrentados para conquistar o direito a posse da terra e território.

As mulheres passaram a nortear as discussões, sinalizando as dificuldades e as possíveis soluções para as *situações-problemas-desafios* que enfrentavam diariamente, dessa maneira, a vida e a luta destas sujeitas que almejam conquistar a posse da terra e território se insere no painel histórico dos conflitos que abrangem as discussões pela Reforma Agrária no Brasil.



Imagem II: arquivo GEPEEP

Dessa forma, diante da conjuntura de enfrentamentos da comunidade a Educação Popular assume o compromisso de contribuir com as (os) trabalhadoras (es) do campo no sentido de superar os conflitos na perspectiva de conseguir a posse legal da terra e, desse modo, viver dignamente no território Viva Deus. É importante asseverar que o método freiriano é um

⁶ Betania Oliveira Barroso: Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação (PPGE) da Universidade de Brasília (UnB); Professora do quadro permanente do Curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Campus Continente/Imperatriz.

sistema de ensino que através da Educação Popular alfabetiza e conscientiza os sujeitos a partir da contextualização do espaço social onde vivem de igual modo valoriza as experiências, vivências e saberes das comunidades tradicionais. Por conseguinte, o livro “*Pedagogia do Oprimido*” nos ajuda a entender com profundidade sobre a vivência dessas (es) sujeitas (os), considerando que está leitura destaca o valor do universo vocabular das alfabetizandas (os) a partir da sua palavra geradora.

Assim, de acordo com Paulo Freire:

[...] um mínimo de palavra, com a máxima polivalência fonética é o ponto de partida para a conquista do universo vocabular. Essas palavras, oriundas do próprio universo vocabular do alfabetizando, uma vez transfiguradas pela crítica, a ele retornam em ação transformadora do mundo. [...] estas palavras são chamadas geradoras porque através da combinação de seus elementos básicos, propiciam a formação de outras. Como palavras do universo vocabular do alfabetizando são significações constituídas ou reconstituídas em comportamentos seus, que configuram situações existenciais ou dentro delas se configuram (Freire, 1987, p.5).

De tal modo que é a partir da palavra geradora que as mulheres da comunidade inseridas nas atividades de alfabetização deram sentido as *situações-problemas-desafios* enfrentados cotidianamente. Exemplificando, a palavra geradora **Plantar** despertou a compreensão das (os) acampadas (os) para a importância de produzir seu próprio alimento, evidenciando que as terras em litígio são produtivas. É relevante destacar que a compreensão da palavra geradora e o encorajamento das (os) companheiras (os) culminou na realização da I Festa da Colheita da Comunidade Viva Deus, momento de imensa alegria, socialização e troca de saberes entre as comunidades que fizeram parte da festa.



Imagem III: arquivo GEPEEP

Ressaltando ainda que as (os) companheiras (os) eram amedrontadas (os) pela empresa Suzano Papel e Celulose que proibia qualquer forma de cultivo dentro da área em questão. Nesse sentido a empresa usava como justificativa a existência de delimitação da área que as (os) trabalhadoras (es) poderiam acessar proibindo o manejo da terra e, para romper está barreira atuamos junto ao Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) esclarecendo para as (os) acampadas (os) como se deve proceder no cenário de terra improdutiva, esse conjunto de iniciativas transformaram a Comunidade Viva Deus em área produtiva com uma variedade de frutos e sementes.

Quando analisamos o processo da luta feminista em busca de representatividade e respeito na qualidade de cidadãs de direito em uma sociedade machista, vemos que a organização da sociedade civil é fundamental para encorajar o protagonismo feminino. Assim, dialogando com Beauvoir (1970), “*quando as mulheres começam a tomar parte na elaboração do mundo, esse mundo é, ainda, um mundo que pertence aos homens*”. Tal afirmação evidencia a importância da representação feminina no cenário de discussões e reivindicações, também, nos espaços políticos com o objetivo de transformar suas pautas em projetos de Lei e políticas públicas. Continuando o diálogo com Simone de Beauvoir:

Recusar ser o *Outro*, recusar a cumplicidade com o homem seria para elas renunciarem a todas as vantagens que a aliança com a casta superior pode conferir-lhes. O homem suserano protegerá materialmente a mulher vassala e se encarregará de lhe justificar a existência: com o risco econômico, ela esquiva o risco metafísico de uma liberdade que deve inventar seus fins sem auxílio. [...] O homem que constitui a mulher como um *Outro* encontrará, nela, profundas cumplicidades. Assim, a mulher não se reivindica como sujeito, porque não possui os meios concretos para tanto, porque sente o laço necessário que a prende ao homem sem reclamar a reciprocidade dele e porque muitas vezes, as compraz no seu papel de “*Outro*” (Beauvoir, 1970, p.15).

A insurgência feminina perante a violação de direitos no decorrer das transformações sociais vem se fortalecendo e garantindo a estas sujeitas a possibilidade de ocupar espaços diversos, tanto profissionais quanto políticos de forma inteligência com qualidade e segurança, contrapondo a perspectiva patriarcal que tenta reduzi-las aos afazeres domésticos e aos cuidados com a família. Portanto, a luta feminista se levanta contra a máxima que apresenta a mulher como “sexo frágil”, apresentando para a sociedade sujeitas potentes, dotadas de inúmeras capacidades. Logo, as mulheres da Comunidade Viva Deus também fazem parte desse contexto de lutas e emancipação uma vez que resistem a opressão social que atua sistematicamente para aprisioná-las na inferioridade e submissão.

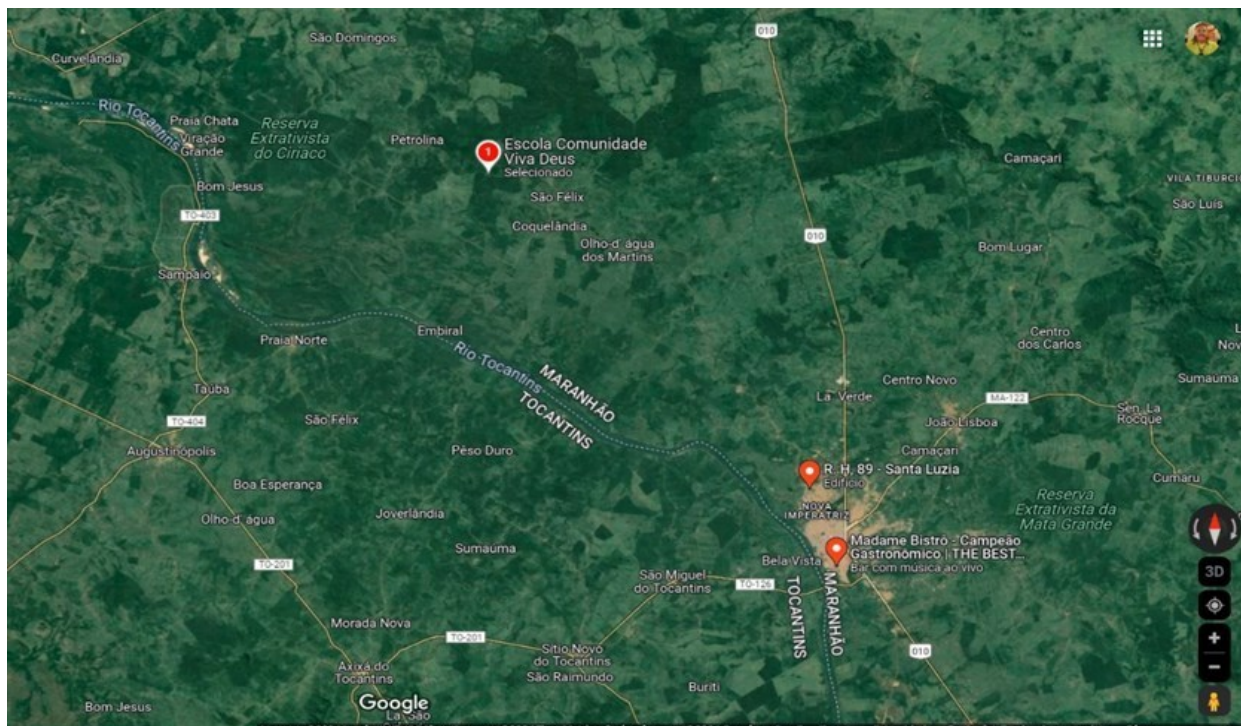
Está é uma estratégia que negligencia o potencial de intervenção e participação feminina nas discussões e direcionamento das pautas que conduzem o futuro da comunidade no tocante as reuniões da Associação de Agricultores Rurais Viva Deus. Em virtude dos desafios encontrados na Comunidade Viva Deus nossa prática pedagógica possui uma metodologia própria de ensino e aprendizagem que busca colaborar com as especificidades da educação e constituição humana das (os) trabalhadoras (es) na comunidade. A pesquisa está fundamentada nos princípios práticos e epistemológicos da Educação Popular de Paulo Freire (1979, 1987, 1989, 1991), leituras pertinentes ao tema de estudo como a obra “*Conscientização: teoria e prática da libertação – uma introdução ao pensamento de Paulo Freire (1979)*”, entre outros obras do autor, bem como, Arroyo (2004) e Brandão.

Também, nos apoiaremos nos estudos desenvolvidos por autoras que refletem sobre as temáticas de gênero e protagonismo da mulher, quais sejam: Rosa Luxemburgo (2018, 2019) e Simone de Beauvoir (1970) dentre outras autoras (es) que contribuem cientificamente com a construção do nosso trabalho de pesquisa. Nosso esforço acadêmico se inicia a partir das seguintes categorias: Educação Popular, protagonismo feminino, gênero e luta no campo o percurso metodológico ocorre a partir da relação teoria e prática que garante a reflexão e a práxis na construção do conhecimento baseado nas (os) autoras (es) citados.

Da mesma forma, utilizaremos artigos científicos que explanam sobre os temas discutidos na pesquisa, quais sejam: Educação Popular, luta feminista e a história dos movimentos sociais na luta pela conquista da terra. Esta organização metodológica é importante para o embasamento teórico que corrobora com a afirmação da hipótese debatida - a contribuição da Educação Popular no processo de encorajamento e protagonismo das mulheres na Comunidade Viva Deus. E as ações práticas que as impulsionou para assumir o protagonismo diante das discussões/ações/encaminhamentos nas demandas da comunidade e sobre suas vidas.

1.1 JUSTIFICATIVA

Situando o *locus* da pesquisa as (os) sujeitas (os) da Comunidade Viva Deus vivem, há décadas, acampadas (os) na área denominada Fazenda Eldorado as margens da Rodovia Padre Josimo Tavares (MA 386), popularmente chamada de estrada do arroz a 43km do município de Imperatriz-MA.



Fonte: <https://www.google.com/maps/@-5.2868104,-47.6940892,814m/data=!3m1!1e3?entry=ttu>

A comunidade está inserida em uma conjuntura de inúmeros desafios que dificultam a permanência na área em virtude da exploração das terras pela Empresa Suzano Celulose e Papel⁷ que ocupa uma vasta extensão de terra para cultivar a monocultura do eucalipto, matéria prima que garante a produção em grande escala dos produtos comercializados pela empresa. Em vista da invisibilidade do caso, igualmente, da existência dessas pessoas para o poder público que fecha os olhos diante da gravidade do conflito, também, para a prestação de assistência básica as famílias que vivem no acampamento. Torná-los invisíveis é uma estratégia para enfraquecer o grupo de trabalhadoras (es) na tentativa de fazê-las (los) desistir de lutar pela posse da área.

Porém, podemos assegurar que a tática citada foi malsucedida se considerarmos que as (os) trabalhadoras (es) seguem confiantes na luta pela Reforma Agrária. Está pesquisa foi realizada com a supervisão da Professora Doutora Betania Oliveira Barroso coordenadora do “Projeto Escola Comunidade Viva Deus”. A professora pauta seu trabalho de pesquisa e extensão nas abordagens práticas e metodológicas da Educação Popular, especialmente, nos estudos de Paulo Freire. De acordo com Freire (1979), **a ação e a reflexão são constituintes inseparáveis**

⁷ A Empresa Suzano Celulose e Papel está na cidade de Imperatriz no Estado do Maranhão desde 2011, quando iniciaram a construção da fábrica de celulose. Ocupando uma área de 247 hectares para a plantação da monocultura do eucalipto. A escolha da cidade para implantação fábrica se deu pela localização geográfica estratégica para facilitar a distribuição de celulose aos mercados internacionais, em especial, o europeu e o norte-americano. Fonte: http://www.revistaopapel.org.br/noticiaanexos/1390237621_b00e82bd5f2664bc7202e3a3ee742281_1950692413.pdf. Acessado em: 01 nov 2023.

da práxis, enfatizando que não pode haver reflexão e ação fora da relação direta entre homem e realidade.

Na Comunidade Viva Deus, os professores do GEPEEP trabalham com duas frentes de formação: a alfabetização de jovens, adultos e idosos e a formação política com aulas ministradas no galpão construído para as reuniões da associação dos moradores da comunidade, cedido ao grupo de professoras (es) do GEPEEP. Assim, logo na entrada da escola (galpão) temos uma placa com a seguinte frase: **aqui tem EJA desde 2015 – UFMA**, escrita pelas (os) alunas (os), além disso o ambiente é utilizado para a realização das assembleias com os filiados da Associação de Agricultores Rurais Viva Deus.

Os encontros realizados semanalmente possibilitaram o acompanhamento do processo de encorajamento das alfabetizandas que assumiram uma atitude de protagonismo perante as *situações-problemas-desafios* e iniciaram uma escuta ativa nas audiências públicas e encontros de formação política com outras comunidades já empossadas legalmente no território.



Imagem IV: arquivo GEPEEP

A atuação efetiva das sujeitas da comunidade pode ser verificada quando elas começam a participar assiduamente dos movimentos sociais e eventos acadêmicos, destacando que outrora somente os homens participavam ativamente destas atividades. Portanto, com o protagonismo das mulheres da Viva Deus tornou-se possível verificar um envolvimento potente das sujeitas referente a ação praxica para avançar no processo de assentamento das famílias que vivem na área.

Destacando que o encorajamento das mulheres fortaleceu a luta, pois agora temos mulheres e homens trabalhando para alcançar seu principal objetivo - a posse da terra e território. Sublinhando que a vida dessas trabalhadoras é impactada diariamente pelo avanço do grande capital representado pela empresa Suzano Papel e Celulose na cidade de Imperatriz.

O movimento feminista iniciado nos Estados Unidos, na década de 60, teve como missão a libertação da mulher numa perspectiva ampla em busca da emancipação da mulher e a conquista de espaço dentro das discussões públicas principalmente as que envolvem temas como a sexualidade o corpo e a saúde dessas sujeitas. Questões que anteriormente eram consideradas de foro íntimo da vida privada, conseqüentemente, após as manifestações essas pautas passam a ser publicizadas pelo movimento feminista passando a contribuir com a criação de uma linguagem inovadora e feminina.

Por conseguinte, foi responsável por diversas conquistas sobretudo as relacionadas ao acesso das mulheres ao mercado de trabalho lembrando que, apesar das conquistas, elas continuam expostas a tripla jornada de trabalho uma realidade que impacta diretamente na formação profissional e na qualidade de vida dessas sujeitas.



Fonte: <https://www.facebook.com/historiadofeminismo>

Podemos verificar que são inúmeros os desafios enfrentados pelo movimento feminista, evidenciando que a luta não se resume a conquista da igualdade econômica ou política. Além disso, as mulheres lutam também para se libertar das imposições morais instituídas pelo conceito do eterno feminino, ainda, pela cultura machista que impõe sua moral perante o comportamento das mulheres até os dias atuais. As trabalhadoras da Viva Deus progrediram

positivamente no despertar da consciência crítica e de classe resultado alcançado com as atividades do grupo de pesquisa GEPEEP através da parceria com importantes movimentos de representação popular como o Movimento Interestadual de Quebradeiras de Coco Babaçu (MIQCB) e o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST).



Imagem V: arquivo GEPEEP

Assim, considerando as vivências e experiências sociopedagógicas com a Comunidade Viva Deus mediante a práxis educativa da Educação Popular de Paulo Freire fica demonstrado a importância dos seus ensinamentos para a conscientização, encorajamento e protagonismo das mulheres na comunidade. Segundo Freire:

A consciência se reflete e vai para o mundo que conhece: é o processo de adaptação. A consciência é temporalizada. O homem é consciente e, na medida em que conhece, tende a se comprometer com a própria realidade (Freire, 2013, n.p.⁸).

Desse modo, a presente pesquisa se justifica através da experiência que tive com as acampadas da comunidade, vivência que comprova a importância da educação popular freiriana na formação do pensamento crítico, social e prático das sujeitas (os) da Comunidade Viva Deus. Demonstrando que a Educação é uma construção social e histórica em movimento constante, ou seja, é o fio condutor para a formação da cultura, relações sociais e a história de

⁸ De acordo com a ABNT NBR 6023 no item 8.7.5: qualquer referência que não tenha citação deve constar a observação “paginação irregular”. No caso dos livros digitais que não possuem paginação deve constar a observação “não paginado (n.p.)”. A ABNT exige que estas informações estejam especificadas. FREIRE, Paulo. Educação e mudança. Editora Paz e Terra. 1º ed. Rio de Janeiro, 2013. recurso digital. Disponível em: http://observatorioedhemfoc.hospedagemdesites.ws/observatorio/wpcontent/uploads/b2020/04/4Paulo_Freire_Educa%C3%A7%C3%A3o_e_mudan%C3%A7a.pdf. Acessado em: 02 de nov de 2023.

vida das (os) sujeitas (os). É importante destacar que a Educação Popular que apresentamos e nos propomos a discutir não é legitimada por instituições porque não possui vínculo com o Estado ou políticas públicas que lhe dê respaldo.

Portanto, a dialogicidade é uma das premissas da Educação Popular, fundante nas ações de socialização e colaboração entre os sujeitos que vivem em comunidade do mesmo modo para os educandos conforme assinala, Brandão:

[...] O papel e o sentido histórico da educação popular são de resistência e oposição ao *status quo*. A partir do sentido e das práticas podemos definir a concepção de educação popular como construtora de uma Cultura Rebelde, que transcende o tempo e o espaço, portanto o ontem e o agora. [...] O diálogo e a reflexão dessas questões permanecem relevantes na atualidade, na medida em que compreendemos que a educação popular, ainda, não cumpriu a sua intenção: a de propiciar a humanização e a libertação dos sujeitos que sofrem com as opressões políticas, econômicas e culturais. É essa proposta que nos motivou e continua motivando a realizar e consolidar ações e procedimentos para fortalecer as iniciativas populares da sociedade civil, considerando a diversidade e a particularidade dos envolvidos, para enfrentar as opressões e as restrições impostas pelo Estado brasileiro e pela estrutura e dinâmica da sociedade contemporânea (Brandão, 2009, p. 9-10).

Compreendemos com base nos escritos de Freire (1979, 1987, 1989, 1991) que a Educação Popular é um modelo educacional que proporciona estratégias para a construção da participação das (os) sujeitas (os) que têm interesses e objetivos comuns de aprendizagem. Portanto, o sistema educacional freiriano é basilar para a construção da “palavra geradora” expressada através da vivência cotidiana e das *situações-problemas-desafios* que fazem parte da rotina da comunidade. Assim, alfabetizar por meio da palavra geradora objetivou o fortalecimento da participação das companheiras (os) nos espaços democráticos, também, possibilitou exercitar outra premissa da participação popular: a voz, a vez e a decisão.

De acordo com Paulo Freire:

O educador popular não se constitui como um transmissor de informações descontextualizadas da realidade dos sujeitos com quem atua, tão pouco, se restringe a um facilitador de aprendizagens. Um educador popular é um sujeito que privilegia o movimento dialógico e dialético do processo de ensino e de aprendizagem, tendo em vista uma formação crítica, reflexiva que se articula à ação, torna-se práxis (Freire, 1987, p.).

Dessa forma o trabalho coletivo e a dialogicidade nos espaços de decisão democrática são prioridade nas ações que desenvolvemos na Comunidade Viva Deus com o Projeto Escola Comunidade Viva Deus. Ainda, temos como objetivo principal organizar e sistematizar as ações político pedagógicas no processo de alfabetização e formação política das (os) sujeitas (os), assim, nosso esforço educativo consiste em despertar nas (os) companheiras (os) a “consciência crítica” dando oportunidade para estas (es) trabalhadoras (es) se descobrirem reflexivamente através das suas próprias vivências. Em vista disso, o despertar da capacidade crítica possibilita

que elas se sintam encorajadas para assumir o protagonismo diante discussões reflexões diante das pautas necessárias para alcançar o objetivo final da luta na comunidade que é a posse da terra. Do mesmo modo, possibilita que elas sejam agentes transformadoras da sua própria história de vida impactando sobre as demais companheiras o desejo de mudança real.

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo Geral:

Contribuir com a Educação Popular para a formação da mulher num contexto rural, dando possibilidade para estas sujeitas saírem do lugar de agente passiva para assumir o papel de protagonistas nos momentos decisórios da Associação de Agricultores Rurais Viva Deus, da mesma forma contribuindo para solucionar as *situações-problemas-desafios* que fazem parte do cotidiano dessas sujeitas.

1.2.2 Objetivos Específicos:

- 1- Colaborar, a partir da intervenção da educação popular freiriana, com os círculos de cultura, no processo de escuta para as decisões das pautas discutidas em assembleias dentro da Comunidade.
- 2- Caracterizar quais ações revelam o protagonismo das mulheres da Comunidade Viva Deus, a partir dos círculos de cultura
- 3- Demonstrar a repercussão dos impactos na Comunidade Viva Deus, a partir do protagonismo destas sujeitas diante das discussões que ocorreram coletivamente.

1.3 DELIMITAÇÃO DO TEMA E PROBLEMA DE PESQUISA

O protagonismo da mulher no cenário patriarcal pode ser percebido em diversos aspectos *a priori* considerados simples, por exemplo ao discordar da ordem dada pelo esposo no cotidiano do lar, ou complexos, quando está sujeita se manifesta sob determinado tema, tradicionalmente, considerado pela sociedade como “conversa para homem” avaliando que este posicionamento continua sendo praticado em alguns espaços como nas discussões no cenário político. Ressaltando que do ponto de vista histórico as mulheres foram enredadas por diversos mitos dentre eles a aptidão para realizar atividades domésticas, a fragilidade e a delicadeza, narrativas que colaboram para mantê-las distantes do labor intelectual, profissional e político, ou seja, foi construído um projeto de aprisionamento da potencialidade feminina. Desse modo, conforme indica Simone de Beauvoir:

A igualdade só se poderá restabelecer quando os dois sexos tiverem direitos juridicamente iguais, mas essa liberdade exige a entrada de todo o sexo feminino na atividade pública. A mulher só se emancipará quando puder participar em grande medida social na produção, e não for mais solicitada pelo trabalho doméstico senão numa medida insignificante. E isso só se tornou possível na grande indústria moderna, que não somente admite o trabalho da mulher em grande escala como ainda o exige formalmente. (Beauvoir, 1970, p.75).

A máxima **ninguém nasce mulher, torna-se mulher**, célebre fragmento da obra “O segundo sexo” de Beauvoir desconstrói a narrativa que limita o potencial feminino a biologia ao psíquico e a economia, pois são aspectos que não definem o “ser mulher”⁹ na sociedade. Portanto, continuando o diálogo com Beauvoir:

A teoria do materialismo histórico põe em evidência muitas verdades importantes. A humanidade não é uma espécie animal: é uma realidade histórica. A sociedade humana é uma *anti-physis*: ela não sofre passivamente a presença da Natureza, ela a retoma em mãos. Essa retomada de posse não é uma operação interior e subjetiva; efetua-se objetivamente na *práxis*. Assim, a mulher não poderia ser considerada apenas um organismo sexuado: entre os dados biológicos só tem importância os que assumem, na ação, um valor concreto; a consciência que a mulher adquire de si mesma não é definida unicamente pela sexualidade. Ela reflete uma situação que depende da estrutura econômica da sociedade, estrutura que traduz o grau de evolução técnica a que chegou à humanidade (Beauvoir, 1970, p.73).

Em vista disso, nos propomos a fazer uma análise sobre o protagonismo das mulheres da Comunidade Viva Deus na Cidade de Imperatriz-MA, pois compreendemos que essas sujeitas progrediram qualitativamente a sua participação nos processos decisórios e ações práticas no tocante ao enfrentamento das *situações-problemas-desafios* identificados no Círculo de Cultura. Destacando que a Educação Popular tem sido o caminho de acesso e um instrumento de luta para encorajar e fortalecer as mulheres que passam a assumir o protagonismo de suas vidas e contribuir com o movimento de transformação coletiva na comunidade, do mesmo modo, consolidando assim a sua atuação concreta na sociedade.

Segundo Paulo Freire:

[...] A estrutura social é obra dos homens e que se assim for, a sua transformação será também obra dos homens. Isso significa que a sua tarefa fundamental é a de serem sujeitos e não objetos de transformação. Tarefa que lhes exige durante sua ação sobre a realidade um aprofundamento da sua tomada de consciência da realidade da realidade, objeto de atos contraditórios daqueles que pretendem mantê-la como está e dos que pretendem transformá-la. Por isso, o trabalhador social não pode ser um homem neutro frente ao mundo, um homem neutro frente à desumanização ou

⁹ É, portanto, à luz de um contexto ontológico, econômico, social e psicológico que teremos de esclarecer os dados. A sujeição da mulher à espécie, os limites de suas capacidades individuais são fatos de extrema importância; o corpo da mulher é um dos elementos essenciais da situação que ela ocupa neste mundo. [...], mas não é ele tampouco que basta para a definir. Ele só tem realidade vivida enquanto assumido pela consciência através das ações e no seio de uma sociedade; a biologia não basta para fornecer uma resposta à pergunta que nos preocupa: por que a mulher é o *Outro*? Trata-se de saber como a natureza foi nela revista através da história; trata-se de saber o que a humanidade fez da fêmea humana (Beauvoir, 1970, p.57).

humanização, frente à permanência do que já não representa os caminhos do mundo humano ou à mudança destes caminhos (Freire, 2013, n.p.).

Assim, ponderamos que a estrutura social foi transformada durante o processo histórico com a participação integral do homem que delegou a mulher um campo de atuação limitado as atividades do espaço íntimo familiar. Dessa maneira, inseridos numa realidade social que sempre pertenceu aos homens, este, perpetuou o *modus operandi* patriarcal que garantiu ao sexo masculino o poder de decisão perante as pautas que regem a sociedade e a vida da mulher.

Assim sendo, possuímos o seguinte problema de pesquisa: qual a contribuição da Educação Popular de Paulo Freire para o processo formativo das mulheres na Comunidade Viva Deus como protagonistas no processo de luta pela terra? Em síntese, nossa caminhada junto à comunidade tem relação direta com as questões que envolvem a luta pela conquista da terra e nessa perspectiva é importante fazer reflexões sobre o contexto do processo alfabetização e formação política, já que a Viva Deus busca acessar a função social da terra¹⁰.

Melhor dizendo, a comunidade trilha o caminho de todos os movimentos de luta popular pela conquista da terra e território em nosso país conforme apresentamos, grifando que o Brasil é um país marcado pelo passado colonial que solidificou um capitalismo dependente e subdesenvolvido que suscitou gravosos desafios referente ao acesso e o direito de desfrutar da função social da terra, conforme descrito na Constituição Federal de 1988. Advertindo que a Reforma Agrária é também um processo de mudança social capaz de gerar profunda transformação nas estruturas agrárias, econômicas e sociais das (os) sujeitas (as) que vivem do trabalho no campo.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Paulo Freire fundamenta seu método pedagógico nas ciências da educação, principalmente, a sociologia e a psicologia, além disso faz parte do seu método pedagógico a codificação e a decodificação das palavras e temas geradores. Considerado um dos grandes idealizadores da Educação Popular suas teses contribuíram para o avanço na teoria e nas práticas deste modelo educacional humanizada. O livro *“Conscientização: teoria e prática da*

¹⁰ A Constituição Federal de 1988 cristalizou avanços no conceito de propriedade privada e do cumprimento de sua função social, assegurando a propriedade privada (art.5º, XXIII), dirigida à justiça social, quando atender aos seguintes requisitos (art. 186): aproveitamento racional e adequado; utilização adequada dos recursos naturais disponíveis; preservação do meio ambiente e a exploração visando o bem-estar do proprietário e dos empregados. (MATIAS, A.M., and SANTOS, C.M. Direito de propriedade e direito de moradia. In LIVIANU, R., coord. Justiça, cidadania e democracia. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisa Social, 2009. pp. 27-37. ISBN 978-85-7982-013-7. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.).

libertação – uma introdução ao pensamento de Paulo Freire”, escrito em 1979, apresenta abordagens sobre o método de alfabetização para camponeses, iniciado em 1961.

A obra demonstra o valor e a importância da dialogicidade e do conhecimento ambos associados ao contexto social, também, a relevância da criticidade em conjunto com a práxis para alcançar a liberdade, igualmente, a conscientização do oprimido perante as elites no processo educativo. Dessa maneira, a Educação Popular propõe uma integração do homem com o próprio contexto vivido sendo que a reflexão sobre está integração contribui com o sujeito na busca por sua identidade, ação necessária para processo de criação e recriação da história.

O segundo ponto que apresentaremos nesta seção será a Emancipação Humana dos sujeitos na dimensão educativa cooperando para o processo de construção do “autoconhecimento humano” em face de outros indivíduos sociais que fazem parte do mesmo contexto em determinadas condições seja espacial ou temporal, histórico ou cultural. Em relação ao processo de alfabetização na obra “Pedagogia do Oprimido, 1987”, Freire diz que: “alfabetizar-se é aprender a ler essa palavra escrita em que a cultura se diz e, dizendo-se criticamente, deixa de ser repetição intemporal do que passou para conscientizar-se”.

Enfatizando que o aspecto educativo freiriano tem sua gênese na tomada de consciência humana, razão pela qual o torna essencial na práxis metodológica educacional das companheiras (os) da Viva Deus, também é valioso para o desenvolvimento da relação dialética das sujeitas (os) com o mundo, pois a tomada de consciência é significativa para alcançarmos a revolução social. Da mesma maneira a constituição humana é parte integrante da práxis educativa é o elemento que incentiva a construção da liberdade das pessoas.

Buscaremos neste trabalho o aporte necessário para explicar sobre a luta feminina a partir da concepção do protagonismo destas trabalhadoras. Fundamentado na obra “*O protagonismo das lutas de massa*” de Rosa Luxemburgo (2018), temos suporte para assimilar a história de luta dos movimentos sociais e a participação do povo no processo de transformação da sociedade, sendo assim, de acordo com Luxemburgo, no artigo “*Escola do sindicato e Escola do partido*”, de 21 de junho de 1911:

Uma escola de formação para proletários engajados na luta de classes deve considerar como sua tarefa principal a formação de um pensamento sistemático e independente, e não ingurgitar mecanicamente uma soma de saberes positivos. (Luxemburgo, 2012, p.29).

A autora apresenta uma reflexão política sobre o valor da educação no contexto de emancipação das classes subalternas fazendo considerações como a autoeducação pela práxis

também a autoeducação dos explorados e oprimidos pela experiência da ação coletiva. Luxemburgo se posiciona de forma objetiva contra o capitalismo e o imperialismo partindo do entendimento de que o socialismo revolucionário e democrático se baseia na práxis emancipadora das (os) trabalhadoras (es), outrossim, compreende a educação pela experiência das lutas sociais das grandes massas populares.

2.1 A VIDA DE PAULO FREIRE E A CONSCIENTIZAÇÃO DOS SUJEITOS: CAMINHOS PARA UMA PEDAGOGIA TRANSFORMADORA

Paulo Reglus Neves Freire, filho de Joaquim Temístocles Freire e de Edeltrudes Neves Freire descreve que aprendeu com os pais o valor do diálogo, experiência que se tornou o ponto de partida para se comunicar com o mundo, homens e Deus, idem, com sua esposa e filhos. Com dificuldade fez seu exame de admissão para o ginásio aos 15 anos de idade e aos 20 anos para um curso na época chamado de pré-jurídico. Momento que marca o início do contato com a leitura de gramáticos importantes como Carneiro Ribeiro, Rui Barbosa e começa os estudos de Filosofia e Psicologia da Linguagem.

Freire se torna professor de Português para satisfazer o gosto pessoal que tinha pelo estudo de sua própria língua e, aos 23 anos, se uni em matrimônio com Elza Maia Costa Oliviera, em 1944, atitude que segundo ele atendeu à irresistível vocação de pai de família. a leitura de gramáticos importantes como Carneiro Ribeiro¹¹, Rui Barbosa¹² e começa os estudos de Filosofia e Psicologia da Linguagem. Freire se torna professor de Português para satisfazer

¹¹ Ernesto Carneiro Ribeiro, homem negro, nasceu na Ilha de Itaparica – BA, em 12 de setembro 1839. Ultrapassou os limites impostos ao seu lugar social e, assim como outros homens de cor que viveram no período escravista, alcançou projeção nos cenários de intelectualidade através da educação. Dedicou-se ao magistério na Bahia por 63 anos, empenhando-se nas atividades educacionais na sua própria instituição de ensino (Colégio Ginásio Carneiro Ribeiro) onde atuavam também como professores os seus filhos: Helvécio Carneiro Ribeiro, Ernesto Carneiro Ribeiro Filho e sua esposa D. Amélia Carneiro Ribeiro. Famoso como linguista, produziu obras preciosas no campo da gramática e da linguagem, tornando-se o primeiro presidente da Academia de Letras da Bahia (1917- 1920). O professor Carneiro enxergava a educação em duas perspectivas: a *Educação Liberal* e a *Educação Profissional*, para ele enquanto a educação profissional se limitava aos interesses e exigências práticas da vida, a educação liberal aspirava ao desenvolvimento humano de forma integral, não se limitando a uma especificidade ou aptidão para uma utilidade prática produtiva. Link: https://www.snh2019.anpuh.org/resources/anais/8/1564830106_ARQUIVO_CarneiroRibeiroAnpuh.pdf. Acessado em: 06/11/2023.

¹² Rui Barbosa de Oliveira, nasceu em Salvador -BA, em 05 de novembro de 1849, foi advogado, jornalista, jurista, diplomata, ensaísta e orador. Membro fundador escolheu Evaristo da Veiga como patrono da cadeira nº10 da Academia Brasileira de Letras. Eleito senador pela Bahia para a Assembleia Constituinte, seus conselhos prevaleceram nas reformas principais e a sua cultura modelou as linhas fundamentais da Carta de 24 de fevereiro de 1891. Discordando do golpe que levou Floriano Peixoto ao governo, requereu *habeas-corpus* em favor dos cidadãos presos pelo governo ditatorial de Floriano. Em 1893, foi obrigado a se exilar, em primeiro lugar para Buenos Aires e depois para Lisboa, por força de alguns incidentes se dirigiu para Londres. Escreveu então, as famosas *Cartas da Inglaterra* para o *Jornal do Comércio*, foi a primeira voz a se levantar no mundo contra o processo Dreyfus. Restaurada a ordem no Brasil em 1895, Rui Barbosa regressou do exílio. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/rui-barbosa/biografia>. Acessado em: 06/11/2023.

o gosto pessoal que tinha pelo estudo de sua própria língua e, aos 23 anos, se uni em matrimônio com Elza Maia Costa Oliveira, em 1944, atitude que segundo ele atendeu à irresistível vocação de pai de família.

Licenciado em Direito pela Universidade Federal de Pernambuco teve uma carreira prematura. No Serviço Social da Indústria (SESI), em Pernambuco, tornou-se diretor do Departamento de Educação e Cultura em seguida na Superintendência do mesmo órgão no período de 1946 a 1954, momento em que realizou as primeiras experiências de alfabetização. Em 1961, o educador ocupa a direção do Departamento de Extensões Culturais do Recife criando um método de ensino popular que possibilitou a alfabetização de um grupo com 300 trabalhadores no Rio Grande do Norte num curto período de 45 dias.

Porém, com a implantação do golpe civil-militar de 1964, Freire é considerado subversivo e fica preso por cerca de 70 dias quando é encarcerado na companhia de pessoas que se propunham a refletir a educação do ponto de vista popular. Para Freire (1979):

[...] o que se queria comprovar com a prisão e, em seguida, com os interrogatórios ao qual fora submetido era que além da sua ignorância absoluta (como se houvesse uma ignorância ou sabedoria absolutas) o que se queria provar, repito, era o perigo que eu representava. A partir desse episódio Paulo Freire passa a ser considerado um subversivo internacional, um traidor de Cristo e do povo brasileiro. Nega o senhor, (perguntava um dos juizes), que seu método é semelhante ao de Stalin, Hitler, Perón e Mussolini? Nega o senhor que com seu pretendido método o que quer é tonar bolchevique o país (Freire, 1979, n.p.).

Em razão disso, fica demonstrado que apresentar ao povo outras maneiras de educar a exemplo da Educação Libertadora pode nos tornar “inimigos do estado”, principalmente, se o poder estiver nas mãos de representantes que valorizam ideologias não progressista. Fato que podemos comprovar ao analisar as propostas para a educação no período semidemocrático na gestão do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro¹³ (2019-2022).

Momento de terror para a educação brasileira que viveu um período de ataques que impactaram fortemente a realidade das instituições de ensino, sobretudo, as instituições de ensino público universitário que sofreram cortes massivos das verbas¹⁴ destinadas a

¹³Com a eleição de Bolsonaro a Comunidade Viva Deus também é impactada, avaliando que as famílias acampadas aguardavam a oficialização da posse do imóvel rural denominado Fazenda Eldorado situado nos Municípios de Imperatriz e Cidelândia no Estado do Maranhão. Está área tinha sido contemplada com o decreto de lei em 30 de dezembro de 2014 (Processo INCRA/SR-12/nº 54234.000089/204-21), no governo da Presidenta Dilma Rousseff declarando a fazenda área de interesse social para fins de reforma, porém, o decreto de lei foi ignorado. Fonte: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/dsn/dsn14124.htm. Acessado em: 01 nov 2023.

¹⁴Governo Bolsonaro reduziu em quase R\$ 5 bilhões o orçamento do Ministério da Educação para 2021. Dando prosseguimento ao projeto de desmonte da educação pública brasileira, o governo bloqueou R\$2,7 bilhões do MEC, que podem vir a ser liberados ao longo do ano a depender do limite do teto de gastos, e vetou outros R\$ 2.2

manutenção de prédios e incentivos a ciência. Também, ameaças e denúncias contra os professores que segundo o ex-presidente “eram comunistas” e, por esse motivo, representavam uma ameaça para as famílias de tal modo que esse projeto, sistemático, de desmonte da educação se estendeu a instituições como CNPq, Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), dentre outros setores ligados a educação brasileira essas ações marcaram o governo Bolsonaro como um período trevoso para a educação no século 21.

Retomando, o movimento educacional iniciado por Paulo Freire tem início na década de 1962 no estado do Nordeste, considerada a região mais pobre da federação apresentava um total de 15 milhões de analfabetos¹⁵ nesse período. O pensamento do educador (a sua teoria do conhecimento) deve ser entendido a partir da realidade encontrada no nordeste brasileiro da época em que uma parcela numerosa da população vivia a cultura do silêncio, conforme palavras de Freire, melhor explicando, eram analfabetas (os). O sucesso do método freiriano ocorre a partir da nova percepção da relação pedagógica quando o professor abandona a função de transmissor de conteúdos e passa a estabelecer diálogo com as (os) alfabetizandas (os), ou seja, estabelece uma relação humanizada e assertiva porque quem educa também aprende.



Imagem VI: arquivo GEPEEP

bilhões, que não serão mais distribuídos. O bloqueio não atinge o pagamento de salários, mas as despesas discricionárias. Entregue pelo governo em agosto de 2020, a proposta orçamentária de Bolsonaro já trazia um corte de R \$4,2 bilhões em despesas discricionárias, uma redução de 18,2% no orçamento da educação em relação ao ano de 2020. Comparando a dotação inicial da LOA de 2020 à de 2021, houve um encolhimento no orçamento do MEC de, aproximadamente, R\$ 27 bilhões. Para o presidente da ADUnB Seção Sindical, Jacques de Novion, o corte é mais uma demonstração do projeto de sucateamento da educação pública. “Como dizia Darcy Ribeiro “a crise da educação no Brasil não é uma crise, mas um projeto”. Fonte: <https://adunb.org/conteudo/1520/educacao-e-a-area-mais-atingida-pelos-cortes-de-bolsonaro>)

¹⁵ FREIRE, Paulo. Conscientização: teoria e prática da libertação – uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

Desta forma, baseado na perspectiva teórica e metodológica freiriana a alfabetização trabalhada com a Comunidade Viva Deus intenciona a emancipação das (os) sujeitas (os) partindo da assimilação da palavra geradora **plantar**. A palavra geradora as (os) encorajou a produzir o próprio alimento, conscientes da valorização e respeito com a sustentabilidade ecológica, iniciando a escrita de suas próprias histórias de vida. Pois, anteriormente, os alimentos eram comprados nas feiras da cidade de Imperatriz ou dos pequenos agricultores dos povoados vizinhos, atualmente, as (os) acampadas (os) da Viva Deus retiram da terra ocupada o seu próprio alimento, nesse caso temos uma ação prática de encorajamento e fortalecimento das (os) companheiras (os) que passam a se sentir pertencentes ao território onde vivem a vários anos.

Esta nova concepção pedagógica tenta encerrar com a postura hierárquica assumida por alguns educadores dentro das escolas, haja vista que pensar a educação com base nos ensinamentos de Freire é pensar as técnicas para uma nova pedagogia que valoriza o homem como sujeito histórico de transformação. Mudança que não ocorre naturalmente como o crescimento de uma planta, ela acontece quando esse sujeito participa ativamente das ações transformadoras da condição humana e da dialética histórica. O prof. Ernani Maria Fiore na obra *“Pedagogia do Oprimido”* no capítulo intitulado Aprendendo a dizer a sua palavra apresenta Paulo Freire como:

Um pensador comprometido com a vida: não pensa ideias, pensa a existência. E, também educador: existência seu pensamento numa pedagogia em que o esforço totalizador das “práxis” humana busca na interioridade desta, retotalizar-se como “prática da liberdade”. Numa sociedade cuja dinâmica estrutural conduz à dominação de consciências a pedagogia dominante é a pedagogia das classes dominantes. Os métodos da opressão não podem, contraditoriamente, servir a libertação do oprimido (Freire, 1987, n.p.).

Diante disso, o sistema de alfabetização popular freiriano não pode ser trabalhado de forma isolada, pois é coletivamente que esse sistema educacional tem sentido e significação. Alfabetizar é conscientizar os sujeitos a dizer sua “palavra” e, assim, torná-lo protagonista da sua própria história. Freire, conceitua estas palavras de geradoras porque são uma combinação de elementos que fazem parte do universo vocabular das (os) alfabetizadas (os) que ao dizê-las tem sentido e contribuem para a significação de suas situações existenciais. Significa dizer que os sujeitos terão condição de significar e decodificar a sua existência potencializando a capacidade de análise das situações vivenciadas, conseqüentemente, proporcionará uma ação prática de reflexão.

Está estratégia metodológica de provocar nas (os) acampadas (os) o encorajamento e protagonismo obteve resultados positivos assim conseguimos seguir com o trabalho de outro tema gerador a palavra **Terra** que foi apresentada as (aos) alfabetizandas (os) durante a ministração das aulas no Círculo de Cultura com o propósito de fortalecer a relação de pertencimento das (os) companheiras (os) com o território. Ainda, conectar a comunidade ao sentimento de união para fortalecer o desejo de posse da terra.

Este sentimento de uniformidade seria a nossa ferramenta mais preciosa para atingir o objetivo final da luta que é a posse do território, portanto agora conscientes que a terra é fértil e um primeiro vínculo estava fortalecido e, desse modo, a posse também era possível.



Imagem VII: arquivo GEPEEP

Nosso ponto inicial é a palavra geradora **Terra**, desse modo, na aula de formação política ao perguntamos para as (os) educandas (os) qual é a nossa *situação-problema-desafio*, atual, tivemos a seguinte resposta: **luta, posse da terra, união, terra, energia, escola, luta, lutar, resistência, posse da terra, psicólogo, conquista da terra, resistência, terra, união, união, sobrevivência, trabalho, saúde, conquista da terra, resistência e terra.**

Como podemos verificar para as (os) alfabetizandas (os) a posse da terra é o novo desafio a ser enfrentado e, ampliando, está compreensão perguntamos coletivamente qual é o sentimento das (os) sujeitas (os) em relação a terra: o que a terra representa para vocês? As respostas foram: **terra é vida, sobrevivência, combate à fome, mãe, é tudo, alimento, saúde, solução, criação, conflito, reforma agrária.** Conforme as orientações de Paulo Freire trabalhamos a educação horizontalmente e em círculo momento que elas (es) dialogam e

refletem sobre a própria realidade, criando e recriando uma análise crítica da realidade na qual estão inseridas (os).

Nesta dinâmica as sujeitas que, antes, eram espectadoras assumem uma posição questionadora de protagonismo diante dos processos decisórios que podem sanar as *situações-problemas-desafios* que as oprime. Melhor explicando, no Círculo de Cultura o processo de aprendizado se dá em reciprocidade de consciências a figura do professor é substituída por um coordenador que passa as informações necessária aos participantes do círculo e proporciona os meios favoráveis para dinamizar o encontro, portanto, esse é um momento em que o coordenador procura intervir o menos possível.

Diante desse entendimento e conforme apresentado nesta pesquisa, trabalhamos em duas frentes de formação a alfabetização de jovens, adultos e idosos e a formação política das (os) acampadas (os). Assim, no Círculo de Cultura ficava evidente que as (os) sujeitas (os) tinham uma percepção da vida baseada nos desígnios divinos e, por essa razão, era urgente a formação política com olhar crítico e prático para desmistificar num primeiro momento que os desafios apresentados não eram a vontade de Deus. As *situações-problemas-desafios* eram reais e precisavam ser vistas como situações propositais do sistema opressor, portanto, podemos afirmar que o projeto educativo de Paulo Freire é um projeto libertador.

Realçando que, o Círculo de Cultura possibilita à Educação Popular um diálogo democrático que nos dá a oportunidade de conhecê-los e, desse modo, conscientes da realidade das (os) trabalhadoras (es) podemos concretizar a participação das (os) alfabetizandas (os) nas aulas. Asseverando também que os movimentos populares são a semente da Educação Popular razão pela qual o exercício democrático da educação acontece. Paulo Freire afirma que:

Por isso, desde já, saliente-se a necessidade de uma permanente atitude crítica, único modo pelo qual o homem realizará sua vocação natural de integrar-se, superando a atitude do simples *ajustament* ou acomodação, apreendendo temas e tarefas de sua época. Esta, por outro lado, se realiza à proporção em que seus temas são captados e suas tarefas resolvidas. E se supera na medida em que temas e tarefas já não correspondem a novos anseios emergentes, que exigem, inclusive, uma visão nova dos velhos temas (Freire, 1967, n.p.).

Consequentemente, a partir do diálogo coletivo no processo de compreensão da própria realidade as (os) sujeitas (os) passam a exercitar suas consciências numa ação articulada com a práxis, refletindo e atuando para solucionar as *situações-problemas-desafios* que compõem todo o seu processo histórico de luta e de vida. É nesse processo que engajamos a Educação Popular num movimento de conscientização das massas que ao mesmo tempo é

desafiador e transformador com base no diálogo crítico na fala e vivência das (os) alfabetizandas (os). Igualmente, enfatizamos que uma das virtudes do diálogo é o respeito as (aos) alfabetizandas (os), já que além serem indivíduos são também uma expressão da prática social. Esta linguagem da prática social preconiza uma relação de liberdade segundo enfatizado pela Educação Popular significa dizer que ao sujeito é dado a liberdade de se expressar e dizer a sua palavra, exercendo seu direito político.

O diálogo é imprescindível no processo de alfabetização é a ligação permanente para a comunicação que permite as sujeitas (os) atuar sobre as *situações-problemas-desafios*. Nesse sentido, a Educação Popular passa por inúmeros desafios conforme explicitado no decorrer do texto por ser uma educação que valoriza os movimentos organizativos da vida, assim, destoa do sistema educacional elitista. A educação freiriana possui característica forte dos movimentos populares, pois é crítica e humanizadora, ainda, trabalha a conscientização e a defesa dos direitos humanos especialmente no cenário brasileiro que explora as minorias sociais.

É nesse movimento popular de resistência social, cultural e política que as mulheres e homens da Comunidade Viva Deus estão inseridos e permanecem lutando contra a opressão do Estado, de modo igual, com o poder do capitalismo hegemônico. Na cidade de Imperatriz, a empresa Suzano Papel e Celulose priva os acampados do direito a assistência básica como água encanada e energia elétrica, incendeia plantações e polui riachos e córregos na extensão da área onde cultivam a monocultura do eucalipto, este é o painel das agressões sofridas pela comunidade de forma reiterada.

Por conseguinte, diante do cenário apresentado a Educação Popular, neste século, tem o compromisso de ser o provedor da Soberania Popular ressaltando que seus pressupostos se baseiam na justiça social e no respeito integral aos direitos humanos, razão que torna urgente o reconhecimento do seu valor para ampliar e concretizar o direito dos grupos socialmente excluídos a viver com dignidade.

2.2 EDUCAÇÃO POPULAR NA PERSPECTIVA DE PAULO FREIRE: SOBRE O DESAFIO DE UMA PEDAGOGIA LIBERTADORA

A educação formal está conectada aos interesses ideológicos dominantes e contribui em momentos distintos para formatar o pensamento dos educandos durante o percurso dos acontecimentos históricos, quais sejam: 1) contribuiu com a catequização dos povos indígenas; 2) formou a mão de obra necessária para o trabalho durante o período de industrialização do país e, 3) se tornou uma mercadoria para o capital. Esses períodos históricos ocorreram de

maneira desigual e teceram na sociedade a noção de desenvolvimento a partir dos projetos neoliberais¹⁶ que norteiam a exploração da força de trabalho dos sujeitos, trazendo para a discussão a função da empresa Suzano Papel e Celulose representante do capital internacional em Imperatriz, igualmente, dos projetos neoliberais que ignoram pautas populares como as discutidas neste texto.

Os projetos educacionais neoliberais têm como objetivo instrumentalizar a mão de obra para desenvolver atividades manuais que não exija das pessoas o mínimo de “críticidade” tanto no labor diário de suas atividades quanto na conjuntura de sobrevivência que vivem. Assim, ao avaliarmos as propostas de implementação do Novo Ensino Médio, em 2022, apresentada como a solução para tornar os estudantes - aptos para entrar no mercado de trabalho”¹⁷, fica comprovado o esforço do neoliberalismo em manter os estudantes limitados a desenvolver atividade profissionais manuais, retirando desse grupo a possibilidade de analisar e discutir caminhos possíveis para a mudança da realidade opressiva que vivem.

A implantação do Novo Ensino Médio gerou inúmeras discussões na sociedade com críticas severas sobre as propostas de tecnificação da educação e, também, cobranças concernentes a ausência de debate com os órgãos e instituições de ensino para avaliar as mudanças no modelo educacional atual como a diminuição da carga horário das disciplinas, notadamente, as disciplinas das humanidades e os itinerários formativos¹⁸, dentre outros.

¹⁶ Segundo a abordagem estrutural marxista, o neoliberalismo é definido como estratégia política que visa reforçar uma hegemonia de classe e expandi-la globalmente, marcando o novo estágio do capitalismo que surgiu na esteira da crise estrutural da década de 1970. O neoliberalismo se caracteriza por uma ordem social em que uma nova disciplina é imposta ao trabalho e novos critérios gerenciais são estabelecidos, servindo-se de instrumentos como o livre comércio e a livre mobilidade de capital (Duménil & Lévy, 2014: 11 e 43). Esse modelo legitima-se ideologicamente por meio de uma teoria político-econômica que afirma o livre mercado como garantidor da liberdade individual de empreender e que confere ao Estado o papel mínimo de preservar a ordem institucional necessária. (*Revista Sociedade e Estado. Vol. 34. N. 1, jan/abr. 2019*).

¹⁷ <https://revistagalileu.globo.com/sociedade/educacao>.

¹⁸ A proposta de reformulação do Ensino Médio foi criada como uma medida provisória, durante o governo de Michel Temer. Em 2017, o texto foi aprovado pelo Congresso Nacional no formato da Lei nº 13.415, que estabeleceu a adoção do novo sistema de forma gradativa a partir de 2022 até 2024. Desde que foi apresentado, o projeto foi alvo de críticas pela ausência de debate sobre os interesses da sociedade, isso tanto em relação aos especialistas em educação quanto por parte dos alunos. Outro ponto de críticas ao novo Ensino Médio é a reorganização da grade de aulas. No lugar das tradicionais disciplinas (História, Artes, Química, Biologia etc.), o conteúdo é apresentado aos jovens em quatro áreas do conhecimento integradas (Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, Linguagens e suas Tecnologias, Ciências da Natureza e suas Tecnologias e Matemática e suas Tecnologias). Com um teto para a formação geral básica de 1.800 horas, apenas as disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática são obrigatórias nos três anos. As outras áreas do conhecimento não são ministradas de forma específica. Os itinerários formativos eram a grande promessa de diferencial para o novo Ensino Médio. Apresentados como aulas optativas a serem cumpridas em 1.200 horas divididas pelos três anos, a proposta é integrar múltiplas áreas do conhecimento em um mesmo planejamento pedagógico, de forma a promover ao jovem uma formação técnica e profissional específica. (<https://revistagalileu.globo.com/sociedade/educacao/noticia/2023/04/novo-ensino-medio-entenda-as-3-principais-criticas-ao-modelo>)

Portanto, no Brasil os setores da sociedade que se levantam contra o tecnicismo da educação em detrimento do crescimento intelectual dos estudantes passam a ser visto como inimigos do desenvolvimento do país. E são atacados através de narrativas que desqualificam os projetos de cunho popular que possuem outras maneiras de educar, ou seja, trabalham a educação visando a formação ampla das (os) sujeitas (os) numa perspectiva problematizadora estimulando a participação ativa, questionando a realidade e colaborando para a transformação social coletiva.

Desse modo, a pedagogia do capital formou o sujeito moderno peça fundamental para o projeto de acumulação de bens, pois a estrutura educacional formal incide categoricamente na formação humana, desenvolvendo nas (os) sujeitas (os) características de competitividade e desumanização do *Ser* são estratégias que dificultam o pensamento crítico, igualmente, destroem o sentimento de coletividade. Destacando que está pedagogia tem como objetivo a produção e acúmulo de bens, lucro e controle social finalidades que privilegiam uma parcela ínfima da sociedade.

No mundo contemporâneo a transmissão da informação é instantânea e atinge um número expressivo da população que está imersa na batalha pela sobrevivência, diante deste cenário e compreendendo que a concentração de renda colabora com a pedagogia do capital está é a conjuntura que contribui para a manutenção dos projetos da classe dominante. Ainda, permite que a hegemonia capitalista se eternize e promova incentivos de caráter individualista que fragmentam a consciência de classe, estimulando uma espécie de participação popular “dócil” quer dizer a participação popular se torna uma “ilusão” acerca das problemáticas sociais. Além disso, acarreta limitações no nível de consciência política e crítica das (os) sujeitas (os) mantendo o *status quo* capitalista.

Diante do exposto, entendemos que ao atender as exigências do capitalismo para educação brasileira perdemos direitos fundamentais como o pleno desenvolvimento das (os) sujeitas (os) que deixa de existir, observando que esse direito é um fundamento expreso na Constituição de 1988. A CF/88 indica no art.205¹⁹ que: “à educação é um direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. No art. 206, estabelece os princípios que regem o ensino no Brasil, quais sejam: 1) igualdade de condições para o acesso e permanência na escola; 2)

¹⁹Constituição Federal da República Federativa do Brasil. Capítulo III. Da educação, da cultura e do desporto. Seção I. Da Educação (<http://pactoensinomedio.mec.gov.br>).

liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber; 3) pluralismo de ideias e concepções pedagógicas e, 4) garantia do padrão de qualidade, dentre outros.

Em vista disso, fica garantido constitucionalmente que a educação de qualidade é um dever do Estado e deve oportunizar o pleno acesso ao conhecimento e, do mesmo modo, suscitar a criticidade dando possibilidade aos sujeitos de reconhecer as estratégias de manutenção da opressão capitalista através do molde educacional da classe dominante. Outrossim, deve ser de caráter plural no campo das ideias respeitando as diferentes concepções pedagógicas e a liberdade no processo de ensino-aprendizagem. Nos referimos ao conhecimento conscientizador e crítico, ainda, a um projeto pedagógico de libertação das diversas maneiras de educar que colaboram com a ampliação das linhas de investigação, principalmente, com novas expressões de leitura da realidade quotidiana e dos métodos analíticos das relações de dependência (opressor-oprimido).

Durante o processo de emancipação social temos alguns exemplos de metodologias que acarretaram mudanças reais na relação opressor-oprimido como o modelo pedagógico trabalhado pelo Movimento Sem Terra (MST)²⁰. Para o MST a educação é instrumento de luta e resistência coletiva na defesa dos territórios com a finalidade de orientar as (os) trabalhadoras (es) para a conquista da Reforma Agrária Popular estas orientações se baseiam na percepção da importância da educação em todo o processo de resistência vivenciado cotidianamente pelas (os) trabalhadoras (es) do campo. É neste sentido que o movimento defende a criação de uma “escola no/do campo” valorizando o modo de ser e de viver das (os) companheiras (os) para o MST é basilar que todas as crianças tenham o direito de acesso a escola garantido estejam elas vivendo no assentamento ou em acampamento.

Assim sendo, apreendemos que esse modelo educacional corrobora para a construção de sujeitas (os) potencialmente dotadas (os) com a capacidade de *pensar-analisar-decidir* coletivamente. Conforme dito anteriormente, pensar e trabalhar a consolidação de um modelo

²⁰ O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, também conhecido como Movimento dos Sem-terra ou MST, é fruto de uma questão agrária que é estrutural e histórica no Brasil. Nasceu da articulação das lutas pela terra, que foram retomadas a partir do final da década de 70, especialmente na região Centro-Sul do país e, aos poucos, expandiu-se pelo Brasil inteiro. O MST teve sua gestação no período de 1979 a 1984, e foi criado formalmente no Primeiro Encontro Nacional de Trabalhadores Sem Terra, que se realizou de 21 a 24 de janeiro de 1984, em Cascavel, no estado do Paraná. Hoje o MST está organizado em 22 estados, e segue com os mesmos objetivos definidos neste Encontro de 84 e ratificados no I Congresso Nacional realizado em Curitiba, em 1985, também no Paraná: lutar pela terra, pela Reforma Agrária e pela construção de uma sociedade mais justa, sem explorados nem exploradores. (*Dossiê Desenvolvimento Rural. Estud. av. 15 (43). dez 2001*)

educacional popular vai ao encontro dos valores hegemônicos do capital que percebe a educação como um instrumento para a garantia da hegemonia de grupos privilegiados. Por conseguinte, é relevante tomar posse dos ensinamentos de Paulo Freire que durante toda a vida defendeu a educação com qualidade, humanizada, conscientizadora e libertadora. Capaz de denunciar as situações de dominação e opressão que impedem o homem de ser homem. Freire foi um intelectual que sempre acreditou na capacidade criadora do ser humana. Para ele:

A educação das massas se faz, assim, algo absolutamente fundamental entre nós. Educação que, desvestida da roupagem alienada e alienante, seja uma força de mudança e de libertação. A opção, por isso, teria de ser também, entre uma “educação” para a “domesticação”, para a alienação, e uma educação para a liberdade. “Educação” para o homem-objeto ou educação para o homem-sujeito. Todo o empenho do Autor se fixou na busca desse homem-sujeito que, necessariamente, implicaria em uma sociedade também sujeito. Sempre lhe pareceu, dentro das condições históricas de sua sociedade, inadiável e indispensável uma ampla conscientização das massas brasileiras, através de uma educação que as colocasse numa postura de autorreflexão e de reflexão sobre seu tempo e seu espaço. [...] Autorreflexão que as levará ao aprofundamento consequente de sua tomada de consciência e de que resultará sua inserção na História, não mais como espectadoras, mas como figurantes e autoras (Freire, 1967, p.36).

Refletindo sobre a importância da educação conscientizadora com base no postulado freiriano, concebemos que cooperar para a formação de homens-sujeitos dotados de autorreflexão e reflexão é o caminho para formar uma sociedade de iguais. Ou seja, uma sociedade com inteligência para identificar as opressões contidas na oratória e nas práticas políticas que legislam sobre nossos deveres e direitos. Lembrando que, conforme discutido no transcorrer do texto é urgente (re) pensar a educação brasileira a partir da realidade social do país, encerrando definitivamente com a participação do mercado internacional neste processo.

Exemplificando, as Leis 10.639/03 e 11.645/08²¹, alteram a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), para incluir a obrigatoriedade o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana e História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena na grade curricular dos ensinos fundamental e médio. Nesse sentido, as Leis citadas reafirmam a importância do fortalecimento da formação das (os) sujeitas (os) apresentando desde o início da vida escolar a identidade e a cultura nacional, enfatizando que decisões como esta provoca os educandos no

²¹ No governo de Luís Inácio Lula da Silva a Lei 10.639 de 09 janeiro de 2003, altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. No Art. 1º A Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar acrescida dos seguintes artigos: Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira. Art. 79-B. O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como Dia Nacional da Consciência Negra. A Lei nº 11.645, de 10 março de 2008, torna obrigatório o estudo da História e Cultura Indígena e Afro-Brasileira nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, porém não prevê a sua obrigatoriedade nos estabelecimentos de ensino superior para os cursos de formação de professores (licenciaturas). Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm. Acessado em: 11/11/2023.

intuito de questionar a formação do povo brasileiro e os meios e métodos utilizados para manter a desigualdade social no país. Assim, os alunos passam a refletir com criticidade sobre questões reais de opressão, saindo do papel de homem-objeto para assumir seu lugar no mundo como homem-sujeito.

O professor Ernani Maria Fiori²² descreve Paulo Freire na obra “*Pedagogia do Oprimido*” como “um pensador comprometido com a vida que não pensa ideias, pensa existência”. É um educador que apresenta a existência do seu pensamento pedagógico a partir do esforço totalizador das práxis humana e busca na interioridade desta retotalizar-se como prática da liberdade. Portanto, com foco nas obras e ensinamentos de Freire²³ lutamos fortalecidos em busca da construção e consolidação do Projeto de Educação Popular como modelo educacional que suscite nas (os) sujeitas (os) a consciência crítica da realidade vivida e do mundo. Para Freire (1987) “a consciência e o mundo não se estruturam sincronamente numa estática consciência do mundo: visão e espetáculo”.

Prosseguindo o diálogo com Freire:

A consciência humana busca comensurar-se a si mesma num movimento que transgride, continuamente, todos os limites. A consciência é consciência do mundo: o mundo e a consciência, juntos, como consciência do mundo, constituem-se dialeticamente num mesmo movimento, numa mesma história. Em outros termos: objetivar o mundo é historicizá-lo, humanizá-lo. Então o mundo da consciência não é criação, mas sim elaboração humana. Esse mundo não se constitui na contemplação, mas no trabalho. (Freire, 1987, n.p.).

Deste modo, quando os sujeitos são conscientes do mundo é possível reconhecer as estratégias opressivas e, ao identificá-las, procurar uma solução para as *situações-problemas-desafios* presentes no cotidiano vivido. A educação libertadora sempre será incompatível com o projeto pedagógico capitalista (mistificado ou consciente), a partir do momento que as (os) sujeitas (os) tem o contato a pedagogia da liberdade se percebem homens-sujeitos com potencial para refletir e se descobrir no mundo, tornam-se sujeitas (os) do seu destino histórico.

²² Ernani Maria Fiori (1914-1985). Filósofo brasileiro que na década de 50 já lançava as bases de uma pedagogia da libertação, com foco na autonomia do saber popular. Fiori ficou conhecido em toda América Latina através de seminários e palestras. Em 1963 aderiu à Ação Popular (AP) e durante a ditadura militar de 1964 exilou-se no Chile e no Peru. Nesse período, foi acusado de práticas subversivas contra a ideologia do governo. Em seu trabalho de conscientização e de educação popular, destaca-se por ser contemporâneo aos estudos de Paulo Freire. É importante ressaltar que Fiori e Freire se conheceram no início da década de 60. Desde então selaram uma grande amizade que perdurou durante muitos anos. Em 1967, no auge da censura e da repressão militar, enquanto, ambos, permaneciam exilados no Chile, o filósofo gaúcho colaborou com Freire em seus trabalhos relacionados à Educação Popular. (<https://revistas.uniube.br/index.php/anais/article/view/389/411>).

²³ Uma das características do homem é que somente ele é homem. Somente ele é capaz de tomar distância frente ao mundo. Somente o homem pode distanciar-se do objeto para admirá-la. Objetivando ou admirando – admirar se toma aqui no sentido filosófico – os homens são capazes de agir conscientemente sobre a realidade objetivada. É precisamente isto, a “práxis humana”, a unidade indissolúvel entre minha ação e minha reflexão sobre o mundo (Freire, 1979, n.p.).

2.3 POLITIZAÇÃO DOS SUJEITOS E CONSCIÊNCIA DE GÊNERO

Conforme explanado no percurso da nossa escrita, o esforço acadêmico que estamos trilhando se justifica quando entendemos que as mulheres historicamente estiveram presente nos espaços de luta pelos seus direitos. Assim como nas discussões referente as questões que afetam suas vidas no ambiente público e privado impostas pela estrutura patriarcal de maneira reiterada, tentando administrar os “modos de ser e viver” das mulheres na sociedade. Estas imposições geram inúmeras violências e transformam a militância feminina no campo numa atividade perigosa, porém a presença da mulher no campo é um ato de resistência da luta feminista que conquistou representatividade no tocante a identidade de gênero que potencializou nas companheiras do campo a capacidade de transformar do mundo.

Dessa forma, as ações desenvolvidas junto à Comunidade Viva Deus vêm contribuindo para motivar estratégias de combate visando solucionar as *situações-problemas-desafios*. Com o despertar da consciência crítica, ou seja, com a retomada da consciência no mundo através do trabalho de alfabetização e formação política (jovens, adultos e idosos) no Projeto Escola Comunidade Viva Deus, observou-se que as mulheres da comunidade compreenderam seu papel de agentes transformadoras aptas para contribuí nos debates referente ao labor da terra, igualmente, com as discussões concernente as ações e decisões na Associação de Agricultores Rurais Viva Deus. De acordo com Paulo Freire:

[...] o corpo consciente e curioso que estamos sendo veio se tornando capaz de compreender, de entender o mundo, de nele intervir técnica, ética, estética, científica e politicamente (Freire 2001, n.p.).

Assim, conforme afirmativa de Paulo Freire:

Se os seres humanos fossem puramente determinados e não seres “programados para aprender” não haveria por que, na prática educativa, apelarmos para a capacidade crítica do educando. Não havia por que falar em educação para a decisão, para a libertação. Mas, por outro lado, não havia também por que pensar nos educadores e nas educadoras como sujeitos. Não seriam sujeitos, nem educadores, nem educandos, com não posso considerar Jim e Andra, meu casal de cães pastores alemães, sujeitos da prática em que adestram seus filhotes, nem a seus filhotes objetos daquela prática. Lhes falta a decisão, a faculdade de, em face de modelos, romper com um, optar por outro (Freire, 2001, n.p.).

De modo que, acreditar nas atividades da práxis educativa e emancipadora nos torna convictos que nossas (os) educandas (os) são capazes de apreender, analisar e agir em face dos desafios enfrentados cotidianamente. A práxis educativa e a conscientização política provocaram a ruptura do pensamento de naturalização das violências diárias sofrido pelas (os) acampadas (os), levando-as (os) a compreensão das contradições sociais, culturais e políticas

que as (os) aprisionam no sistema de opressão. Assim, com a finalidade de compreender o processo de conscientização das mulheres do campo é importante descrever (de forma breve) os aspectos históricos e o trajeto percorrido em busca do protagonismo feminino para ocupar os setores de representação e poder na sociedade brasileira.

Torna-se relevante destacar que mesmo existindo uma pauta comum (enfrentar a origem da opressão de gênero - o patriarcado) há especificidade nas demandas das mulheres do campo que as diferencia das feministas urbanas, haja vista que o movimento feminista tem origem no período da revolução liberal na Europa, representando um feminismo urbano e branco, mulheres que gozam dos privilégios de classe. Enfatizando que nesse período a conquista do voto feminino não se estendeu as camponesas, as indígenas e as quilombolas que já lutavam por seus direitos e pelos seus territórios e modos de vida.

De igual modo, precisamos realçar que a supressão da participação feminina nos ambientes de decisão continua e mesmo assumindo cargos de comando enfrentam sérios desafios decorrentes da divisão sexual do trabalho perpetuado através do patriarcado. A naturalização do conceito cunhado por Simone de Beauvoir (eterno feminino) é também a realidade de vida das companheiras do campo, conforme destacado, é inegável que as mulheres participaram ininterruptamente das discussões no contexto das relações sociais, culturais, políticas no campo e na cidade.

Ato de resistência das sujeitas que constantemente batalham pela representatividade e protagonismo diante de questões pertinentes aos direitos básicos por exemplo a liberdade tomar decisões relativas ao próprio corpo e sua vida. Também quando lutam pelo direito de representar e participar das discussões que deliberam os caminhos para solucionar os desafios enfrentados dentro das comunidades.



Imagem VIII: arquivo GEPEEP

Diante do exposto, realçamos que as demandas específicas das mulheres do campo se justificam pela não identificação das pautas com o feminismo europeu, pois considerando que são realidades e necessidades diferentes. Em vista disso, as sujeitas do campo passaram por um processo de auto-organização com base na vivência prática e experiência pessoal decorrente do intercâmbio de saberes que são (re) passados de geração a geração. Assim, os saberes foram difundidos para delinear o movimento feminista que temos atualmente, ou seja, feminismo que atende e representa as questões do campo o feminismo camponês popular²⁴.

O engajamento das camponesas contestando as barreiras culturais que, historicamente, privilegia o sexo masculino e permitindo que determinem o lugar de cuidadora e sexo frágil para as mulheres desde o nascimento dentre outros motivos, provocou mudanças nas pautas do movimento camponês no que concerne a luta pelo território, a divisão sexual do trabalho e a vida. Em razão disso, o comprometimento das mulheres do campo em busca de representatividade e protagonismo reafirma que as (os) trabalhadoras (es) do campo só conseguiram êxito em sua luta num contexto social e a partir da união e participação ativa para sanar as questões que são recorrentes em sua vivência.

Conforme mencionado na obra *“Rosa Luxemburgo: textos escolhidos”*, temos a seguinte reflexão:

Uma sociedade socialista terá necessariamente que ser democrática e vice-versa o que significa que só poderá resultar da participação efetiva das massas populares. Daí sua defesa incisiva do espaço público, das liberdades democráticas como pré-requisito fundamental para a formação política das massas trabalhadoras (Loureiro, 2009, p.101-102).

Portanto, é nesta perspectiva que a auto-organização e engajamento das trabalhadoras rurais contribui com a transformação nos espaços de poder, ou seja, elas emergem da submissão e da naturalização da figura frágil e cuidadora para ocupar os ambientes de discussão e decisão em uma sociedade democrática onde a massa trabalhadora agora politizada sabe dizer a sua palavra.

²⁴ A proposta de nomear o feminismo construído pelas camponesas da América Latina e Caribe foi fruto dos debates realizados nas assembleias de mulheres da Coordenadora Latinoamericana de Organizaciones del Campo (Cloc). A Cloc é uma articulação de movimentos sociais ligados à pauta rural, que nasceu durante as lutas de denúncia dos 500 anos da invasão Europeia à América Latina e Caribe, lutas essas que deram origem a “Campanha de 500 anos de resistências indígenas, campesina, negra e popular”. No Brasil, os movimentos sociais que compõem a La Via Campesina Brasil estão também organizados internacionalmente na Cloc (CALAÇA, Michela. Feminismo camponês popular: contribuição à história do feminismo. **RURIS (Campinas, Online)**, Campinas, SP, v.13, 2021. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/ruris/article/view/17016/11703>.

2.4 FEMINISMO CAMPONÊS POPULAR (FCP)

É inegável a participação histórica das mulheres nos espaços rural e urbano, na luta por direitos básicos e, também, por uma divisão social do trabalho²⁵ que contemple mulheres e homens. Como afirma Rosa Luxemburgo (1912) “a luta da classe proletária ampliou os horizontes das mulheres trabalhadoras”. Portanto, a partir das vivências e lutas das mulheres do campo se inicia uma organização coletiva com o intuito de encontrar solução para os desafios, pautas e necessidades específicas desse grupo de trabalhadoras. Compreendendo que somente organizadas, coletivamente, seria possível acessar os espaços de discussão, representação e de poder, de igual modo, a mobilização feminina do campo rumo a conquista da liberdade de expressão visa a “igualdade de direitos” e oportuniza dignidade a todas as sujeitas.

A solicitação para resolver as disparidades entre as demandas sociais e políticas pleiteadas pelas trabalhadoras rurais desencadeou lutas que libertaram as mulheres da concepção do conceito eterno feminino apresentado na obra “*O Segundo Sexo*” por Simone de Beauvoir. Assim sendo, o patriarcado se utiliza da estrutura social vigente para determinar o lugar das mulheres sejam elas do campo ou da cidade a partir da sua condição biológica de fêmea. Por conseguinte, ao conquistar direitos como: sindicalização, documentação de posse da terra, direitos previdenciários (salário maternidade, aposentadoria).

Ainda, a participação política nos espaços de poder (liderança da comunidade, funções político-partidárias) e consciência crítica perante sua realidade de vida as mulheres do meio rural dão início a legitimação de sua contribuição e existência em relação as pautas que envolvem, diretamente, sua vida cotidiana. Estas reivindicações contribuíram com a construção do Feminismo Camponês Popular, pois diferente das mulheres urbanas contempladas pela teoria feminista europeia as mulheres do campo tiveram que se auto-organizar a partir da vivência prática e das suas experiências pessoais, norteadas pelos saberes herdados durante gerações, para forjar um modelo de feminismo que as representasse.

Além disso, merece destaque a participação do Movimento de Mulheres Camponesas (MMC)²⁶, movimento social autônomo de mulheres rurais do Brasil que participou ativamente

²⁵ Coube, sobretudo, as mulheres trabalhadoras dos séculos XIX e XX, o rompimento com a perspectiva que as mantinha atreladas ao lar e ao papel de mães e que considerava a família “um santuário necessário em um mundo organizado ao redor dos princípios impessoais do mercado”, não influenciados por forças socioeconômicas impessoais (LASCH. Christopher, 1999, n.p.).

²⁶ A retomada do processo histórico de constituição do Movimento de Mulheres Camponesas (MMC-Brasil) é feita com base em informações referentes a construção do movimento em Santa Catarina, a fim de compreendermos sua influência na consolidação do movimento na esfera nacional e em discussões referentes ao

da história de luta e organização das mulheres do campo, suscitando a ruptura de preconceitos e violências na casa (espaço privado) e, sociais (espaço público) dentre outros. De igual modo, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) que desempenhou importante papel na trajetória de luta e organização das mulheres do campo construiu uma mística feminina, feminista e libertadora.

O MST é comprometido com a transformação das relações sociais de gênero através da práxis coletiva promovendo a conscientização das sujeitas, nesse sentido Paulo Freire afirma que: “quanto mais conscientizadas mais será revelada a realidade” nos territórios de atuação destas mulheres. Ainda, de acordo com Freire:

A conscientização é, neste sentido, um teste de realidade. Quanto mais conscientização mais se “desvela” a realidade mais se penetra na essência fenomênica do objeto, frente ao qual nos encontramos para analisá-lo. [...] A conscientização não pode existir fora das “práxis”, ou melhor, sem o ato ação-reflexão. Esta unidade dialética constitui, de maneira permanente, o modo de ser ou de transformar o mundo que caracteriza os homens (Freire, 1979, n.p.)

Desse modo, com base nesta tomada de consciência elas socializam o desejo de continuar no campo produzindo seu próprio alimento, preservando a vida, as espécies e a natureza, além disso, as experiências acumuladas as direcionaram para o desenvolvimento de um projeto popular de agricultura através da agroecologia, da seleção das sementes consideradas um patrimônio dos povos a serviço da humanidade, igualmente, a preservação da biodiversidade. Portanto, a união das mulheres do campo fertilizou a diversidade de vivências que fortalece o movimento feminino rural.

Esta multiplicidade de conhecimentos faz parte da essência da pescadora artesanal, pequena camponesa, quebradeira de coco babaçu, das extrativistas, ribeirinhas, sem-terra, acampadas e assentadas, assalariadas rurais e indígenas, ou seja, são experiências de vida que qualificam o trabalho de todas as mulheres que produzem o alimento para garantir a subsistência de suas famílias. De tal modo que, esta pluralidade de conhecimento corroborou, significativamente, para fortalecer no Brasil o Movimento de Mulheres Camponesas.

A construção do MMC somado ao MST teve significativa participação na consolidação do Feminismo Camponês Popular que é um movimento derivado de vivências distintas, experiências e partilha de saberes. Assim, traçando uma síntese da construção do

seu feminismo camponês e popular. (SANTOS. Iolanda Araújo Ferreira dos. BETTO. Janaina. Movimentos Sociais Rurais e Feminismos: percursos e diálogos na construção do Feminismo Camponês e Popular. **Caderno CRH**, [S. l.], v. 34, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/crh/article/view/423440>). Acessado em: 30/01/2024.

Movimento de Mulheres Camponesas tem início no estado de Santa Catarina (MMC-SC), em 1983, fruto da mobilização política promovido por setores ligados a Igreja Católica ligado a Teologia da Libertação. Este movimento sócio eclesial surgiu na década de 1960 e faz uma análise crítica da realidade social visando dar auxílio a população oprimida que luta por seus direitos. A conquista dos direitos sociais permitiu que as mulheres pudessem ocupar os espaços sindicais contribuindo com a leitura crítica das dificuldades enfrentadas.

Melhor dizendo, a luta não se resumia apenas a conquista de uma identidade profissional era preciso causar uma ruptura no processo de discriminação da estrutura patriarcal em relação as mulheres. Para romper com a estrutura de aprisionamento do feminino, elas buscaram ampliar a articulação com distintos movimentos de mulheres a exemplo do 1º Encontro Nacional de Mulheres Trabalhadoras Rurais²⁷, ocorrido em 1986 na cidade de Barueri-SP. Participaram desse momento 36 mulheres representando 16 estados, intensificando a participação política das trabalhadoras do campo na perspectiva de assegurar o direito a serem ouvidas nos espaços de discussão que debatem sobre a conquista da terra. Também, tinham o objetivo de convocar novas companheiras para fortalecer a luta e exigir a documentação de suas terras para se tornarem legitimamente sindicalizadas.

As articulações em nível nacional somada as diversas parcerias contribuíram para o fortalecimento do MMC que teve seu reconhecimento oficial em 2004, ainda neste ano acontece no Brasil a 4ª Conferência da Via Campesina²⁸, momento que o Movimento de Mulheres Camponesas se torna um dos organizadores da conferência. Diante dos aspectos de empoderamento e protagonismo destas trabalhadoras, do mesmo modo, com o despertar da “consciência crítica” resultou na compreensão de que além da luta pelo reconhecimento da

²⁷ No encontro nacional de Barueri, foram definidas prioridades estratégicas como as atividades de autoformação e o aprofundamento do debate sobre princípios e propostas para a transformação da sociedade. Em 1988 aconteceu o 2º Encontro Nacional, novamente na cidade de Barueri-SP e, no ano seguinte o 1º Congresso de Mulheres Trabalhadoras Rurais, que resultou na criação da comissão mobilizadora para filiação aos sindicatos. A pauta era a luta pela regulamentação dos direitos previdenciários e a Articulação Nacional de Mulheres Trabalhadoras Rurais (ANMTR) realizou uma mobilização nacional que em 1992 levou até Brasília 1.800 trabalhadoras de 18 estados. (Centro Feminista de Estudos e Assessoria. Disponível: https://www.cfemea.org.br/plataforma25anos/_anos/1986.php?iframe=1986_1_encontro_rural. Acessado em: 30/01/2024).

²⁸ A Via Campesina (VC) nasceu em 1992, quando várias lideranças camponesas dos continentes americano e europeu participaram em Manágua do II Congresso da Unión Nacional de Agricultores y Ganaderos (UNAG), da Nicarágua que propuseram a criação de uma articulação mundial de camponeses. Os temas definidos pela Via Campesina são: soberania alimentar e comércio, reforma agrária, paridade de gênero, direitos humanos, agricultura camponesa sustentável, biodiversidade e recursos genéticos, migrações e trabalhadores rurais. A VC compreende a soberania alimentas como um direito dos povos em definir suas políticas agrícolas duradouras e solidárias, determinadas pelas organizações nacionais e pelos governos suprimindo o poder das corporações multinacionais. (Sites/USP. Disponível: <https://sites.usp.br/portallatinoamericano/pt/espanol-via-campesina>. Acessado em: 30/01/2024).

profissão de agricultora era necessário assumir uma postura feminista dentro do espaço rural. Diante desse novo contexto no campo, em 2010, acontece a 11ª Assembleia Estadual do MMC-SC e nesta ocasião as dirigentes que faziam parte do encontro definiram oficialmente que:

Para nós do Movimento das Mulheres Camponesas, o nosso feminismo vai para além das relações de gênero: é uma proposta, é um projeto de sociedade que enfrenta a cultura patriarcal, a opressão que nós sofremos dos homens e tudo, e da luta contra o capital e a construção de um projeto de sociedade com mais igualdade que é o nosso sonho. Continuar afirmando que um dia nós queremos uma sociedade socialista que para nós, a sociedade socialista é uma sociedade igualitária com distribuição de renda que todo mundo tenha terra e os direitos. Então, nós, na nossa avaliação é trabalhar um pouco essa questão, que quando falamos de feminismo, seja o nosso feminismo (Revista Grifos, 2013).

O engajamento das trabalhadoras rurais e o despertar da consciência crítica as direcionou no sentido da compreensão das especificidades da luta camponesa, também, para o autorreconhecimento como mulheres feministas que atuam no campo. A consciência de classe e o desejo de “construir um projeto de sociedade igualitário” somaram positivamente na luta considerando que estas mulheres foram ouvidas no cenário político e conseguiram conquistar os direitos previdenciários. De tal modo que a afirmação de um feminismo diferente “o nosso feminismo” foi construída a partir do encorajamento e organização do protagonismo e luta das mulheres camponesas.

Enfatizando que diante dos conflitos que envolvem a conquista da terra e território, elas continuam, reiteradamente, lutando contra a opressão de gênero e contra as mazelas do cenário político brasileiro. No tocante ao MST sua origem remonta do final da década de 70 e início da década de 80, sendo formalmente fundado em 1984, esse movimento social tem início a partir dos conflitos fundiários resultado das reivindicações pelo direito a terra e território. Realçando que o MST é um movimento constituído por mulheres e homens que lutam pela reforma agrária caracterizando-se como um movimento social misto. Teoricamente, pode-se considerar que nunca houve restrição em relação a participação das mulheres dentro do MST, no entanto é perceptível a predominância masculina a frente dos cargos de liderança seja ela: política, administrativa ou produtiva.

Ainda, dentro do movimento as mulheres travaram, de certa forma, uma batalha para ocupar a mesa de discussão e resolução das pautas, ação que contribuiu significativamente para o avanço organizativo do movimento como veremos num trecho do texto produzido para comemorar os 40 anos do MST:

O protagonismo feminino contribuiu significativamente para o avanço organizativo do movimento. Já nas primeiras ocupações de terra a presença das mulheres e das crianças impactou no sentido de sensibilizar a sociedade quanto ao problema de

exclusão e desterritorialização das famílias sem-terra [...]. Na trajetória do MST as Trabalhadoras Rurais Sem Terra estão ativas nas mais diversas frentes de lutas. Com suas ferramentas de trabalho, a bandeira, seu boné vermelho na cabeça ou seu lenço de chita, se lançam no combate correndo todos os riscos, inclusive o de perder a própria vida (MST, 2024).

Assim sendo, com o engajamento e protagonismo das mulheres e diante das incessantes mobilizações e organização das sujeitas do MST foi possível ampliar o debate sobre as relações de gênero, buscando um diálogo igualitário para todo o movimento. Como resultado das mobilizações foi aprovado, em 2000, a criação do Setor Nacional de Gênero²⁹. Partindo da seguinte percepção: o MST é um movimento misto e, por essa razão, só teriam um avanço real se todas (os) estiverem envolvidos no debate sobre a relação de gênero que dizer o debate deve estar integrado organicamente ao movimento, portanto, o principal objetivo da criação do setor de gênero era garantir a efetividade da participação feminina nos espaços de decisão e ao mesmo tempo delegar a responsabilidade da discussão aos homens que ocupam estas instâncias.

De modo que com a criação do Setor de Gênero e a inclusão do MST na Via Campesina o movimento de mulheres do campo se fortalece, especificamente, por um viés feminista. É imprescindível destacar dois pontos importantes na convergência entre campesinato e feminismo: 1) a vinculação do movimento à Via Campesina implicou na ressignificação do que é ser camponês e, 2) as mulheres do campo se identificaram com o feminismo marxista que procura vincular as questões de classe e gênero aos espaços de formação interna do movimento. Logo, ao se assumir como mulher camponesa e feminista o MST assume a linha de um feminismo conhecido como feminismo marxista ou feminismo revolucionário.

Desse modo, diante do processo histórico de constituição do Feminismo Camponês Popular é possível compreender a importância dos movimentos sociais existentes para o fortalecimento do protagonismo feminino da mulher do campo. Movimentos como a Via Campesina, o Movimento de Mulheres Camponesas e o Movimento dos trabalhadores Rurais Sem Terra foram vitais na constituição de todo o processo de formatação do feminismo no campo. Finalizando, fica evidenciado que a Via Campesina e mais precisamente o Movimento de Mulheres Camponesas contribuíram diretamente para forjar o termo feminismo camponês

²⁹ No I Congresso Nacional do MST, realizado em 1985, foram aprovados dentre as normas gerais a organização de comissões de mulheres do MST para discutir problemas específicos, o estímulo à participação das mulheres em todos os níveis de atuação, instâncias de poder e representatividade, assim como combater toda a forma de discriminação das mulheres e a luta contra o machismo. [...] A necessidade de envolver o todo da organização neste debate culminou na criação do setor de Gênero, este teria a tarefa de estimular o debate de gênero nas instâncias e espaços de formação, de produzir materiais, propor atividades, ações e lutas que contribuíssem para a construção de condições objetivas para a participação igualitária de homens e mulheres, fortalecendo o próprio MST. [...] a construção do setor de gênero possibilitou um novo significado da luta pela terra, onde todas e todos sentem-se sujeitos participantes de um processo de mudança (MST, 2014).

popular, pois esclareceu sobre as especificidades das pautas pertinente as mulheres do campo que compreendiam a urgência da criação do feminismo camponês, pois não se sentiam representadas nas pautas defendidas pelo feminismo urbano.

Portanto, desde o momento que as mulheres se conscientizam e se afirmam como “camponesas” fica consolidando a identidade de classe, o campesinato. Esta afirmação serve redefini-lo, atribuindo ao conceito um caráter político momento em que pautas³⁰ como o agronegócio, a defesa da soberania alimentar e, por fim, a produção agroecológica começam a ser discutidas fortemente no âmbito político juntamente as questões de luta pela terra e território. A construção do Feminismo Camponês Popular contribui para dar fim ou chamar atenção, num primeiro momento, para as pautas e lutas das mulheres do campo e depois para a necessidade de encerrar as dicotomias que afastam o valor do trabalho entre mulheres e homens.

Sabemos que estão acontecendo constantes mudanças no mundo contemporâneo, porém, estamos lutando contra relações de subordinação que foram construídas no decorrer da história e atuam enfaticamente para reafirmar as posições de gênero conforme preestabelecido pelas instituições que regulam a conduta humana como a igreja e a sociedade patriarcal. Os movimentos feministas e, em especial, o feminismo camponês são construídos para modificar as posições vigentes na sociedade com o compromisso de afirmar definitivamente a possibilidade e a capacidade das mulheres como protagonista na transformação das relações de gênero, lutando também para ocupar espaços de atuação política e econômicas na perspectiva de torná-las sujeitas emponderadas protagonistas das suas vidas.

Mulheres potentes que colaboram para o fortalecimento e criação de uma sociedade de iguais, espaço para mulheres e homens que lutam coletivamente para conquista direitos sociais legítimos conforme indicado na Constituição Federal de 1988, como o direito a posse da terra e território. Lembrando que a produção sustentável dos pequenos agricultores e das populações tradicionais irão garantir a sobrevivência do planeta, pois tem profundo respeito a preservação da fauna, flora, mananciais, ainda, compreendem o valor da segurança alimentar e da produção agroecológica.

³⁰ Tais pautas ganharam relevância inclusive nas lutas do 8 de março, considerando a importância mobilizadora dessa data, em 2006, quando cerca de 1.800 mulheres da Via Campesina ocuparam o viveiro Horto Florestal de Aracruz Celulose no município de Barra do Ribeiro no Rio Grande do Sul. Momento estratégico para chamar à atenção da imprensa nacional e internacional no evento da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (FAO), ocorrido na mesma data em Porto Alegre. **Caderno CRH**, [S. l.], v. 34, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/crh/article/view/423440>. Acessado em: 30/01/2024.

3 METODOLOGIA DE PESQUISA: COMUNIDADE VIVA DEUS E O PERCURSO INVESTIGADO

A herança deixada pelo período colonial brasileiro construiu o modelo capitalismo dependente e subdesenvolvido que temos atualmente e originou os impasses históricos que envolvem principalmente as disputas por terra. A luta pela terra no Brasil representa uma forma de subversão que segue a direção oposta dos interesses da elite dominante e nesse cenário o MST representa a resistência das (os) trabalhadoras (es) do campo, pois é um movimento social organizado e autônomo que atua na articulação e organização das (os) sujeitas (os) do campo visando o avanço da política de Reforma Agrária através do projeto de educação popular.

Ainda, possui diversos instrumentos como estratégias de luta no sentido de conquistar a terra: acampamentos, marchas, luta pela Reforma Agrária Popular, transformação social, dentre outras. Logo, este foi o cenário de luta e resistência que conhecemos na Comunidade Viva Deus localizada na área denominada Fazenda Eldorado as margens da Rodovia Padre Josimo Tavares (Estrada do Arroz)³¹. É importante destacar que atualmente a Estrada do Arroz não apresenta mais sua característica inicial de corredor agrícola da produção de arroz, assim, atualmente a rodovia é composta por pequenas lavouras onde as famílias plantam para o próprio consumo. Um dos fatores que contribuíram para o declínio da produção está relacionada ao cercamento da área que foi vendida para a empresa Suzano Papel e Celulose também para latifundiários que migraram de várias partes do país.

Em 2008, a empresa Celmar S/A Papel e Celulose é vendida para a empresa Suzano Papel e Celulose, dando seguimento a uma lógica de operacionalização com valores pautados no desenvolvimento econômico e social, do mesmo modo, busca incorporar ao seu patrimônio as pequenas áreas que pertencem aos trabalhadores, fazendeiros ou pequenos agricultores para fortalecer ainda mais a expansão das transações comerciais. É nesse cenário de enfrentamento e resistência de oposição ao projeto de concentração de terra pela hegemonia capitalista representado pela Empresa Suzano que as (os) agricultoras (es) da Comunidade Viva Deus estão inseridas (os).

³¹ A estrada do Arroz, MA-386, ganhou esse nome devido à grande produção de arroz que nela aconteceu entre as décadas 1950 e 1970, quando trabalhadores rurais fugindo de conflitos agrários chegaram àquela região, em busca de “terras livres”, e se instalaram para fazer aquilo que sabiam fazer: lidar com a terra. As condições da estrada que dá acesso aos povoados ficaram, por mais de 40 anos, no mais completo abandono por parte dos governos, e foi asfaltada apenas no ano de 2016- quando passou a chamar-se Rodovia Padre Josimo em homenagem ao ativista religioso assassinato em 1986, por questões de conflito agrário

A empresa modificou a vida das (os) trabalhadoras (es) no território com a promessa de emprego para as famílias que residem no perímetro da Estrada do Arroz e apesar da implementação das políticas públicas (Auxílio Emergencial Financeiro, o Programa Minha Casa Minha Vida Rural, cotas nas Escolas Profissionalizantes e o Pronatec Campo) pensadas para garantir a permanência das (os) sujeitas (os) do campo em seus territórios o processo de desterritorialização aconteceu intensamente. Destacando que as (os) trabalhadoras (es) enfrentam também a burocracia da Lei no sentido de adquirir o direito legítimo de acesso à terra, portanto, a organização e resistência assim como a luta popular se fortalecem na concepção de lutar contra as amarras do Estado também resistir ao avanço das empresas que poluem o meio ambiente.

Esta é a luta combatida pela Comunidade Viva Deus uma comunidade de acampadas (os) que desenvolve estratégias de resistência através da união e conscientização coletiva já que a construção da identidade social dos grupos organizados e a conquista da Reforma Agrária é parte constitutiva de todo o processo de luta pela terra dos grupos oprimidos socialmente. A produção agroecológica, a preservação das sementes e a soberania alimentar são alguns dos elementos que irão cooperar para a construção desta sociedade saudável e segura para o planeta.

Assim, estas são características essenciais do processo de fortalecimento e conscientização das (os) sujeitas (os) da comunidade, verificadas durante as atividades desenvolvidas no Projeto Escola Comunidade Viva Deus com o Grupo de Ensino, Pesquisa, Extensão em Educação Popular (GEPEEP) do Curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), campus de Imperatriz. Nosso trabalho junto à comunidade tem por objetivo alfabetizar e despertar nas sujeitas (os) a consciência e a visão crítica sobre as questões relativas a posse do território onde estão acampadas (os) e para alcançar esses objetivos pautamos nosso trabalho nos ensinamentos de Paulo Freire fazendo uso de ferramentas metodológicas, quais sejam: *Círculo de Cultura*, *Mística*, *situações-problemas-desafios*, texto coletivo.

Estas ferramentas são trabalhadas de maneira conjunta com a alfabetização e a formação política para fortalecer a compreensão das educandas (os) diante do cenário de disputa pela posse da terra. A metodologia utilizada para o desenvolvimento da pesquisa tem aspecto investigatório, analisando que o propósito é apresentar as experiências práticas do processo de encorajamento e protagonismo das mulheres da Comunidade Viva Deus investigados durante as atividades de alfabetização da comunidade a partir das suas experiências e realidade de vida. O embasamento metodológico da pesquisa está no próprio recorte da mesma: o protagonismo

das mulheres da Comunidade Viva Deus e, desse modo, busco responder os objetivos propostos qualitativamente, além disso, fundamentamos a discussão nas categorias analíticas dos pressupostos freirianos.

Considerando que Paulo Freire é o autor com vasta produção sobre a práxis metodológica da Educação Popular. Esta organização metodológica inicial, contribui para que não seja cometido equívocos, ou seja, a Educação Popular se propõe a “construir com os sujeitos e não para os sujeitos”, abandonando qualquer tipo de imposição no processo de educação. Assim, o respeito aos costumes e crenças de um povo ou comunidade é fundamental para a construção do vínculo saudável entre educandos e educadores, esclarecendo que a Educação Popular conforme indica Brandão (2009, p.34): “não é um método conscientizador, mas um trabalho sobre a cultura que faz da consciência de classe um indicador de direções”. Nesse propósito, os diários de campo apresentados se referem as problemáticas que envolvem a luta e a vida da Comunidade Viva Deus.

Deste modo, a conjuntura de vida das trabalhadoras será a base da apresentação dos resultados que contribuíram para o encorajamento e protagonismo das mulheres que viviam presas as regras patriarcais no contexto de acampamento rural. Conforme já explicitado, o meu primeiro contato com a presente pesquisa ocorre a partir da minha entrada no GEPEEP que atuou continuamente diante das demandas educacionais, políticas e sociais apresentadas pela comunidade. A alfabetização das (os) sujeitas (os) da Viva Deus se baseiam em máximas do postulado de Paulo Freire (1987) “alfabetizar não é aprender a repetir as palavras” porque a cultura letrada conscientiza a cultura: a consciência historiadora auto manifesta à consciência sua condição essencial de consciência histórica”.

Ainda, de acordo com Freire:

[...] A palavra instaura o mundo do homem. A palavra, como comportamento humano, significante do mundo, não designa apenas as coisas, transforma-as; não é só pensamento, e práxis. Assim considerada, a semântica é existência e a palavra viva plenifica-se no trabalho. Expressar-se, expressando o mundo, implica o comunicar-se. A partir da intersubjetividade originária poderíamos dizer que a palavra, mais que instrumento, é origem da comunicação: a palavra é essencialmente diálogo. A palavra abre a consciência para o mundo comum das consciências, em diálogo portanto. [...] E o homem só se expressa convenientemente quando colabora com todos na construção do mundo comum, só se humaniza no processo dialógico de humanização do mundo (Freire, 1987, n.p.).

Inicialmente, faremos a leitura e a análise bibliográfica de obras que estudam os temas discutidos pertinentes a história da Educação Popular e o surgimento do feminismo no Brasil também a história do movimento camponês na luta pela conquista da terra/território e nesse

sentido faremos uso de fontes secundárias (livros e periódicos). Este esforço acadêmico será importante para obtermos o embasamento teórico necessário para a elaboração da hipótese e a construção do roteiro de investigação que nos conduzirá para a fase de entrevistas junto as mulheres da Comunidade Viva Deus.

A pesquisa de campo foi desenvolvida a partir do paradigma qualitativo de investigação, com base nos seguintes autores: Minayo (2007), Pedro Demo (1998), Sílvia Gamboa (2008), dentre outros teóricos. O procedimento metodológico da pesquisa seguiu os princípios metodológicos da pesquisa-ação e das concepções freiriana de atuação, ou seja, foram desenvolvidas no Círculo de Cultura com a identificação das *situações-problemas-desafios* mais urgentes colocados pelas moradoras da comunidade. Realçando o papel importante da pesquisa-ação para o desenvolvimento do nosso trabalho. De acordo com Thiollent:

(...) a proposta de pesquisa-ação dá ênfase à análise das diferentes formas de ação. Os aspectos estruturais da realidade social não podem ficar desconhecidos, a ação só se manifesta num conjunto de relações sociais estruturalmente determinada. Para analisar a estrutura social, outros enfoques, de caráter mais abrangentes são necessários (Thiollent, 1986, p.9).

René Barbier (2007) afirma que “há mais de cinquenta anos, surgiu uma abordagem específica em Ciências Sociais denominada pesquisa-ação, notadamente a partir dos Estados Unidos”. Em 1986, por ocasião de um colóquio no Institut National de Recherche Pédagogique (INRP), os pesév. lisadores partiram da seguinte definição: "Trata-se de pesquisas nas quais há uma ação deliberada de transformação da realidade; pesquisas que possuem um duplo objetivo: transformar a realidade e produzir conhecimentos relativos a essas transformações" (Hugon; Seibel, 1988, p. 13).

Referente a pesquisa qualitativa nas ciências sociais, destacamos que trabalhar com o universo do significado, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes corresponde a um espaço mais profundo das relações são processos e fenômenos sociais que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. Nesse sentido para Minayo:

As Metodologias de Pesquisa Qualitativa são entendidas como aquelas capazes de incorporar a questão do significado e da intencionalidade como inerentes aos atos, às relações, e às estruturas sociais, sendo essas últimas tomadas tanto no uso advento quanto na sua transformação, como construções humanas significativas. [...] a pesquisa qualitativa visa compreender a lógica interna de grupos, instituições e atores quanto a: 1) valores culturais e representações sobre sua história e temas específicos; 2) relações entre indivíduos, instituições e movimentos sociais e, 3) processos históricos, sociais e de implementação de políticas públicas e sociais (Minayo, 2014, p.22-23).

A abordagem qualitativa se aprofunda no mundo dos significados nas ações e relações humanas um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas. Estamos falando das Ciências Sociais indicando que o objeto estudado por esta ciência é sempre uma perspectiva histórica. Seguindo no diálogo com Minayo (2014, p.39) “as sociedades humanas existem num determinado espaço cuja formação social e configurações culturais são específicas” para ela:

Toda investigação social precisa registrar a historicidade humana, respeitando a especificidade da cultura que traz em si e, de forma complexa, os traços dos acontecimentos de curta, média e longa duração, expressos em seus bens materiais e simbólicos. Mas as pesquisas sociais contemporâneas precisam também compreender a simultaneidade das diferentes culturas e dos diferentes tempos num mesmo espaço, como algo real e que enriquece a humanidade. Isso significa compreender o global e o local, convivendo e sendo, ao mesmo tempo, mutáveis e permanentes. Pois o ser humano é autor das instituições, das leis, das visões de mundo que, em ritmos diferentes, são todas provisórias, passageiras, trazendo em si mesmas as sementes de transformação (Minayo, 2014, p.39-40).

Dessa forma, tanto no fenômeno quanto no processo social deve-se perceber as determinações e transformações que são geradas pelos sujeitos compreendendo uma relação intrínseca de oposição e complementaridade, entre o mundo natural e social. Idem, entre o pensamento e a base material requerendo também a necessidade de se trabalhar com a complexidade e a especificidade das diferenças que os problemas e/ou objetos sociais apresentam.

Logo, para o desenvolvimento do procedimento metodológico da pesquisa foram utilizadas ferramentas de investigação e observação, entrevista aberta semiestruturada e diário de campo, ainda, utilizamos o roteiro de entrevistas semiestruturada para dar liberdade as trabalhadoras de responder o questionário simples que planejamos. Este método é uma combinação de perguntas definidas com perguntas espontâneas que proporciona um diálogo natural e possibilita que as informações sejam mais aprofundadas, conforme indica Minayo:

No formato final de sua elaboração o roteiro deve apresentar-se na simplicidade de alguns tópicos que guiam uma conversa com finalidade (Minayo, 2004) sob as seguintes condições: (a) cada questão que se levanta, faça parte do delineamento do objeto e que todos se encaminhem para lhe dar forma e conteúdo; (b) permita ampliar e aprofundar a comunicação e não cerceá-la; (c) contribua para emergir a visão, os juízos e as relevâncias a respeito dos fatos e das relações que compõem o objeto, do ponto de vista dos interlocutores (Minayo, 2014, p.189).

Finalizando, ao mesmo tempo que direcionamos as perguntas podemos evitar que a entrevista se desvie do objetivo principal a apreensão dos relatos das mulheres da Comunidade Viva Deus diante das decisões e encaminhamentos na Associação de Agricultores Rurais Viva Deus e demais espaços onde estas sujeitas são convidadas a participar. Nosso trabalho na

comunidade busca despertar nas sujeitas (os) o que Paulo Freire chama de **consciência crítica**, essencial no processo real de transformação social. Segundo Freire (1987) “o homem é consciente e, na medida em que conhece, tende a se comprometer com a própria realidade”.

3.1 DOS INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nesta sessão discorro sobre os instrumentos e procedimentos metodológicos trabalhados em campo com as sujeitas participantes da pesquisa no Projeto Escola Comunidade Viva Deus, quais sejam: círculo de cultura, mística, *situação-problema-desafio*, construção do texto coletivo e registros em diários de campo. Estas são ferramentas metodológicas permitem a promoção de debates em grupo com o objetivo de avaliar claramente as situações, igualmente, contribuem para o planejamento de estratégias de enfrentamento dos problemas identificados proporcionando também a interação direta entre os sujeitos da comunidade, conforme apresentaremos nos parágrafos seguintes.

O Círculo de Cultura, termo cunhado por Paulo Freire, representa um espaço dinâmico de aprendizagem e troca de saberes onde as (os) sujeitas (os) se reúnem durante as atividades educacionais para partilhar temáticas de interesses comuns ao grupo.

Conforme indicado Freire:

O círculo de cultura, no método Paulo Freire, revive a vida em profundidade crítica. A consciência emerge do mundo vivido, objetiva-o, problematiza-o, compreende-o como projeto humano. Em diálogo circular, intersubjetivando-se mais e mais, vai assumindo, criticamente, o dinamismo de sua subjetividade criadora. Todos juntos em círculo e, em colaboração, reelaboram o mundo e ao reconstruí-lo, apercebem-se de que embora construído, também, por eles, esse mundo não é verdadeiramente para eles (Freire, 1987, n.p.).

Ainda, dialogando com Freire:

Ao objetivar seu mundo o alfabetizando nele reencontra-se com os outros e nos outros, companheiros de seu pequeno “círculo de cultura”. Encontram-se e reencontram-se todos no mesmo mundo comum e, da coincidência das intenções que o objetivam, surge a comunicação, o diálogo que critica e promove os participantes do círculo. Assim, juntos, (re) criam criticamente seu mundo: o que antes os absorvia, agora podem ver ao revés. No Círculo de Cultura, a rigor, não se ensina, aprende-se em “reciprocidade de consciências”; não há professor, há um coordenador que tem por função dar as informações solicitadas pelos respectivos participantes e propiciar condições favoráveis à dinâmica do grupo, reduzindo ao mínimo sua intervenção direta no curso do diálogo (Freire, 1987, n.p.).

A metodologia freiriana do Círculo de Cultura apresenta resultados positivos na identificação das *situações-problemas-desafios*, avaliando que nesta estratégia metodológica tanto orientador quanto educandos participam das discussões e constroem reflexões sobre a realidade para coletivamente identificar os desafios e pensar as possibilidades de intervenção.

Dessa maneira, por intermédio do processo de *ação-reflexão-ação* as (os) sujeitas (os) são direcionados a ocupar a posição de autores das suas histórias, assim, conscientizam-se e se fortalecem para modificar as suas práticas. A pesquisa qualitativa se articula com o referencial metodológico de Freire especialmente porque reflete o contexto social vivido pelos participantes através da dialogicidade promovida no círculo.

E uma metodologia que possibilita a caracterização dos conflitos, contradições e a diversidade da situação existencial, nesse contexto o círculo de cultura revela uma nova maneira de trabalhar a educação, ou seja, substitui o modelo formal de educação. Esta diferenciação do modelo tradicional pode ser constatada num primeiro momento com a disposição das carteiras em sala de aula, já que os participantes se organizam formando a figura geométrica de um círculo qualificando a interação do grupo. Nesta disposição geométrica os participantes podem **se ver, se olhar e se ouvir**, sem hierarquia, o círculo de cultura **revive a vida** em profundidade crítica.

É imprescindível destacar que durante o trabalho de alfabetização na Comunidade Viva Deus enfatizamos a todo momento da importância da união do grupo de acampadas (os) porque concebemos que somente através do diálogo é possível alcançar objetivos em comum. Assim sendo, a posse da terra é o objetivo comum que os une, portanto, a Amorosidade torna-se essencial no processo de luta, união e existência destas (es) sujeitas (os). Em vista disso, conforme indicado por Freire (1978):

A ajuda autêntica, não é demais insistir, é aquela em cuja prática os que nela se envolvem se ajudam mutuamente, crescendo juntos no esforço comum de conhecer a realidade que buscam transformar. Somente em tal prática, em que os que ajudam e os que são ajudados se ajudam, simultaneamente, é que o ato de ajudar não se distorce em dominação do que ajuda sobre quem é ajudado (Freire, 1978, n.p.).

Por conseguinte, a união e a amorosidade com base nos ensinamentos de Paulo Freire se transformam em práticas necessárias para as (os) sujeitas (os) se reconhecerem como pessoas livres e detentoras de conhecimento, saberes e cultura própria. Porém, mesmo que esse conjunto de fatores identitários não sejam valorizados pela sociedade de classe é importante reconhecer as diferenças socioculturais e de classe que contribuíram para a legitimação das ações que serão organizadas para resolver os problemas existentes na comunidade. Em vista disso, o reconhecimento das especificidades enquanto grupo social contribui para que as trabalhadoras se percebam como sujeitas subjetivas, singulares e humanas, nunca como objeto.

A Mística é a ferramenta que trabalhada em conjunto com a Educação Popular, fornece os mecanismos necessários para demonstrar a importância da amorosidade no processo de

reflexão e pertencimento das (os) sujeitas (os) ao território e a importância da união entre as pessoas do grupo acampados. Esta ferramenta metodológica é uma forma de celebração e pode ser vista como um exercício ou modo de vida, ainda, uma maneira de ver o outro e, por essa razão, colabora com a apropriação popular. Entretanto, ressaltamos que a mística não é uma prática nova se tomarmos como exemplo o período da Idade Média as pessoas viviam na clausura sob a disciplina da Igreja Católica em busca de uma vida simples de trabalho e oração, ou seja, a procura de experiências místicas.

Outrossim, a mística pode ser relacionada a uma forma de conhecimento já que sua origem está referendada pela filosofia clássica. A partir da compreensão da relação existente entre a Mística e a Educação Popular como elementos que se conectam a vida prática das (os) sujeitas (os) quando trabalhada na vivência em comunidade percebemos a potencialidade de colaboração desta ferramenta para a conquista da autonomia e emancipação, igualmente, com o reconhecimento dos seus companheiros enquanto sujeitos que lutam por um objetivo em comum. Dialogando com Paulo Freire:

Não há diálogo, porém, se não há um “profundo amor ao mundo e ao homem”. Não é possível a pronúncia do mundo que é um ato de criação e recriação, se não há amor que a infunda. Sendo fundamento do diálogo, o amor é também diálogo. Daí que seja essencialmente tarefa de sujeitos e que não possa verificar-se na relação de dominação. Neste o que há é patologia de amor. [...] Amor não. Porque é um ato de coragem, nunca de medo está em comprometer-se com sua causa. A causa de sua libertação. Mas, este compromisso, porque é amoroso, é dialógico (Freire, 1987, n.p.).

Na mesma perspectiva de reflexão sobre o reconhecimento, pertencimento e amorosidade das (os) sujeitas (os) em relação a seu povo ou comunidade, dialogamos com Renato Hilário que faz a seguinte meditação:

É preciso aprender a ouvir/escutar elaborando o que o sujeito outro está dizendo, e ao dizer o que está significando pressupõe um sentimento de ser acolhido pelo outro de acolher o outro. Ouvir/escutar o outro, elaborando com base no que o outro fala, e responder sobre o que falou e naturalmente pensou. Da mesma forma, ou outro, até então falante, passa a ouvir/escutar elaborando o que o outro está dizendo. Nesta alternância de sujeitos falantes-pensantes-atuantes e ouvintes-escutantes-elaborativos, compreendo que sujeito sou também dessa história e que me constituo como outros sujeitos, tendo com chão a materialidade de nossas condições históricas de vida. São fios que se juntam: feixos, teixos, urdiduras (Reis, 2011, p.9).

Portanto, a importância da Mística para a Educação Popular está na busca pela compreensão coletiva do amor entre os sujeitos que vivem em comunidade numa perspectiva de emancipação e conquista dos objetos em comum. Entender o que os une enquanto classe, na luta e na vida tornar a Mística um instrumento metodológico concreto que soma positivamente com a existência dos educandos. No entanto, ressaltamos que antes de pensar na mística é necessário conhecer a realidade dos povos e comunidades saber como eles se manifestam e

como veem o mundo, também conhecer a maneira de organização da vida cotidiana dos sujeitos. Por fim, qual é a sua crença, reza e sua arte, deve-se compreender que é o cotidiano do mundo que constrói a mística a ser revelada.

Isto posto, é possível observar que a nossa interação com as educandas/alfabetizandas da Comunidade Viva Deus se inicia através dos instrumentos e procedimentos metodológicos que trabalhamos coletivamente durante o diálogo pedagógico buscando desenvolver o processo de alfabetização/formação/humana/política. Reafirmando que as atividades são desenvolvidas com total respeito ao universo cotidiano e as vivências em comunidade com ações contínuas de socialização entre os sujeitos que apresentam suas experiências, anseios e demandas independente da natureza. Portanto, com a socialização das demandas enfrentadas pelo grupo de acampados torna-se possível identificar a problemática que os afeta coletivamente, assim, a questão mais urgente é a *situação-problema-desafio* que iremos trabalhar.

De acordo com Reis:

A análise das narrativas elucida indícios da ocorrência histórica de um movimento prático desinibidor, disparador do exercício de um atuar-sentir-falar-pensar dos sujeitos, de consciência da possibilidade de exercício do poder no conjunto das relações sociais, de construção e transformação da própria práxis alfabetizadora/educativa, na qual a questão central é a superação de uma situação-problema-desafio (Reis, 2011, p. 9-10).

A *situação-problema-desafio* possui natureza diversa que permeia a política, a cultura ou a economia, melhor dito, são situações que impactam diretamente a sobrevivência das (os) alfabetizandas (os) diariamente. Advertido que a solução destas questões conflitivas pode ser trabalhada com a produção de texto coletivo visando encontrar possibilidades para a superação dos problemas apresentados no Círculo de Cultura. Em vista disso, esta produção textual deve ser construída a partir da “palavra geradora” que é parte importante no processo de construção coletiva dos textos que trabalhamos, como afirma Freire (1987): “com a palavra o homem faz e refaz. Ao dizer a sua palavra, pois, o homem assume conscientemente sua essencial condição humana”.

Concluindo, a *situação-problema-desafio* são entendidas como enfrentamentos provenientes dos conflitos de luta pela conquista da terra e território. A luta da comunidade pela posse da terra faz parte do processo histórico que envolve indígenas, quilombolas, comunidades tradicionais, quebradeiras de coco babaçu, ribeirinhos e famílias sem-terra, entre outros. E neste cenário de resistência a Educação Popular com suas ferramentas e metodologia corrobora para desenvolver a aprendizagem e a consciência política como prática social uma vez que as (os)

sujeitas (os) vivem o contexto de comunidade/acampamento torna-se inegável que elas (es) são produtoras (es) do espaço social e esta participação nunca será dissociada da Educação.

Durante as atividades percebemos que as mulheres avançaram qualitativamente no tocante ao processo de encorajamento e protagonismo diante das discussões que, outrora, eram vistas como assunto para homens. E com o trabalho de alfabetização e formação política identificamos que as moradoras da comunidade começaram a refletir sobre o conflito em questão com criticidade, saíram da condição de oprimidas para a posição de agentes transformadoras que sabem dizer a sua palavra geradora.



Imagem IX: arquivo GEPEEP

Agora elas se apresentam como sujeitas protagonistas das suas vidas e conscientes dos desafios que enfrentam no processo de luta pela conquista do assentamento onde vivem há décadas. Reiterando que as ferramentas metodológicas freirianas (círculo de cultura, mística, situação-problema-desafio) somaram significativamente com a alfabetização e a formação política das sujeitas na Comunidade Viva Deus.

A caminhada praxica no convívio com a comunidade proporcionou registros fotográficos, diário de campo e diálogos com as moradoras esse material tem relevante importância para descrever como foi percebido a construção do encorajamento e protagonismo das mulheres. Nossa participação nos encontros locais e regionais nos dias de acampamento em instituições como o INCRA que é representante legal pelo processo de assentamento das famílias. Também, em reivindicações junto ao poder público municipal da cidade de Imperatriz no estado do Maranhão são estratégias de luta para tentar pressionar o estado a assumir e cumprir o compromisso que estabelecido pela Constituição brasileira que versa sobre a Política

Agrícola e Fundiária e da Reforma Agrária no artigo 184 indicando que compete à União desapropriar por interesse social, para fins de reforma agrária as terras improdutivas.



Imagem X: arquivo GEPEEP

Do mesmo modo, organizamos coletivamente um dossiê para atestar a necessidade de implantação de energia elétrica na comunidade material que em seguida foi entregue ao representante Central Elétrica do Maranhão S/A (CEMAR) comprada pelo Grupo Equatorial que atualmente é responsável pelo fornecimento de energia elétrica no Estado do Maranhão.



Imagem XI: arquivo GEPEEP

É importante destacar que a nossa vivência junto à comunidade foi constituída de labuta intensa, no entanto tivemos também conquistas marcantes que merecem ser comemoradas a exemplo das Festas da Colheita I e II resultado do encorajamento das (os) trabalhadoras (es),

através da construção da palavra geradora **Plantar**. Presenciamos o protagonismo destas mulheres nas passeatas de rua na cidade de Imperatriz fruto das parcerias firmadas com os movimentos que lutam pela Reforma Agrária e defendem o projeto agroecológico sustentável. Finalizando, ao identificar o protagonismo feminino das companheiras da Viva Deus fica evidenciado a contribuição da Educação Popular e o poder da alfabetização através do sistema educacional freiriano.



Imagem XII: arquivo GEPEEP

A partir desse momento as sujeitas da comunidade iniciaram a caminhada ativa como protagonistas na defesa do território onde vivem, mulheres que dizem a sua palavra, liderando e participando dos processos decisórios da Associação de Agricultores Rurais Viva Deus. Concluindo, as trabalhadoras estão lutando de maneira consistente na perspectiva de legalizar a situação da Comunidade Viva Deus com base no Decreto Presidencial de 30 de dezembro de 2014, que estabelece o assentamento de 110 famílias.

Acreditamos que as comunidades tradicionais e os pequenos produtores do campo têm o saber necessário para desenvolver um sistema de produção agroecológica sustentável necessário para manutenção do equilíbrio do nosso ecossistema que diariamente é deteriorado pela exploração capitalista que retira das comunidades o direito de viver em seus territórios.

3.2 DO LÓCUS E OS DESAFIOS DA PESQUISA

É importante sublinhar que trabalhar com pesquisa-ação³² é um desafio, já que esta linha de pesquisa está associada a diversas formas de ação coletiva também porque é orientada pela resolução de problemas ou objetivos de transformação coletiva. Melhor dizendo, fazer pesquisa-ação exige do pesquisador atenção, sensibilidade, amorosidade e proximidade com os participantes do grupo de trabalhado. Esta introdução é necessária para apresentar o nosso lócus de pesquisa uma comunidade de acampadas que residem as margens da Rodovia Padre Josimo Tavares na zona rural, localizada a 43km da cidade de Imperatriz - MA.

Os desafios iniciam quando visualizamos a distância geográfica entre a universidade (UFMA) e a Comunidade Viva Deus considerando a necessidade de termos transporte para locomoção do grupo de professores. No entanto, em vários momentos ficamos impossibilitados de fazer a reserva do transporte e os motivos apresentados eram: 1) o veículo está quebrado e não temos recurso para fazer a manutenção e, 2) o microônibus não tem combustível, razão pela qual corriqueiramente o transporte particular da professora Betania (coordenadora do projeto) era usado para levar o grupo de professoras (es) até a comunidade, nos encontrávamos na universidade às 14h com horário previsto de chegada a comunidade às 15h todas as quartas-feiras.

No tocante a falta de recurso para manter o transporte da universidade, identificamos que esse sucateamento da frota fazia parte do projeto de desmonte do ensino público superior ocorrido durante o (des) governo do ex-presidente da república Jair Messias Bolsonaro (2019 a 2022) que apresentava total desprezo pela ciência e, especialmente, ao ensino superior de forma geral. Contudo, nosso trabalho educacional também é um ato de resistência diante das adversidades que acompanharam todo o labor com a alfabetização e formação política na comunidade. Em diversas ocasiões as aulas se estendiam mais que o planejando, conforme

³² Hoje em dia, no Brasil e noutros países, a linha da pesquisa-ação tende a ser aplicada em diversos campos de atuação: educação, comunicação, organização, serviço social, difusão de tecnologia rural, militância política ou sindical etc. No entanto, a pesquisa-ação ainda está em fase de discussão e não é objeto de unanimidade entre cientistas sociais e profissionais das diversas áreas. [...] Do ponto de vista sociológico, a proposta de pesquisa-ação dá ênfase à análise das diferentes formas de ação. Os aspectos estruturais da realidade social não podem ficar desconhecidos, a ação só se manifesta num conjunto de relações sociais estruturalmente determinada. Para analisar a estrutura social, outros enfoques, de caráter mais abrangentes são necessários. [...] Entre as diversas definições possíveis, daremos a seguinte: a pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (Thiollent, 1986, p.7-9-14).

realçamos trabalhar com pesquisa-ação exige dedicação dos pesquisadores, portanto, de acordo com o andamento das aulas tínhamos situações que precisavam ser discutidos/tratados.



Fonte: <https://andesufrgs.org.br/contra-os-cortes-orcamentarios-nas-universi>

Exemplificando, os problemas de saúde eram assistidos pelas agentes de saúde do povoado São Felix, porém as acampadas tinham dificuldade de acessar o atendimento. Nesse sentido nos mobilizamos para trazer até a comunidade um representante da saúde municipal para dialogar com as acampadas e indicar uma solução para esse problema. Dessa maneira, metodologicamente nos organizamos da seguinte forma: 1) reuniões semanais para fazer estudos dirigidos sobre os temas/pautas de interesse da comunidade - sempre buscando contribuir com a emancipação das (os) sujeitas (os) no processo autorreconhecimento do seu potencial de interação como agentes de transformação política e social; 2) discutir/planejar as aulas e os temas que seriam trabalhados na próxima visita à comunidade.

Visto que o Projeto Escola Comunidade Viva Deus objetiva promover o processo de formação de professores alfabetizadores da educação popular de jovens, adultos e idosos. Desse modo, construímos um calendário de reuniões, ainda, dividimos a condução dos encontros entre os acadêmicos pesquisadores do GEPEEP. Definido os temas geradores fizemos uma análise do material de apoio (livros, jornais, folders explicativos sobre campanhas de saúde, dentre outros), está avaliação prévia do material didático impresso era necessário em virtude da ausência de energia elétrica na comunidade, realidade que impossibilita o trabalho com midas tecnológicas.

As aulas eram ministradas num galpão de chão batido coberto de palhas e sem paredes cedido para o grupo de professores pelos acampados e ao chegar no local sempre tinha um

morador para nos receber. Em seguida, posicionávamos as cadeiras em círculo de acordo com a nossa metodologia de trabalho para iniciar as aulas. A comunidade é composta por jovens, adultos e idosos, enfatizando que o grupo de pessoas adultas é maioria e, diante desta configuração, as demandas eram distintas. Em vista disso, tivemos contato com vivências diferentes motivadas pela pluralidade de saberes regionais e culturais em virtude da origem das (os) acampadas (os) vindas de estado distintos por exemplo do Estado do Piauí também de aldeias indígenas, isto posto, convivemos com uma diversidade cultural que influenciava na maneira ser e viver dessas (es) sujeitas (os) que se manifestavam através do artesanato, comida, música e formas de cultivar a terra.



Imagem XIII: arquivo GEPEEP

Compreendemos coletivamente a necessidade de conseguir assistência governamental para as famílias, assim, ao finalizar as aulas éramos procurados pelos moradores que apresentavam diversas demandas de cunho pessoal. Por exemplo, problemas relativos ao Programa Bolsa Família quando uma moradora foi teve o benefício cancelado sendo mãe de crianças menores de idade. Levamos a pauta para reunião e decidimos fazer contato com o setor responsável assim nos dirigimos até a sede do programa na cidade de Imperatriz e recebemos explicações e material informativo.

Logo, no encontro seguinte apresentamos em reunião o material a comunidade para informar sobre o tramite necessário para (re) ativar o benefício e para facilitar a busca por informação fizemos contato com uma agente de saúde no povoado de São Felix que fica próximo a Viva Deus. Dentre tantas demandas a falta de água potável e de energia elétrica representava nosso maior problema e desafio porque impactava diretamente no processo de assentamento das (os) sujeitas (os) da comunidade uma vez que a instalação da água ou da

energia dariam subsídios para comprovar que os acampados moravam e produziam há décadas no local.

Igualmente, a inexistência de energia elétrica no local de certa maneira limitava nossa atuação no tocante a apresentação de filmes e documentários como metodologia e ensino e fortalecimento da luta das (os) moradoras (es).



Imagem XIV: arquivo GEPEEP

Em vista disso, além dos fatores ilustrados que tornam nossa luta dificultosa temos o impacto do capital no processo de luta e resistência da Comunidade Viva Deus, representado pela Empresa Suzano Papel e Celulose. Durante o andamento dos trabalhos podemos constatar o quanto a especulação capitalista pode trazer malefícios as comunidades e a biodiversidade que imediatamente é transformada pelas atividades industriais desenvolvidas no perímetro de moradia as comunidades vivem. Foi marcante presenciar ataques como envenenamento de poços e incêndios nas plantações cultivadas pelos acampados, conforme mencionado anteriormente temos um período de altas temperaturas.

Em relação aos ataques (incêndio nas plantações) presenciamos um desses ataques, dia tenso, as aulas foram interrompidas unimos as forças e com o auxílio de baldes e galhos de palmeira nos juntamos a comunidade para combater o incêndio que foi contido, esclarecendo que ataque citado não é um fato isolado considerando que em outros momentos a comunidade foi atacada.

Concluindo, são inúmeros os desafios enfrentados para desenvolver o trabalho de pesquisa-ação e Educação Popular. Asseverando que ao escolher trabalhar com os métodos da pesquisa-ação e da Educação Popular estamos desenvolvendo uma educação que segue na contramão da educação tradicional já que são estratégias metodológicas que trazem consigo diferentes maneiras de refletir, pensar e agir, ainda, apresentam um olhar contra hegemônico perante a educação tradicional.

Desse modo, abre-se espaço para outras configurações do conhecimento marcando que o “saber popular” transforma a sociedade e produz cultura, ainda, é importante frisar que compreendemos a resistência da Viva Deus diante das adversidades cotidianas a partir da reflexão de Paulo Freire que percebe o trabalho com a condição fundamental para o homem viver imerso na constituição humana enraizada nos aspectos históricos, culturais, sociais e políticos.

4. ANÁLISE DOS RESULTADOS

4.1 CONHECENDO A VIVÊNCIA DAS (OS) SUJEITAS (OS)

O histórico de luta percorrido pela Comunidade Viva Deus tem base na política agrícola e fundiária também na política da Reforma Agrária, descrita no capítulo III art. 184 da Constituição Federal de 1988³³, que trata do comprometimento da União em desapropriar área improdutiva de interesse social para fins de Reforma Agrária. Portanto, diante desta concepção as mulheres e homens da comunidade tem enfrentado inúmeras lutas no intuito de conseguir a posse da terra e território visando a sua emancipação social de igual modo buscam a consolidação da soberania alimentar através da produção sustentável que valoriza os recursos naturais. São sujeitas (os) conscientes que valorizam a agricultura familiar e a produção sustentável na perspectiva de todo ecossistema.

Desse modo, conscientizar, fazer refletir e planejar são estratégias de ação que compõe o trabalho contextualizado da educação com viés popular. Assim, a Educação Popular contribuiu com a Viva Deus, especialmente, com as mulheres no processo de encorajamento e protagonismo das sujeitas, pois a transformação da participação feminina somou positivamente

³³ Da Política Agrícola e Fundiária e da Reforma Agrária. Art. 184. Compete à União desapropriar por interesse social, para fins de reforma agrária, o imóvel rural que não esteja cumprindo sua função social, mediante prévia e justa indenização em títulos da dívida agrária, com cláusula de preservação do valor real, resgatáveis no prazo de até vinte anos, a partir do segundo ano de sua emissão, e cuja utilização será definida em lei. Link: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf. Acessado em: 19/02/2024

nas demandas de resistência da comunidade impactando ainda na desconstrução da imposição patriarcal que a sociedade impõe aos corpos femininos. Neste contexto, as mulheres apresentaram um salto qualitativo no tocante a participação nas aulas de alfabetização, igualmente, no processo de formação política da comunidade.

O protagonismo feminino pode ser identificado quando o silêncio no Círculo de Cultura foi rompido idem com a contribuição referente as *situações-problemas-desafios*, destacando também a presença das mulheres nos encontros entre comunidades que já conseguiram a posse da terra conforme será desenvolvido nesta seção. A Viva Deus é uma comunidade plural no tocante a origem das mulheres que a constituem, vindas de diferentes regiões e culturas, como Dona Terezinha que é indígena Guajajara e Dona Zenilde é piauiense da cidade de Bertolândia. Essa diversidade cultural e de saberes enriqueceram o trabalho de alfabetização com as mulheres enfatizando que nossa ação educacional e formativa tem profundo respeito pelo saber popular e toda sua força como conhecimento que transforma a sociedade.

Asseveramos que o protagonismo feminino não se resume a narrativa contemporânea que coloca o conceito de protagonismo a serviço do capitalismo para promover produtos de beleza ao público feminino. Nos propomos a trabalhar o conceito do ponto de vista do fortalecimento das mulheres corroborando com a compressão sobre a importância de ampliar sua atuação nos espaços de decisão, ou seja, que as mulheres da Viva Deus se emancipem e assumam o seu protagonismo diante das discussões/reflexões/ações que envolvem a comunidade.

Assumir esse protagonismo é exercer outra concepção de poder é um processo que fomenta condições e possibilidades que as sujeitas têm de autodeterminar suas próprias vidas. Para Simone de Beauvoir (1970), o patriarcado sempre deteve os padrões necessários para se manter no controle da vida social e, nesse sentido, as mulheres ficaram reféns da dependência masculina que retirou delas as condições necessárias para uma ascensão igualitária. De acordo com a autora:

A história mostrou-nos que os homens sempre detiveram todos os poderes concretos; desde os primeiros tempos do patriarcado, julgaram útil manter a mulher em estado de dependência; seus códigos estabeleceram-se contra ela; e assim foi que ela se constituiu concretamente como Outro. Esta condição servia os interesses dos homens, mas convinha também a suas pretensões ontológicas e morais (Beauvoir, 1970, p. 179).

Portanto, a emancipação e o protagonismo atuam na contramão do entendimento que apresenta o sexo feminino como o *Outro*, agindo efetivamente para retirá-las da passividade e

inércia diante dos enfrentamentos que os oprime como a recusa do estado em fornecer energia elétrica e água encanada, também, garantir a demarcação da área em litígio. Ainda, pela imposição das regras patriarcais as sujeitas ficam privadas da possibilidade de desenvolver suas habilidades, sejam elas intelectuais ou físicas. O encorajamento das mulheres da comunidade contribuiu efetivamente para a sua participação nas discussões sobre as pautas que tratam sobre a posição da mulher nos espaços de poder realçando que apesar de parecer simples uma mulher se levantar em ambientes onde homens tem a palavra essa postura de protagonismo deve ser contextualizada.

Deve-se observar o cenário que a mulher está inserida e quais imposições são inerentes ao espaço, pois o silenciamento da voz feminina continua sendo uma realidade social constante. Logo, foi a partir de ações consideradas simples como aprender a ler e se levantar para dizer a sua palavra no Círculo de Cultura e nas reuniões/assembleias da comunidade que iniciamos o processo de encorajamento das mulheres da Viva Deus. Desse modo, tivemos como resultado a compreensão do significado da palavra protagonismo já que as mulheres passaram a se manifestar, deixando claro o seu entendimento sobre as questões que afligem a vida cotidiana da comunidade.

Nos círculos de cultura discutimos sobre as opressões e procuramos identificar as *situação-problema-desafio* mais prementes para depois buscar a estratégias para solucioná-los. Assim, metodologicamente fomos introduzindo a voz feminina nas discussões, conclamando a Dona Zenilde, Zizi, Índia, Analina e Eunice que dissessem a sua palavra, opinião e posicionamento referente as reflexões discutidas nas reuniões e assembleias da Associação de Produtos Rurais Viva Deus. Explicitando que, as parcerias firmadas com os movimentos de luta pela conquista da terra e território como o MST e MIQCB que colaboraram de forma consistente em todo o processo formativo das sujeitas da comunidade, frisando que o MIQCB participou fortemente na construção do nosso trabalho de alfabetização e formação política.

O Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu nesse período representado por Rosalva Gomes colaborou diretamente na construção das atividades de formação política, participação nos encontros regionais, estaduais e oficinas de artesanato. Consideramos que a socialização das mulheres da Viva Deus com as companheiras de comunidades já assentadas acarretou novos aprendizados que contribuíram com as estratégias

de luta e resistência, de igual modo, cooperaram com a preservação da cultura das sujeitas do campo que valoriza a produção agrícola familiar e o Bem Viver³⁴



Imagem XV: arquivo GEPEEP

A contribuição do MIQCB é marcante para a nossa caminhada de encorajamento e protagonismo das mulheres da comunidade sendo este um movimento formado exclusivamente por mulheres, fortes e emancipadas e protagonistas da sua própria existência. Sujeitas potentes e politizadas que lutam de maneira organizada com o propósito de preservar os babaçuais tanto nos territórios onde vivem quanto nos estados que o coco babaçu está presente.

Mulheres como Dona Expedita, Querubina e Francisca que tivemos a honra de conhecer ao participar da I Festa do Coco (27/09/2019), Comunidade Pifeiros, realizada na cidade de Amarante no estado do Maranhão são exemplos do protagonismo feminino do campo. Elas representam a luta feminino no campo como podemos observar no relato na reflexão de Dona Querubina durante o encontro: **a luta não é só para deixar a palmeira de pé é, também, para dá oportunidade de bem viver para todos.**

³⁴ Na América Latina, nas últimas décadas, surgiram profundas propostas de mudança que se apresentam como caminhos para uma transformação civilizatória. As mobilizações e rebeliões populares – especialmente a partir dos mundos indígenas equatoriano e boliviano, caldeirões de longos processos históricos, culturais e sociais – formam a base do que conhecemos como Buen Vivir, no Equador, ou Vivir Bien, na Bolívia. O Bem Viver é, essencialmente, um processo proveniente da matriz comunitária de povos que vivem em harmonia com a Natureza. [...] O Bem Viver, isto é fundamental, supera o tradicional conceito de desenvolvimento e seus múltiplos sinônimos, introduzindo uma visão muito mais diversificada e, certamente, complexa. Por isso mesmo as discussões sobre o Bem Viver, termo em construção, são extremamente enriquecedoras. O Bem Viver revela os erros e as limitações das diversas teorias do chamado desenvolvimento. ACOSTA, Alberto. **O bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos**. 1ª edição. Editora Autonomia Literária. São Paulo, 2016.



Imagem XVI: arquivo GEPEEP

E complementou:

Moro em uma área de assentamento há 33 anos, sou agricultora familiar assentada. Essa luta é difícil, a gente doa tempo é uma luta solidária, a gente luta porque tem o espírito de lutar. Quero dizer o seguinte: “companheirada, a gente tem que ser a gente aqui e onde tiver o babaçu é um meio de vida que Deus deu de graça, não precisa aguar é só preservar (Querubina, 27 de setembro de 2019).

Dessa maneira, a partir das vivências que tivemos enquanto professores (as) que trabalham com a educação popular que as parcerias firmadas com MST e MIQCB foram valiosas no processo de formação política das mulheres da Comunidade Viva Deus. O relato de vida, luta e resistência de Dona Querubina apresenta o quanto a luta pela conquista da terra e território pode ser longa, porém evidencia que somente através da luta coletiva é possível alcançar esse objetivo. Ainda, expressa o sentido concreto do conceito protagonismo feminino ao afirmar - **temos que ser nós mesmas em qualquer lugar.**

O protagonismo feminino conduz as mulheres a autoafirmação do ser mulher como potência que interage, opera e define estratégias de luta e resistência em suas comunidades. Meu primeiro contato com Projeto Escola Comunidade Viva Deus data do dia 04 abril de 2018, momento em que conhece a trajetória e história de vida das acampadas. Um período de muita tensão na perspectiva política e social em virtude dos da prisão do Presidente Luís Inácio Lula da Silva e as tentativas da Companhia Vale do Rio Doce (CVRD), que tentava comprar a Fazenda Eldorado a área destinada para assentamento.

Sendo que a documentação necessária para assentar as (os) trabalhadoras (es) num total de 110 famílias, já tramitava no Supremo Tribunal Federal (STF) razão pela qual a CVRD não teve êxito em finalizar a compra. Diante deste cenário reforçamos a necessidade do pensamento e ação coletiva, sentimento que foi o nosso ponto de partida para o trabalho de formação política. Considerando que a consciência de classe é fundamental para a união coletiva das (os) trabalhadoras (es) nos reunimos para refletir sobre como desenvolver nas (os) acampadas (os) o sentimento de união e coletividade diante das necessidades mais urgentes.



Imagem XVII: arquivo GEPEEP

Diante dos relatos e encaminhamentos nos organizamos da seguinte maneira: 1) trabalhar a formação de lideranças na comunidade; 2) programar reunião com os representantes da Associação de Agricultores Rurais Viva Deus (presidente, tesoureiro, secretário); 3) esclarecer para a comunidade o papel e a importância da parceria com o MST e MIQCB; e, 4) durante as aulas abordar temas que conscientizem as (os) moradas (es) sobre a importância da luta de classe.

Desse modo, trabalhar com as *situações-problemas-desafios* é atuar em diversas frentes de conflitos, motivo pelo qual a nossa atuação como educadores (as) abrange questões internas e externas a comunidade, pois a instalação de energia elétrica e água potável eram necessidades básicas que não poderiam ficar em segundo plano. Sendo que em relação a energia elétrica ocorrem diversas reuniões com a comunidade e os representantes da Empresa Suzano na sede da Equatorial Maranhão na cidade de Imperatriz para debater sobre o assunto.

Assim, em assembleia decidimos coletivamente montar um dossiê (documento pode ser visto nos anexos) para apresentar a distribuidora de energia elétrica em

Imperatriz a urgência no atendimento da solicitação feita pela comunidade. Deste modo, esse é um dos motivos pelo qual a Empresa Suzano Papel e Celulose é figura central do conflito.

4.2 DO PROTAGONISMO FEMENINO

Conforme dito anteriormente nosso trabalho de alfabetização e formação política teve a contribuição marcante dos movimentos sociais que atuam contra a grilagem de terras no Brasil. Nesse sentido, destacamos a contribuição do MIQCB que acompanhou o processo de formação política, encorajamento e protagonismo das mulheres da comunidade de maneira constante no tocante as atividades desenvolvidas pelo Projeto Escola Comunidade Viva Deus através da companheira Rosalva Gomes. A época, secretária do movimento na regional de Imperatriz, Rosa assumiu o papel de facilitadora indicando o nome da Viva Deus para compor o grupo dos casos que fazem parte do cenário dos conflitos de terra no Maranhão.

Incluso no Tribunal Permanente dos Povos a comunidade alcançou mais um espaço de notoriedade para denunciar os ataques que vem sofrendo há décadas. Os companheiros Felix e Zenilde viajaram até a cidade de Goiânia no estado de Goiás para denunciar as violências praticadas pela Empresa Suzano Celulose e Papel conforme apresentados neste trabalho monográfico



Imagem XVIII: arquivo GEPEEP

As experiencias com o MIQCB e MST enriqueceram nosso projeto de alfabetização e formação política, analisando que estes movimentos se consolidaram como representantes da luta pela conquista da terra e território, ainda, são movimentos em que as mulheres

protagonizam a luta de maneira igualitária. E com base na vivência da potência Rosalva como militante que defende o direito de acesso à terra para todos e a preservação dos babaçuais vamos fazer uma breve apresentação desta sujeita que se define como mulher preta, quebradeira de coco e artesã do babaçu.

A respeito do Projeto Escola Comunidade Viva Deus Rosa tem a percepção que é um projeto de extrema relevância para a Região Tocantina na perspectiva educacional com base nos pressupostos da pedagogia de Paulo Freire. E segue refletindo que:

Falar do Projeto Escola Comunidade Viva Deus é falar de um dos aprendizados mais importantes e significativos em nossa região no tocante a educação contextualizada e formativa a partir da pedagogia de Paulo Freire. O projeto continua sendo importante para a região e, especialmente, para o acampamento Viva Deus porque trouxe uma experiência, sobretudo, de encorajamento muito forte para as companheiras da comunidade (Rosalva Gomes, 2023).

Segundo Rosa, educar e alfabetizar com a pedagogia freiriana traz uma consciência política diferenciada quando discutimos questões atinentes ao meio ambiente, a estrutura política organizativa do espaço, a organização das mulheres no espaço, igualmente, temas relativos à produção e relação dessas sujeitas com a terra e território gerando o sentimento de pertencimento e união. Neste registro fotográfico Zenilde, Analina, Eunice e demais companheiros da Viva Deus acompanham o Advogado Rafael Silva ((MIQCB) até o INCRA na cidade de Imperatriz.



Imagem XIX: arquivo GEPEEP

De acordo com a análise de Rosa o projeto escola trouxe a práxis educativa para dentro da comunidade apresentando um projeto encorajador, principalmente, para mulheres que foram e continuam sendo protagonistas dentro da Viva Deus. Ela relata que o projeto escola representa a libertação das sujeitas da comunidade:

Eu lembro bem quando chegamos com esse trabalho dentro da comunidade com o trabalho de alfabetização do GEPEEP e o MIQCB fazendo o acompanhamento das atividades políticas, organizativas e de mobilização as companheiras (os) tinham medo de plantar e, eu lembro é uma imagem muito forte da I Festa da Colheita que o projeto escola em parceria com os movimentos sociais organizou dentro da comunidade nós construímos uma mandala de alimento que chamamos de mandala viva foi tanto alimento que não coube na mandala este foi um momento muito marcante para mim (Rosalva Gomes, 2023).

Rosa assevera que falar sobre o projeto escola na comunidade Viva Deus é constatar a presença de vários elementos formativos, quais sejam: 1) encorajamento e fortalecimento das mulheres - hoje elas apresentam um protagonismo totalmente diferente comparado ao que encontramos na chegada do projeto; 2) alfabetização com viés político e de conscientização ambiental - consciência da relação entre povo, terra e território e, 3) apoio a luta da comunidade pela posse da terra - com presença do projeto escola e as ações para além da alfabetização junto aos parceiros a Viva Deus conseguiu visibilidade tanto na sua existência quanto na luta pela terra a comunidade ficou mais protegida, pois vivia sobre ataques e vigilância constante da empresa Suzano Papel e Celulose que disputa com a Viva Deus a posse da terra.



Imagem XX: arquivo GEPEEP

Rosa compreende que o trabalho educacional de formação política desenvolvido na Viva Deus deixou em evidência para o Estado do Maranhão e para o país a luta da comunidade para conseguir a posse da terra e território através do Tribunal Permanente dos Povos. E com a visibilidade dada a luta da comunidade que persiste há décadas, a gente também conseguiu trazer uma proteção para essas (es) sujeitas (os).



Imagem XXI: arquivo GEPEEP

Finalizando, ela reitera que: **especialmente as mulheres tiveram e tem um protagonismo muito forte na comunidade em todos os espaços seja na organização, militância ou na área ambiental, visto que são elas que ficam atentas a preservação das palmeiras de babaçu e das águas, elas que fazem as falas de enfrentamento e puxam a organicidade lá dentro.** São as mulheres trabalhadoras do campo, quebradeiras de coco babaçu, mulheres pretas, brancas com toda a sua diversidade que encabeçam a resistência em suas comunidades.

Concluindo, Rosalva entende o Projeto Escola Comunidade Viva Deus para além da alfabetização e da proposta educacional que foi levada para a comunidade porque formou seres políticos sociais mais pensantes e atuantes para o Brasil, notadamente as mulheres. A diversidade encontrada na Viva Deus representa a constituição do povo brasileiro são potências femininas como Dona Zenilde, Zizi, Analina e Eunice que se sentiram encorajadas para dizer a sua palavra geradora de transformação e iniciaram um processo de reflexão e ação diante *situações-problemas-desafios* que constituem a vida das acampadas.



Imagem XXII: arquivo GEPEEP

Dentre as personagens da nossa pesquisa, hoje não temos a presença física da companheira Eunice, falecida em dezembro 2023, no registro fotográfico acima vestindo calça jeans e blusa preta. Uma mulher forte de alegria contagiante sempre otimista que acreditava na vitória da Comunidade Viva Deus, conforme verificamos através desta fala de fortalecimento no processo de luta da comunidade ao descobrir que as roças tinham sido envenenadas: **devemos continuar mostrando que estamos resistindo porque mesmo enfraquecidos nós devemos levantar** (07/02/2020). Como alertamos durante a escrita textual está era uma estratégia para expulsar as (os) trabalhadoras (es) da área em disputa.

Isto posto, dentre as personagens da comunidade destacamos Dona Zenilde que durante a caminhada de alfabetização e formação política apresentava interesse em compreender as *situações-problemas-desafios* enfrentados pelas (os) moradoras (es) da comunidade. Nascida no interior do Piauí Zenilde é integrante de uma família com sete irmãs. Começou a trabalhar cedo com 8 anos de idade, exercendo a função de babá, também ajudando a limar a casa das pessoas que, segundo ela, com a desculpa de proporcionar os estudos da menina pediam aos pais lavradores não alfabetizados permitiam, pois entendiam que era importante aprender a ler e neste momento iniciava uma rotina de exploração infantil.

Como podemos verificar no relato a seguir:

Eu nasci em uma cidade chamada de Bertolândia no Piauí é uma cidade pequena que fica próximo de Floriano. Quando a gente é pobre a gente já nasce lutando. Eu, desde oito anos de idade já trabalhava nas casas alheias, lá eu cuidava de criança, cuidava da casa aí passava um tempo eu voltava para casa, mas meu pai não queria (ele era lavrador) ele não queria que a gente andasse assim pelas casas. Mas ele sabia que a gente tinha a necessidade de aprender a ler, com isso as pessoas chegavam lá em casa dizendo “me dê sua filha pra ir morar comigo que eu vou botar ela pra ler, vou botar na escola e ensinar a costurar”, o povo inventava uma porção de história e meu pai, querendo o melhor para nós deixava ir (Zenilde Silva, 2020).

Em face do exposto, o relato Dona Zenilde descreve uma realidade de exploração e usurpação da infância porque ainda menina assumiu os afazeres do trabalho doméstico como tentativa de acessar, porém se deparou com uma rotina de exploração. E para fugir da dura realidade se casou aos 16 anos com o esposo com quem vive até hoje. Ela ressalta que não se reconhecia criança quando se casou, só entendeu que era criança na época que casou porque hoje faz a comparação entre ela e a neta que está com 16 anos idade. Compreensão que se torna mais evidente quando relembra as marcas deixadas por esta vivência traumática:

Eu passava o tempo todo cuidando da casa alheia, cuidando de menino, fui baba, fui doméstica e fiquei nessa vida dos oito anos de idade até os dezesseis anos. Por isso eu me casei com ele, eu só tinha dezesseis anos. Hoje olhando para minha neta que tem dezessete, entendo que eu era uma criança. Mas, naquele tempo quando eu me casei, você já não é mais criança, você começa a lutar cedo você não tem brincadeira, você não tinha infância. Hoje eu tenho minhas bonecas (fala com os olhos lagrimados), eram quatro, agora tenho três bonequinhas pretas (tão lá na roça), porque dei uma para minha afilhada por que quando ela vê as coisas ela fica encantada, aí dei uma para ela (Zenilde Silva, 2020).

Dona Zenilde relata ainda que chegou em Imperatriz através do convite da esposa de Pedro Fonseca que era professora e morava na mesma cidade, Bertolândia no Piauí. É convidada para morar em Imperatriz em agosto de 1971, a esposa do Fonseca a trouxe dizendo que aqui o salário era melhor e assim havia maior chance de ganhar um bom dinheiro. Porém ao chegar em Imperatriz a história se repetiu a esposa do Fonseca engravidava todo ano e Zenilde cuidava dessas crianças, vendo a história de vida se repetindo retirando a possibilidade de estudar.

Ela enfatiza que nunca teve oportunidade de estudar e viu no casamento a chance de vida e relata que: **naquele tempo uma mulher tinha que ter marido e eu dizia meu Deus do céu eu tenho que ter um marido, olha como eu pensava. Eu tenho que ter meu marido para ele ir trabalhar e eu ficar cuidando da casa e dos meus filhos, eu tão nova já pensava nos filhos.**

A oportunidade de estudar acontece na fase adulta e mesmo assim Zenilde afirma que foi com muita peleja porque ela tinha dificuldade de aprender o acento das palavras e essa barreira ocasionou o medo de ler em público, conforme indicado a seguir:

Só passei a estudar quando vim para Imperatriz, eu já era adulta, foi a Bia que me ensinou na Escola Urbano Rocha. Meu nome eu já sabia mesmo pelejando lá quando eu era menina o meu problema de aprender é com aquela coisa de acento, se você diz Zenilde lê isso pra mim eu fico com medo. Só sei lê para dentro, para mim (Zenilde Silva, 2020).

Por conseguinte, é possível perceber a partir dos relatos de Dona Zenilde que o incomodo diante da realidade pessoal e social vivida sempre existiu, situação que estimulou o desejo de aprender a ler para transforma a própria realidade, de igual modo, transformar a realidade de mulheres com história de vida semelhante. Nesse contexto quando o Zenilde e o esposo se unem aos acampados da Viva Deus percebe que existe uma nova oportunidade de estudar e compreender sua história de vida também as questões sociais que geram traumas na vida de muitas meninas.

Percebemos que Zenilde foi a primeira sujeita da comunidade que compreendeu o poder da educação como instrumento encorajador no processo de luta pela terra na Viva Deus. Em vista das adversidades enfrentadas por Dona Zenilde é possível compreender as razões que a provocaram para continuar buscando a escola para estudar e adquirir conhecimento e contribuir com transformação coletiva da vida em comunidade. Sempre atenta está sujeita sempre questionou a difícil realidade do acampamento, deixando visível durante as aulas o nascimento de uma mulher potente que luta para combater as opressões vividas na luta pela conquista da posse da terra e território, especialmente, ao questionar os fatores que impediam a instalação de água e energia elétrica.

Dona Zenilde foi certificada, alfabetizada, na primeira etapa do Projeto de Pesquisa e Extensão: A Formação de Alfabetizadores (as) da Educação de Jovens e Adultos da Zona Rural de Imperatriz – Projeto Escola Comunidade Viva Deus em 2017. Desse modo, após alcançar está importante conquistas, ela se sente confiante para discutir/pensar/refletir sobre as questões da sua comunidade, assim no decorrer do processo de aprendizagem foi se aprimorando através das diversas participações nos encontros de formação política organizados pelo GEPEEP em parceria com MIQCB e MST. Participando também de audiências públicas na Câmara de Vereadores de Imperatriz e reuniões com a equipe Equatorial Energia (antiga CEMAR), dentre outros momentos que a encorajaram para assumir seu protagonismo social e de vida.

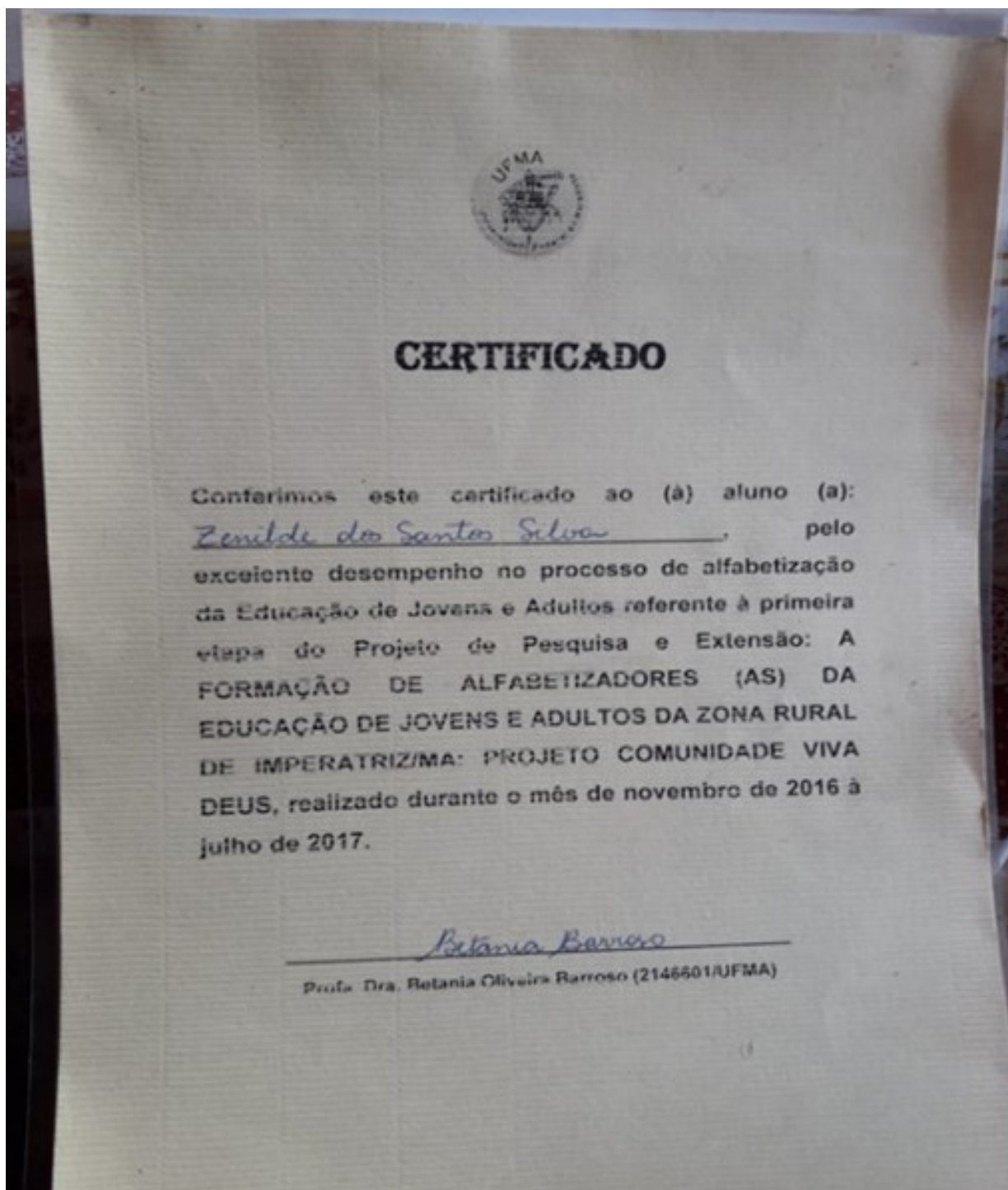


Imagem XXIII: arquivo GEPEEP

É marcante na caminhada de luta e resistência de Dona Zenilde o desejo de transformar a realidade da sua comunidade razão que a faz perseguir esse objetivo com afinho, sempre consciente do seu potencial de contribuição social com relação a posse definitiva da terra e território. Portanto, é com o sentimento de transformação da realidade vivida que em 2020, ela se filia ao Partido Comunista Brasileiro (PCB) e se candidata a vereadora pela cidade de Imperatriz, alcançando a votação expressiva de 23 votos.

Zenilde foi para disputa eleitoral com o lema: **Minha luta é em defesa das mulheres do campo e da cidade.** Sou candidata a vereadora em Imperatriz para continuar lutando pela organização das mulheres e do Poder Popular. Não vou me calar e peço seu voto, vote Zenilde Silva 21123. Este movimento revolucionário iniciado e provocado pela Educação Popular (re) afirma que “a educação é um ato político” e provoca nas (os) sujeitas (os) uma revolução de vida.

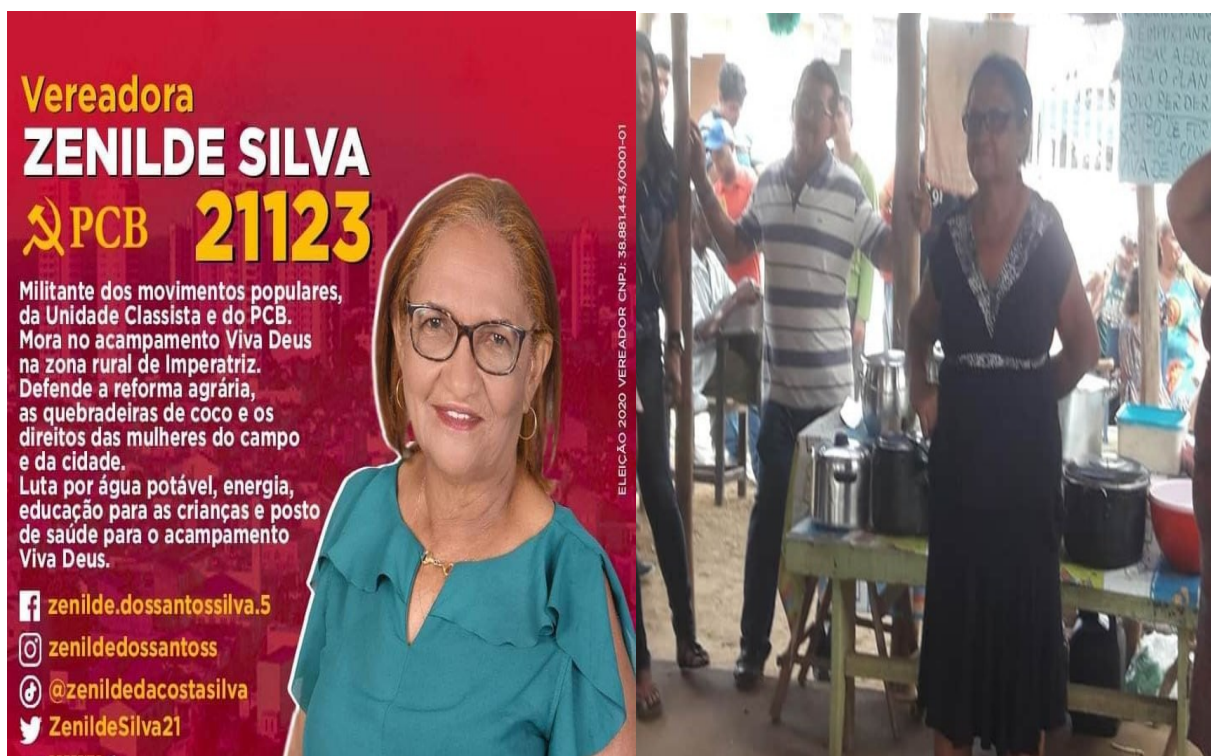


Imagem XXIV: arquivo GEPEEP

Os conflitos em torno da luta pela posse de terra no Brasil apresentam características de extrema violência e estratégias de opressão diversificada que agride os sujeitos fisicamente e economicamente neste sentido a Comunidade Viva Deus é alvo desses ataques se observarmos a negligência do Estado diante da solução definitiva do conflito. Sublinhando que nestas questões a presença do capital representado pela Empresa Suzano visa explorar ao máximo a os recursos naturais para expandir a importação dos produtos derivados da matéria prima do eucalipto. E para alcançar esse objetivo seduz as (os) trabalhadoras (es) com promessas de emprego e modernidade do estilo de vida no campo.

Nesta perspectiva é compreensivo dizer que realidade dura e cotidiana dessas (es) trabalhadoras (es) leva a exaustão, motivo que fragilizou o trabalho de alfabetização e encorajamento e das (os) sujeitas (os) na comunidade. Nesta conjuntura de ruptura as (os)

trabalhadoras (es) iniciaram um processo discussão sobre a vinda de diversas representações para dentro da área que já estava contemplada no Decreto de Lei que estabelece o assentamento de 110 famílias objeto da Matrícula nº 33.658, fls. 188, Livro 2-GT, do Cartório de Registro de Imóveis do 1º Ofício da Comarca de Imperatriz, Estado do Maranhão (Processo INCRA/SR-12/nº 54234.000089/204-21). A inércia do Estado perante o conflito entre a Empresa Suzano e a Comunidade Viva Deus pode ser constatado no documento expedido pela Procuradoria da República de Imperatriz que arquivou o inquérito de denúncia contra a empresa.

MPF

PROCURADORIA DA REPÚBLICA NO MUNICÍPIO DE IMPERATRIZ / MA

jurídica relativa ao imóvel. Cumpre registrar, ainda, que a Associação Viva Deus – interessada na expansão da desapropriação do imóvel – possui atuação firme na tutela de seus direitos e conta com o patrocínio de advogado combativo e competente em relação à questão.

Concluindo, verifica-se que houve a judicialização dos dois caminhos possíveis (que já representariam ampliação do objeto do presente procedimento): já foi proposta a ação de desapropriação para reforma agrária para dar início ao assentamento das 110 famílias; e a questão acerca da produtividade do restante da Fazenda Eldorado foi objeto de apreciação pelos Tribunais Superiores nos processos acima mencionados.

Nesse contexto, incide o teor do Enunciado 6 da Egrégia 1ª Câmara de Coordenação e Revisão:

“Cabível a homologação do arquivamento quando o objeto do procedimento ou do inquérito civil, inclusive sob a perspectiva territorial, esteja sob apreciação do Poder Judiciário e, nas ações em trâmite na Justiça Federal, atue o Ministério Público Federal como (co)autor ou interveniente”

Pelo exposto, promovo o arquivamento do presente inquérito civil, salvo em relação à apuração dos atos praticados pela empresa Suzano Papel e Celulose em 13/12/2016, objeto de declínio ao Ministério Público Estadual.

Certifique-se nos autos a distribuição do processo nº **0006888-13.2016.4.01.3701**, no qual já foi determinada a remessa ao MPF, para este 1º Ofício da PRM-Imperatriz.

Dê-se ciência aos representantes, facultando-lhes a apresentação de recurso no prazo regulamentar.

Rua Rafael de Almeida Ribeiro, 750 – Bairro Bacuri – Imperatriz/MA - CEP 65.916-900 – Fone: (99) 3529-7310
www.pmf.mpf.mg.br
6 de 7

Imagem XXV: arquivo GEPEEP

Assim sendo, concernente a perseverança, luta e resistência de Dona Zenilde e demais companheiros da Viva Deus o aprendizado adquirido continua vigente em suas mentes e se tornou uma ideologia de vida. Zenilde continua atuando firmemente com outras (os)

campaneiras (os) que despertaram para consciência crítica do contexto de opressão que estão vivendo desde 2003, conclamando aos companheiros que não desistam da luta, pois acredita que a posse da terra pelas vias legais, segundo indicado no documento de assentamento será conquistado e as 110 terão o direito de viver dignamente e em paz no território. Tendo em consideração que a notoriedade alcançada com a entrada do caso no Tribunal Permanente dos Povos é uma chance papel para esse sonho se tornar realidade.

Na condição de caso complementar a situação da Viva Deus foi apresentado e apreciado com a mesma importância dos demais casos no TPP e dentre as comunidades que participaram da assembleia a comunidade levou a representação feminina para apresentar o conflito em discussão. Momento que Dona Zenilde esteve em Goiânia no estado de Goiás para representar a Viva Deus.



Imagem XXVI: arquivo GEPEEP

Estamos apresentando um breve diagnóstico sobre a necessidade e a importância de pensar e desenvolver um sistema educacional conscientizador que valorize as vivências e saberes das comunidades e povos tradicionais que formam o povo brasileiro. E novamente, fazendo uso da práxis metodológica e educativa de Paulo Freire destacamos que:

A conscientização é, neste sentido, um teste de realidade. Quanto mais conscientização mais se “desvela” a realidade mais se penetra na essência fenomênica do objeto, frente ao qual nos encontramos para analisá-lo. [...] A conscientização não pode existir fora das “práxis”, ou melhor, sem o ato ação-reflexão. Esta unidade dialética constitui, de maneira permanente, o modo de ser ou de transformar o mundo que caracteriza os homens (Freire, 1979, n.p.).

É nesse contexto de luta contínua em busca do protagonismo perante a própria vida e da mesma maneira acreditando na conquista do território Viva Deus que Dona Zenilde segue consciente e emponderada na labuta junto aos companheiros acampados.



Imagem XXVII: arquivo GEPEEP



Imagem XXVIII: arquivo GEPEEP

Finalizando, é com base nesta tomada de consciência e socialização de desejos e objetivos comuns que as mulheres do campo se organizaram para continuar produzindo seu próprio alimento preservando a natureza, além disso, com o acúmulo de experiências adquiridas na vivência com os movimentos sociais lutam para consolidar um novo modelo de desenvolvimento que atenda a concepção desenvolvida pelo Projeto Popular de Agricultura com viés na agroecologia para manter a vida e o equilíbrio da biodiversidade. Concluindo, a união das mulheres fertilizou a diversidade de vivências que fortalecem o movimento feminino do campo com múltiplos saberes que representam a essência da pequena camponesa, pescadora artesanal, quebradeira de coco babaçu e, também das extrativistas, ribeirinhas, sem-terra, acampadas e assentadas, assalariadas rurais e indígenas, ou seja, são experiências de vida que qualificam o trabalho de todas mulheres que produzem o alimento para garantir a subsistência de suas famílias e a proteção da natureza.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta monografia possui como objetivo principal analisar a contribuição da Educação Popular de perspectiva freiriana no processo formativo e na constituição do protagonismo das mulheres da Comunidade Viva Deus. Percebemos que, a partir da intervenção da Educação Popular estas sujeitas tiveram um avanço qualitativo no tocante as ações e decisões debatidas nos Círculos de Cultura e assembleias da Associação de Agricultores Rurais Viva Deus. Desse modo, os esforços metodológicos e práticos desenvolvidos com base na premissa da emancipação humana de Paulo Freire são fundamentais para o processo de conscientização das sujeitas (os) que lutam pela conquista da terra e do território conforme os parâmetros estabelecidos pela Constituição Federal através de política de Reforma Agrária.

Desse modo, distante da percepção necessária para entender o contexto que envolve a realidade de vida no qual estão inseridas as mulheres ainda enfrentam o aprisionamento moral construído pelo sistema patriarcal dominante. Assim, a fim de responder ao nosso problema de pesquisa, temos a seguinte pergunta: qual a contribuição da Educação Popular de Paulo Freire para o processo formativo das mulheres na Comunidade Viva Deus como protagonistas no processo de luta pela terra? Assim, com a finalidade de responder esta pergunta fizemos um extenso trabalho de pesquisa-ação fazendo uso de ferramentas como Círculo de Cultura, Mística, Palavra Geradora, seminários e congressos, cursos de formação e debates com as acampadas, igualmente, desenvolvemos estratégias pedagógicas de estudos direcionados para os temas que surgiam durante o percurso das nossas atividades que contribuíram para o

encorajamento e consequentemente com o protagonismo das companheiras da Comunidade Viva Deus.

Realçando que as sujeitas buscam também conhecimento para desenvolver sua potencialidade ao máximo no sentido de gerar uma transformação social igualitária, solidária e humana. As mulheres da Viva Deus evidenciam como a práxis pode ser trabalhada na sua potencialidade quando são respeitados aspectos fundamentais para a existência dos sujeitos. Quer dizer compreender a realidade que os cerca, pois este é o ponto de partida para a busca de explicação e, posterior, solução das *situações-problemas-desafios* visando a transformação desta realidade pela ação das próprias sujeitas.

A caminhada para conquista do protagonismo feminino ocorre porque vivemos numa sociedade classista e patriarcal que compreende a educação tradicional modelo único de aprendizagem, entendimento que corrobora para manutenção de indivíduos alheios as opressões que vivenciam socialmente. Mediante análise fica comprovado que a Educação Popular contribuiu de maneira eficaz no processo de encorajamento e protagonismo das sujeitas considerando que, ao se perceberem parte integrante do mundo, elas se constituíram sujeitas críticas, conscientes e agentes de transformação com potencial para lutar pelo objetivo principal da comunidade, a posse da terra e território.

No tocante a metodologia empregada, trabalhamos com ensino e aprendizagem valorizando as especificidades da educação, igualmente, da constituição humana das trabalhadoras (es) mediante as seguintes categorias: **Educação Popular, Emancipação Humana, Gênero e Luta no campo**. Assim, fundamentados nos princípios práticos e epistemológicos da Educação Popular, realizamos estudos com a comunidade no intuito de despertá-las (os) para a realidade do acampamento. Em vista disso, destacamos a obra: *Conscientização - teoria e prática da libertação (1979)*, de Paulo Freire, que nos permitiu aprofundar os conceitos sobre a libertação dos indivíduos mediante a conscientização das (os) trabalhadoras (es) pela alfabetização do mesmo modo trabalhamos conceitos de gênero e classe através da produção intelectual de Rosa Luxemburgo e Simone de Beauvoir que discutem o processo de emancipação política e de gênero das mulheres.

As disputas pela posse da terra desencadeiam formas variadas de opressão que afetam diretamente as populações do campo avaliando que durante o processo histórico os conflitos deixaram marcados extrema de violência, resultando a perda de vidas que ousaram se levantar

contra a lógica, genocida, do acúmulo de terras no Brasil. Em relação a participação das mulheres na labuta pela posse terra o aspecto opressor da liberdade feminina representado pelo patriarcado não as impede de resistir e continuar buscando a igualdade de direitos. Ou seja, direito tanto no âmbito social no que se refere ao comportamento e direitos sobre o próprio corpo quanto no campo político momento em que a mulher ocupa espaços de poder. Além disso, fica comprovado que o encorajamento e protagonismo das sujeitas do campo é possível através do fortalecimento da identidade e pertencimento dessas (os) sujeitas (os) a seus territórios.

Demonstrado, ainda, que a conscientização das mulheres da Viva Deus as tornou parte integrante do mundo, mulheres potentes que sabem dizer a sua palavra geradora de transformação. Iniciando pelas suas vidas e, de igual modo, modificando a realidade social que vivem. Finalizando, o cuidado com a terra do ponto de vista da proteção a biodiversidade também das culturas que representam os povos do campo, ribeirinhos, povos das águas, indígenas, quebradeiras de coco babaçu e a agricultura familiar são fundamentais para garantir a nossa existência no mundo que está ameaçada pelas instabilidades climáticas que vivemos atualmente. Concluindo, a conexão entre natureza e produção sustentável compõe o conjunto de valores que regem a vida das comunidades tradicionais, assim, o protagonismo feminino do campo é um movimento que assegura para a sociedade, igualmente, ao planeta a possibilidade de estabelecer o equilíbrio necessário para o Bem Viver.

REFERÊNCIAS

- ACOSTA, Alberto. **O bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos**. 1ª edição. Editora Autonomia Literária. São Paulo, 2016.
- ARROYO, Miguel G. **Imagens quebradas: trajetórias e tempos de alunos e mestres**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.
- BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo, ensaios filosóficos**. 4ª ed. Difusão Europeia do Livro. São Paulo, 1970
- BRANDÃO. C. R; ASSUNÇÃO. A. **Cultura rebelde: escritos sobre a educação popular ontem e agora**. Editora e Livraria Instituto Paulo Freire. São Paulo, 2009.
- DEMO, Pedro. Pesquisa qualitativa. **Busca de equilíbrio entre forma e conteúdo Rev. latino-am. enfermagem**. Ribeirão Preto, v. 6, p. 89-104, abril, 1998.
- FREIRE, Paulo. **Cartas à Guiné-Bissau: registro de uma experiência em processo**. Ed. 4ª. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação – uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.
- _____. Paulo. **Educação e mudança**. Ed. 1º. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.
- _____. Paulo. **A Educação na cidadania**. São Paulo: Cortez, 1991.
- _____. Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Ed. 17º. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- _____. Paulo. **Educação como Prática da Liberdade**. Ed. 12º. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- FRÖLICH, Paul. **Rosa Luxemburgo: pensamento e ação**. Ed. 1ª. São Paulo: Boitempo; Iskra, 2019.
- GAMBOA, S. S. **Pesquisa em Educação: métodos e epistemologias**. Ed. 1º. Chapecó: Argos, 2008.
- _____. S. S., **Pesquisa qualitativa: superando tecnicismos e falsos dualismos**. Contrapontos - volume 3 - n. 3 - p. 393-405 - Itajaí, set./dez. 2003. (www6.univali.br/ser/index.php/rc/article/download/735/586) (acessado em dezembro 2013).
- LUXEMBURGO, Rosa. **Rosa Luxemburgo e o protagonismo das lutas de massa**. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

LASCH, Christopher. **A mulher e a vida cotidiana: amor, casamento e feminismo**. 1ª ed. 1999.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. Ed. 10ª. São Paulo: Editora Hucitec, 2007.

REIS, Renato Hilário dos. **A constituição do ser humano: amor-poder-saber na educação/alfabetização de jovens e adultos**. Campinas, SP: Autores Associados, 2011.

Artigos

BONI. Valdete. Movimento de Mulheres Camponesas: um movimento camponês e feminista. **Revista Grifos**. v. 22, n. 34/35, 2013. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/grifos/article/view/1259>. Acessado em: 30/01/2024.

LUXEMBURGO. Rosa. Sufrágio feminino e luta de classes. **Marxists Internet Archive**. 2003. Disponível em: <https://marxists.org/archive/luxemburgo/1912>.

Michela. Feminismo camponês popular: contribuição à história do feminismo. **RURIS (Campinas, Online)**, Campinas, SP, v.13, 2021. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/ruris/article/view/17016/11703>.

RUA, João. A resignificação do rural e as relações cidade-campo: uma contribuição geográfica. **Revista da ANPEGE**, v. 2, n. 02, p. 45–65, 2017. DOI: 10.5418/RA2005.0202.0004. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/anpege/article/view/6611>. Acessado em: 01 de nov. 2023.

SANTOS. Iolanda Araújo Ferreira dos. BETTO. Janaina. Movimentos Sociais Rurais e Feminismos: percursos e diálogos na construção do Feminismo Camponês e Popular. **Caderno CRH**, [S. l.], v. 34, 2021. Acessado em: 30/01/2024. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/crh/article/view/423440>.

Links acessados

Presidência da República. Casa Civil. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm. Acessado em: 11/11/2023.

Centro Feminista de Estudos e Assessoria. Disponível: https://www.cfemea.org.br/plataforma25anos/_anos/1986.php?iframe=1986_1_encontro_rural. 1. Acessado em: 30/01/2024).

Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Link: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf. Acessado em: 19/02/2024.

Mulheres do MST criam relações de gênero dentro e fora do movimento. Disponível em: <https://mst.org.br/2014/01/31/mulheres-do-mst-criam-novas-relacoes-de-genero-dentro-e-fora-do-movimento/>. Acessado em: 30/01/2024.

Mulheres Sem Terra rompendo cercas fazendo história: 40 anos de MST. Disponível em: <https://mst.org.br/2024/01/08/mulheres-sem-terra-rompendo-cercas-fazendo-historia-40-anos-de-mst/>. Acessado em: 30/01/2024.

Sites/USP. Disponível: <https://sites.usp.br/portalatinoamericano/pt/espanol-via-campesina>. Acessado em: 30/01/2024.

Tribunal dos Permanente dos Povos em Defesa dos Territórios do Cerrado. Link; <https://tribunaldocerrado.org.br/tpp/>. Acessado em: 22/02/2024.

ANEXOS

1 TRECHOS DO PRIMEIRO DIÁRIO DE CAMPO

Encontro realizado na Comunidade Viva Deus em 04/04/2018.

Meu primeiro dia na comunidade. Tivemos o momento de recepção por parte da Comunidade Viva Deus, os acadêmicos se apresentaram fazendo um breve relato de suas trajetórias (história de vida. Iniciando os relatos o Presidente da Associação de Agricultores Rurais, ele comentou sobre o grave momento que estamos vivendo com a prisão do Presidente Luís Inácio Lula da Silva. Conforme o relato do presidente da Associação, a Empresa Companhia Vale do Rio Doce – CVRD tentou comprar a área destina para assentamento denominada Fazenda Eldorado. A compra da área para assentamento tramita nas instâncias do Supremo Tribunal Federal- STF. A documentação para que seja concedida a posse do território aos trabalhadores já está em tramite e, por essa razão, a Empresa VALE foi impedida de obter a posse da Fazenda Eldorado. Ressaltou ainda que, devido a tentativa da empresa é urgente fazer contato com o Advogado Rafael Silva que atua junto ao Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu -MIQCB. A presença do advogado seria uma tentativa de interceder junto ao Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA, pois a esperança é que um novo recurso (dinheiro) seja disponibilizado para o pagamento da área em questão.

JULLYANA: fez a leitura do documento que negou a venda da área de assentamento para a empresa VALE. Após a leitura do mesmo os companheiros da comunidade que estavam no momento se pronunciaram, ficou visível a preocupação de todos com a falta de informação sobre o andamento do processo de compra da terra. Nota: Rafael Silva advogado do MIQCB, já esteve em outra ocasião na Comunidade Viva Deus para conscientizá-los sobre a importância do uso da terra por parte das (os) trabalhadoras (es) rurais. Que devem cultivar a terra fazendo o plantio dos diversos frutos e sementes, desta forma a terra fica caracterizada como fértil.

Profa. BETANIA: Esclareceu algumas dúvidas sobre o papel do advogado Rafael Silva junto as negociações com o INCRA, uma das ressalvas é que para trazer Rafael existe uma logística prévia que deve ser tratado com o MIQCB, ainda, que existe um custo financeiro para trazê-lo até a cidade de Imperatriz, pois o mesmo reside em São Luís, capital do Estado do Maranhão. Informou ainda que, irá a Brasília, antes da viagem fará contato com Rafael Silva para entender como está a disponibilização de recursos para a compra a área de assentamento (Fazenda Eldorado), entender se realmente teremos um novo recurso para fazer a compra. Nota:

a verba para aquisição definitiva da fazenda, fora disponibilizada em um primeiro momento chegando até os cofres da Caixa Econômica Federal – CEF, no entanto, tomou rumo desconhecido, inviabilizando assim a compra da área reservada para assentamento.

CEARÁ: Relata o sentimento de tristeza que sentia por terem negado o habeas corpus para o ex-presidente Lula que culminou em sua prisão, reforçando o sentimento de tristeza, Ceará diz que passou o dia inteiro triste, mesmo assim continuo falando sobre o assunto com os companheiros. Nota: A prisão de Luiz Inácio Lula da Silva ocorreu no dia 7 de abril de 2018, após o ex-presidente se entregar à Polícia Federal (PF) no Sindicato dos Metalúrgicos do ABC em São Bernardo do Campo, na Grande São Paulo, e durou até o dia 8 de novembro de 2019. Encaminhamento para o próximo encontro fazer contato com o NICEB; ir até a SEDES em Imperatriz para obter informações sobre o NIS; conseguir cartilhas informáticas sobre o Programa Bolsa Família.

1 DECRETO PRESIDENCIAL 30 DE DEZEMBRO DE 2014.

Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos

Declara de interesse social, para fins de reforma agrária, o imóvel rural denominado Fazenda Eldorado, situado nos Municípios de Imperatriz e Cidelândia, Estado do Maranhão.

DECRETA: Art. 1º Fica declarado de interesse social, para fins de reforma agrária, o imóvel rural denominado Fazenda Eldorado, com área registrada de doze mil, duzentos e sessenta e sete hectares, quarenta e um ares e setenta e três centiares, área medida de doze mil, trezentos e quinze hectares e trinta e três ares, e área visada de três mil, duzentos e noventa e sete hectares, e setenta e nove ares, situado nos Municípios de Imperatriz e Cidelândia, Estado do Maranhão, objeto da Matrícula nº 33.658, fls. 188, Livro 2-GT, do Cartório de Registro de Imóveis do 1º Ofício da Comarca de Imperatriz, Estado do Maranhão (Processo INCRA/SR-12/nº 54234.000089/204-21). Brasília, 30 de dezembro de 2014; 193º da Independência e 126º da República.

DILMA ROUSSEFF

Miguel Rossetto

3 RELATO DE VIVÊNCIA DE DONA ZENILDE, OUTUBRO DE 2020.

Pergunta1- Quem é a Zenilde: Eu nasci em uma cidade chamada de Betulinha no Piauí é uma cidade pequena que fica próximo de Floriano. Quando a gente é pobre, a gente já nasce lutando. Eu desde oito anos de idade que eu trabalho nas casas alheias, lá eu cuidava de criança, cuidava da casa aí passava um tempo eu voltava para casa, mas meu pai não queria (ele era lavrador) ele não queria que a gente andasse assim pelas casas. Mas ele sabia que a gente tinha a necessidade de aprender a ler, com isso as pessoas chegavam lá em casa dizendo “me dê sua filha pra ir morar comigo que eu vou botar ela pra ler, vou botar na escola, ensinar a costurar”, o povo inventava uma porção de história e meu pai, querendo o melhor para nós deixava ir. Eu passava o tempo todo cuidando da casa alheia, cuidando de menino, fui baba, fui doméstica e fiquei nessa vida dos oito anos de idade até os dezesseis anos. Por isso eu me casei com ele (Sr. Barbosa), eu só tinha dezesseis anos, hoje olhando para minha neta que dezessete, entendo que eu era uma criança. Mas, naquele tempo quando eu casei, você já não mais criança, você começa a lutar cedo, você não tem brincadeira, você não tem infância. Hoje eu tenho minhas bonecas (fala com os olhos lagrimados), eram quatro, agora tenho três bonequinhas pretas (tão lá na roça), porque dei uma para minha afilhada porque quando ela vê as coisas ela fica encantada, aí dei uma para ela. Desse trabalho de doméstica eu ganhava aquele dinheirinho, eu dava para minha mãe o dinheirinho, porque nós éramos sete irmãs (tudo mulher), a minha mãe era mãe solteira, meu pai tinha outra família, entendeu.

Pergunta2- Como foi a sua vinda para Imperatriz: Eu vim para Imperatriz em 26 agosto de 1971, a gente conhecia uma família que também era de lá, de Bertulinha no Piauí, aí a mulher do Pedro Fonseca me convidou para vir pra Imperatriz, dizendo “vamos pra lá, que lá a gente ganha mais”, já que ela dizia que aqui (Imperatriz) o salário era melhor eu vim eu ia poder ajudar mais a minha mãe, vim. A mulher que me trouxe era professora, ela tinha menino todo ano e eu nunca tive oportunidade de estudar, ela paria, mas era doente ela tinha puxado, sabe, ele ficava cansada. Dos meus oito anos até os dezesseis eu nunca tive oportunidade de estudar, lá na casa da minha mãe ainda fui pra escola, era pouca coisa, porque logo eles vinham e me pedia para meus pais. Quando eu chego aqui, em outubro de 71 eu vi este marido (Sr. Barbosa), nós começamos a conversar no dia 11 de outubro de 1971, eu fui levado para o Olha d’água do Paulo, aqui no caminho quando a gente vai para a roça, então, eu vi ele naquela tarde. Depois da conversa que tivemos naquela tarde, eu fui embora e pronto, eu passei um tempo nesse interior, foi um tempo difícil muito difícil para mim. Sabe por quê? Eu saí do Piauí para vir para Imperatriz, a mulher me enganou, ela não morava aqui, quando eu vi, ela pegou o carro

e desceu mata a dentro eu perguntei “meu Deus” o que eu estou fazendo aqui. A minha cidade é pequena, mais lá eu tinha minha família meus amigos, quando ela chegou na casa dela disse é aqui que eu moro, um lugar que na época tinha sei lá, três casas. Eu ia completar dezessete anos em abril de 71, quando vi esse marido de novo parece que era novembro ou dezembro do mesmo ano. E a partir daí a gente começou uma história e ele querendo casar comigo e eu dizendo que sim, mas sabe “não era aquela coisa assim de verdade, acreditando”, e a coisa ficando séria e eu levando mesmo sem acreditar, até que chegou o dia do casamento. Nós casamos no dia 05 de fevereiro de 1972, com seis meses que eu saí da minha cidade, casei com o Barbosa. A gente morando no Açaizal, uma tristeza sabe, é muito difícil a gente precisa ter uma cabeça boa.

Pergunta3- Qual a profissão dos seus pais: Meus pais eram lavradores, é assim, meu pai já tinha uma família e namorou a minha mãe, entendi. Meu pai não morava com a minha mãe, depois com um tempo ele largou a primeira família e foi lá pra casa, mas nem demorou, ele largou a minha mãe também e foi morar só. Meu pai era sem vergonha, assim, eu tenho minha família, mas eu dou assistência pra lá também. Por isso que eu pensava, eu quero ter meus filhos com meu marido. Olha quando eu ia pra casa do meu pai eu não chamava ele de pai, na presença da família dele, porque eu tinha vergonha. Sou uma criança vergonhosa desde pequena. Quando eu chamava ele de pai, a mulher dele olhava e dizia: tu lá tens pai, filha de rapariga tem pai, você acha que isso é coisa de dizer para uma criança. Naquele tempo uma mulher tinha que ter marido, e eu dizia “meu Deus do céu eu tenho que ter um marido”, olha como eu pensava: eu tenho que ter meu marido para ele ir trabalhar e eu ficar cuidando da casa e dos meus filhos eu tão nova, já pensava nos filhos. Meu marido nunca gostou de trabalhar empregado, mas era meu sonho que ele se empregasse, ele gostava de trabalhar mesmo era por conta. Ficamos morando no Açaizal de roça, entre os anos de 1972 e 1974 nós compramos esse barraco aqui (na Cidade de Imperatriz), em 1975 a gente mudou pra cá, aí sim eu tava morando em Imperatriz. Mas, ainda continuei um tempo no Açaizal, engravidei, quase morri, nessa época não tinha esses hospitais que tem hoje o primeiro e o segundo parto foi nas mãos de parteira. No Açaizal eu tive três gravidez, as duas primeiras os meninos morrerem, a terceira que é minha menina escapou. Aqui tive mais quatro e aqui um morreu também eu tive nove filhos. O Dr. Guará era meu médico aqui, era muito bom, meu marido fez o INPS que na época era quase igual a esse negócio de plano de saúde.

Pergunta4- Quando a senhora teve a oportunidade de estudar: Só passei a estudar quando vim para Imperatriz, eu já era adulto, foi a Bia que me ensinou na Escola Urbano Rocha,

meu nome eu já sabia, pelejando lá quando eu era menina, meu problema de aprender é com aquela coisa de acento, se você diz Zenilde lê isso pra mim eu fico com medo. Só sei lê para dentro, para mim. O Barbosa já era fotografo, lá no Açaizal ele é que tira foto de batizado, daquelas festas e quando viemos para cá, ele abriu esse salãozinho aqui na frente e começou a trabalhar com foto 3x4 e fazia também a foto da lembrança escolar daquele tempo e eu ia junto pra ajudar, dava um dinheiro, mas aí veio a foto digital isso foi uma queda pra nós. Quando ficou fraco trabalhar com as fotos, o Barbosa endoidava e ia pros garimpos e me deixava aqui com cinco menino, entendeu, pra eu dar comida, roupa, calçado, escola que pedia tudo (e lembra que naquele tempo as escolas pediam tudo, lápis, caderno, papel higiênico), aquilo era uma malvadeza com os pais pobres. O Barbosa ia para o garimpo e chegava aqui com cara de amélia, nunca bamburrou, uma vez rumo de Itaituba e ganhou um dinheiro ele veio, mas não sei o que foi feito porque o dinheiro voo, mas ainda aproveitei um pouco, tinha muito tempo que eu não ia na minha cidade, depois de sete anos voltei com esse dinheiro.

4 IMAGENS DAS AULAS MINISTRADAS NO GALPÃO DA ESCOLA COMUNIDADE VIVA DEUS.





REGISTROS DA PRODUÇÃO DE ALIMENTOS DA I E II FESTA DA COLHEITA

I FESTA DA COLHEITA _ MANDALA VIVA



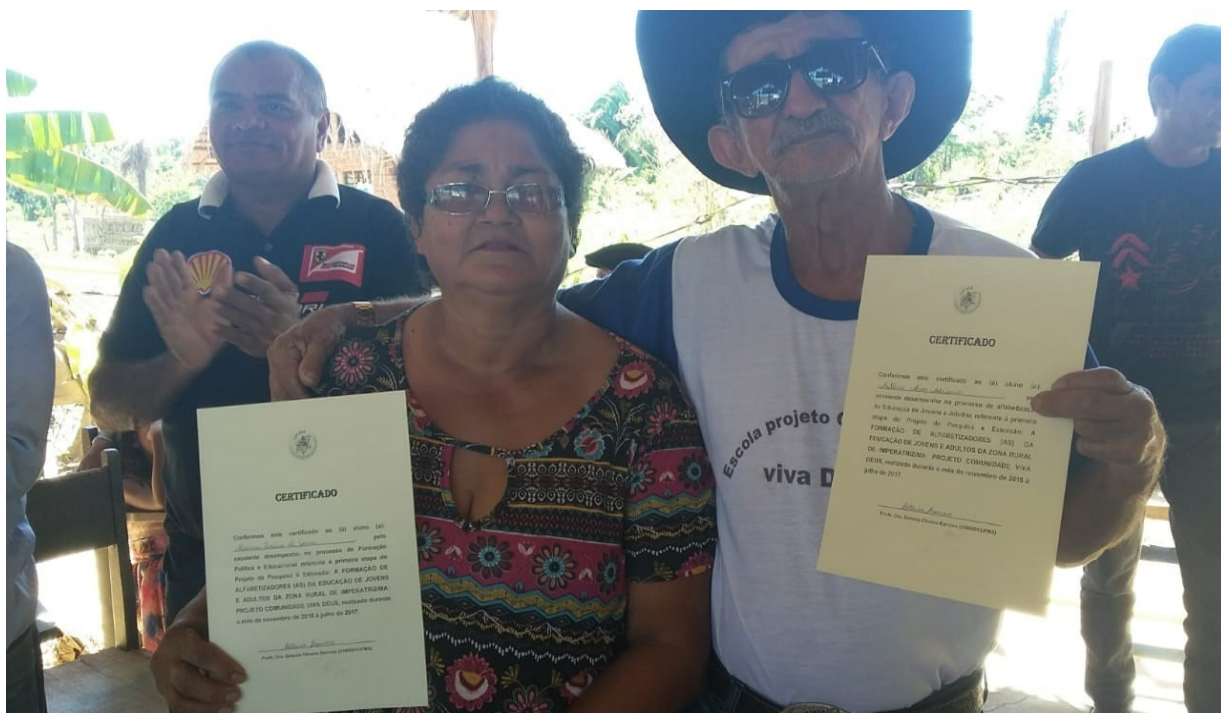
II FESTA DA COLHEITA – MANDALA VIVA





**9 CERTIFICADO DE ALFABETIZAÇÃO DOS EDUCANDOS NO PROJETO
ESCOLA COMUNIDADE VIVA DEUS**





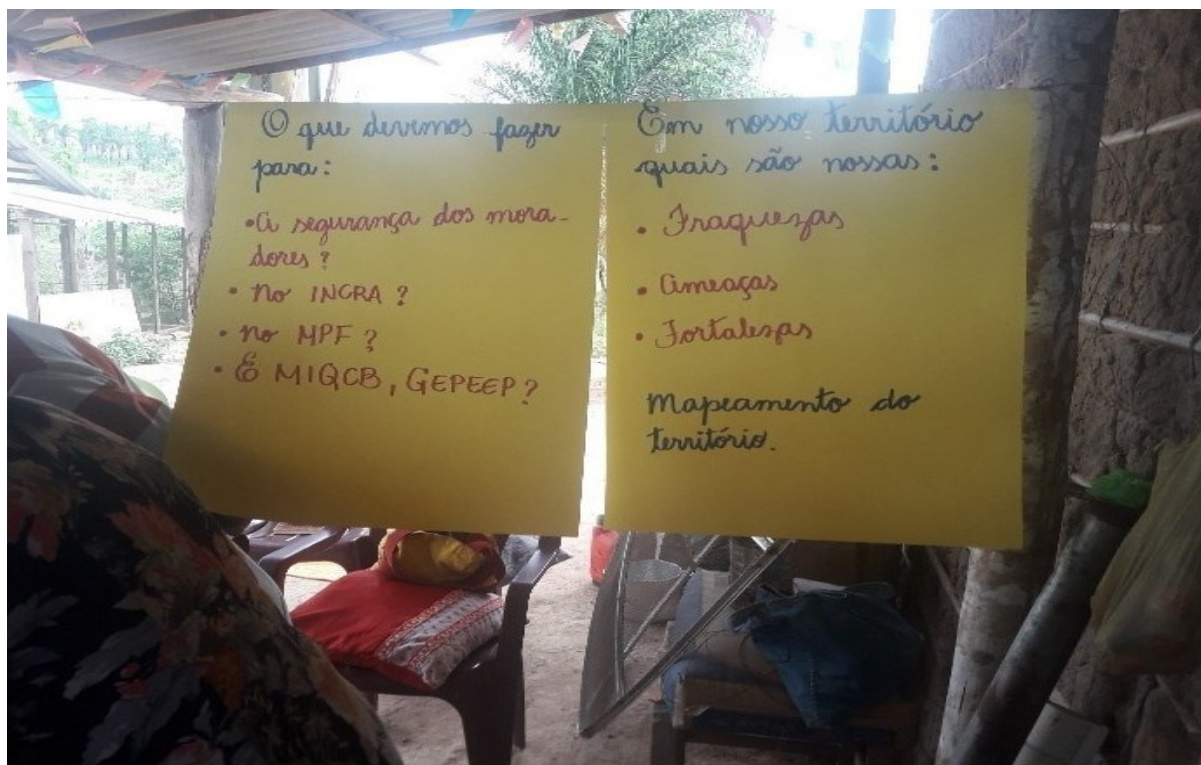
10 ATIVIDADES DE FORMAÇÃO E PARTICIPAÇÃO DAS ALUNAS (OS) NA COMUNIDADE VIVA DEUS



**11 I FESTA DO COCO NA COMUNIDADE DE PIFEIROS EM
AMARANTE DO MARANHÃO**



12 CONSTRUÇÃO DA CARTOGRAFIA SOCIAL DA COMUNIDADE VIVA DEUS



**12 APRESENTAÇÃO DO CONFLITO COMUNIDADE VIVA DEUS
NO TRIBUNAL DOS POVOS**





*os registros fotográficos apresentados neste trabalho de conclusão de curso pertencem ao acervo particular do Grupo de Ensino Pesquisa e Extensão em Educação Popular – GEPEEP e do Movimento Interestadual de Quebradeiras de Coco – MIQCB.